Retábulos na Diocese de Bragança-Miranda



Francisco Lameira
D. José Cordeiro
Martina del Rio João
P.e António A. Ferreira Pires

2005

01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).
Francisco Lameira

2006

02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 – 1759* (impresso).
Francisco Lameira

2007

03 *O retábulo no Algarve* (impresso).
Francisco Lameira

2009

04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).
Francisco Lameira

2013

05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 *Retábulos Relicários* (impresso).
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

15 *Retábulos na Diocese de Leiria – Fátima* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

19 *Retábulos nos Açores* (impresso).
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira

21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata Malcher de Araujo

22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

27 *Retábulos na Diocese de Bragança-Miranda* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, D. José Crdeiro, Martina del Rio João e P.e António A. Ferreira Pires



Promontoria Monográfica História da Arte 27

Retábulos na Diocese de Bragança-Miranda

Francisco Lameira
D. José Cordeiro
Martina del Rio João
P.e António A. Ferreira Pires

EDIÇÃO
Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

PARCERIA
Diocese de Bragança - Miranda

DESIGN GRÁFICO
Martina del Rio João

FOTOGRAFIA

Padre Amaro Pombal, padre Aníbal da Anunciação, padre António A. Ferreira Pires, Arménio Gomes – Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro, padre Bruno Barbosa, Bruno Luís Rodrigues, padre Carlos Fonseca, CCR – DBM, padre Delfim Gomes, Comissão de Arte Sacra da Diocese de Bragança - Miranda, DRCN, padre Francisco Ferreira, padre Francisco Pimparel, Guilherme Moutinho – UFSSMM, Hélio Ramos, IHADBM, Inês Afonso Lopes, Joaquim Inácio Caetano, José Afonso – Junta de Freguesia de Tuizelo, José Bernardo Carvalho, padre José Carlos Martins, D. José Cordeiro, MAB – DRCN, padre José Vicente, padre Manuel Rodrigues, Maria José Pedrosa, Município de Bragança, Município de Carrazeda de Ansiães, Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro, Município de Miranda do Douro, Município de Mirandela, Município de Mogadouro, Município de Torre de Moncorvo, Município de Vinhais, Patrícia Caldeira, Paulo Barreira, Paulo Bastos, Paulo Ladeira, Paulo Lopes, padre Paulo Pimparel, padre Roberto Carlos Felipe, padre Rufino Xavier, Sandra Afonso, Santa Casa da Misericórdia do Algoso, Santa Casa da Misericórdia de Mirandela, Santa Casa da Misericórdia de Mogadouro, padre Sérgio Pera, Sipa – IHRU, Sofia Bernardo, padre Tiago Alves, Unidade Pastoral de Ansiães, Unidade Pastoral de Miranda do Douro, Unidade Pastoral de Santa Maria Maior, Unidade Pastoral Senhora da Saúde, padre Vítor Magalhães.

EDIÇÃO DAS IMAGENS
Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9023-61-1

LOCAL E ANO
Faro | 2021

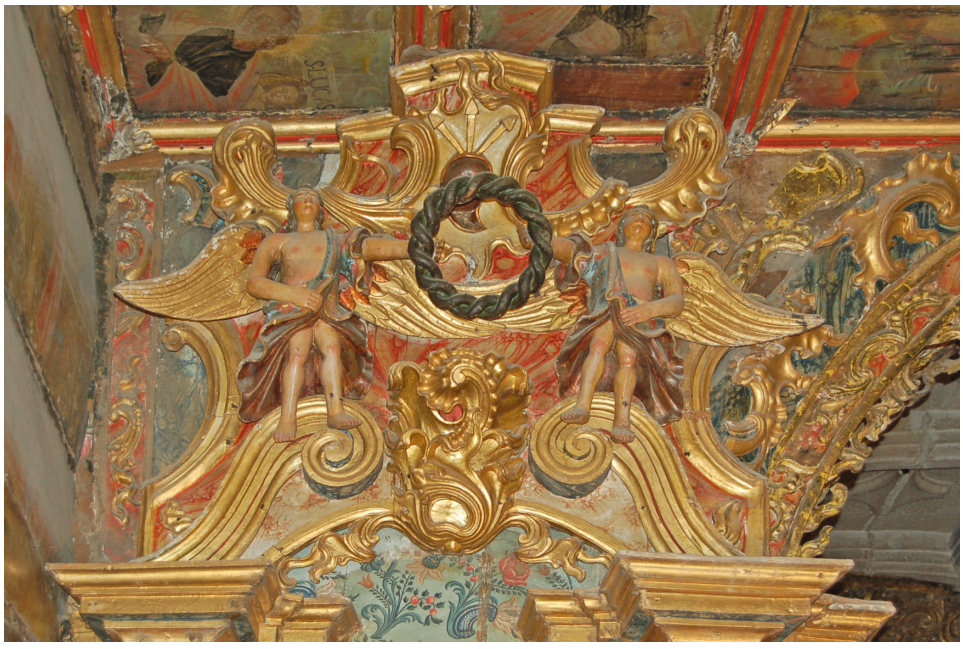
APOIOS

CAPA: Pormenor do retábulo das Almas, na igreja paroquial de Macedo de Cavaleiros. Foto Padre Roberto Carlos Felipe.

CONTRACAPA: Pormenor do retábulo-mor da igreja paroquial de Seixo de Ansiães. Foto Município de Carrazeda de Ansiães.

Índice:

Editorial..... 7
Introdução..... 9
A diocese de Bragança - Miranda..... 17
Retábulos na diocese de Bragança - Miranda
-Localização..... 21
-Usos e funções..... 30
-Iconografia..... 38
-Encomenda..... 46
-Tipologias e modelos compositivos..... 54
-Periodização..... 65
-Filiação..... 90
-Materiais e técnicas..... 94
-Produção artística..... 103
Catálogo de projetos de retábulos..... 151
Mapa de localização dos retábulos do catálogo..... 156
Catálogo dos retábulos selecionados..... 159
Bibliografia 246



Ferreira (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo do Senhor Cruxificado.
Foto IHADBM, inv. 7851.



Ferreira (Macedo de Cavaleiros). Igreja. paroquial. Pormenor do retábulo-mor. Foto IHADBM, inv. 7849.

Editorial

Dando continuidade aos anteriores volumes da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português, a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, de parceria com a Diocese de Bragança – Miranda, assume a publicação do vigésimo sétimo volume, com o título *Retábulos na Diocese de Bragança - Miranda*.

O vasto e valioso património retabular ainda subsistente nesta diocese, onde se incluem vários exemplares da maior proeminência a nível nacional, constitui um dos mais relevantes testemunhos identitários da região. De salientar que alguns destes espécimes foram concebidos e entalhados por reputados artistas forasteiros, nomeadamente da região de Entre Douro e Minho e das cidades espanholas de Zamora e Valladolid. Interessantes retábulos foram igualmente executados por mestres entalhadores da região, sobressaindo pela sua atividade Lourenço Baptista, de Miranda do Douro; João Francisco e João Duarte Pinto, de Veigas, freguesia de Quintela - Bragança.

Deste modo, damos o nosso contributo, promovendo a sua divulgação e esperamos que as diversas entidades locais, em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Assim, felicitamos os autores deste estudo: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve; D. José Cordeiro, Bispo da Diocese de Bragança-Miranda, Martina del Rio João, investigadora e colaboradora desta coleção e o Padre António A. Ferreira Pires, presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra e Bens Culturais da Igreja.

Nuno Ferreira Bicho

Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve



Miranda do Douro. Igreja da Misericórdia. Retábulo de Nossa Senhora da Misericórdia. 1683 - Francisco Álvares.
O embasamento resulta de uma intervenção bastante posterior. Foto Arménio Gomes.

Introdução

Tal como temos referido nos volumes anteriores, os retábulos devem ser abordados como um capítulo autónomo da história da arte e não enquanto variante da talha ou das artes decorativas.

Situados maioritariamente no interior dos templos, isto é, na *Casa do Senhor*[1], estes equipamentos, que enquadravam a mesa do altar, eram entendidos como *necessárias para o aumento do culto divino e para a maior perfeição e asseio*. Consequentemente os responsáveis religiosos consideravam-nos imprescindíveis, como se verifica com alguma regularidade na documentação remanescente. Vejamos exemplos em duas visitações, ambas referentes ao concelho de Macedo de Cavaleiros: em outubro de 1687, na freguesia de São Martinho de Lagoa, é dito *e por nos constar que a igreja do Espírito Santo* ***está sem retábulo****, poderão os fregueses comprá-lo para* ***reparar a indecência*** *com que a ermida está*[2]; em abril de 1700, em Pinhovelo: *acha-se esta igreja* ***sem retábulo****, assim no altar como nos colaterais, com que* ***com muita indecência*** *se celebram os ofícios divinos*[3].

Durante séculos decorreram nos retábulos os principais eventos litúrgicos promovidos nos espaços onde se localizavam. Sem eles não se justificava a existência de qualquer edificação religiosa, da mais modesta capela ao templo de maior importância. Consequentemente transmitiam uma mensagem religiosa, que se expressava não só nas artes figurativas (pintura e escultura), mas que também recorria à arquitetura, às artes decorativas e, por vezes, à heráldica. Os retábulos afirmavam-se ainda como um símbolo do poder da entidade ou do cliente responsável pela sua administração.

Em determinados períodos, nomeadamente no Barroco, os ofícios religiosos eram celebrados intencionalmente num ambiente de ostentação e de grande envolvimento dos fiéis, conforme se verifica numa petição, de 14 de julho de 1775: d*iz o pároco de Vilar Chão e juntamente os moradores de São Lourenço, padroeiro da mesma igreja, que eles suplicantes querem fazer-lhe a sua festa no seu dia próprio* ***com toda a solenidade possível****, tendo o Senhor exposto, para o que têm todos os paramentos necessários e o melhor retábulo de tribuna fixa que tem o concelho de Monforte e juntamente quer o reverendo pároco nesse dia fazer a procissão do Sacramento, trazendo-o pelas ruas em procissão*[4].

1 Esta expressão é usada em 1830 pelo visitador, o cónego Luís Falcão, a propósito da igreja paroquial de São Bartolomeu de Macedo do Peso – Mogadouro (MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 467).
2 LEAL, 2006, p. 123.
3 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 507.
4 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 837.

O património retabular remanescente no território correspondente à atual diocese de Bragança – Miranda é constituído por um significativo acervo, subsistindo ainda muitos retábulos de grande relevância artística, quer executados por profissionais sediados na região, quer de artistas forasteiros, nomeadamente de Valladolid e Braga.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, para além de uma breve história da diocese, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos subsistentes na região em estudo. Os pressupostos utilizados nesta análise correspondem aos que utilizámos nos volumes anteriores desta coleção. Consequentemente são abordados os seguintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte há dois catálogos ilustrados, o primeiro com dois riscos ou projetos de retábulos, o segundo com fotografias a cores, de oitenta retábulos. A seleção dos exemplares recenseados neste catálogo teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abordam-se exemplares de todas as vigararias, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVII e XVIII, época de maior esplendor. No respeitante à sua qualidade, foi dada preferência não só aos exemplares mais representativos da diversidade funcional e morfológica, mas também aos que denotam algumas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, preferindo-se, sempre que possível, os retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos e de todos os que nos facultaram fotos dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições (municípios, juntas de freguesias e museus) e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram, a seguir referenciados por ordem alfabética: Padre Amaro Pombal, Amândio Felício, Ana Maria Bandeira, padre Aníbal da Anunciação, António Rodrigues Mourinho Júnior, Arménio Gomes – Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro, padre Bruno Barbosa, padre Bruno Dias, Bruno Luís Rodrigues, padre Carlos Aquino, padre Carlos Calado Rodrigues, padre Carlos Fonseca, CCRD-BM, Comissão de Arte Sacra da Diocese de Bragança - Miranda, Cristiano Morais, Cristiano Sousa, padre Delfim Gomes, DRCN, Eduardo Alves, Emanuel Campos, padre Francisco Ferreira, padre Francisco Pimparel, Guilherme Moutinho – UFSSMM, Hélio Ramos, Hugo Reis, Inês Afonso Lopes, Isabel Ale-

xandra Lopes, Jéssica Barreira, Joana Afonso, Joaquim Inácio Caetano, José Afonso – Junta de Freguesia de Tuizelo, José Bernardo Carvalho, padre José Carlos Martins, padre José Vicente, Júlia Pires, Lécio Leal, Luís Alexandre Rodrigues, padre Manuel Marques, MAB, padre Manuel Rodrigues, Maria José Pedrosa, Município de Bragança, Município de Carrazeda de Ansiães, Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro, Município de Miranda do Douro, Município de Mirandela, Município de Mogadouro, Município de Torre de Moncorvo, Município de Vinhais, Nelson Alves, Nelson Rebanda, padre Nelson Silva, Patrícia Caldeira, Paula Salema, Paulo Barreira, Paulo Bastos, Paulo Ladeira, Paulo Lopes, padre Paulo Pimparel, padre Pedro Samões, padre Roberto Carlos Felipe, padre Rufino Xavier, Sandra Afonso, Sandra Saldanha, Santa Casa da Misericórdia do Algoso, Santa Casa da Misericórdia de Mirandela, Santa Casa da Misericórdia de Mogadouro, padre Sérgio Pera, Sofia Bernardo, Susana Taveira, padre Tiago Alves, Unidade Pastoral de Ansiães, Unidade Pastoral de Miranda do Douro, Unidade Pastoral de Santa Maria Maior, Unidade Pastoral Senhora da Saúde, padre Vítor Magalhães.



Selores (Carrazeda de Ansiães). Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto Unidade Pastoral de Ansiães.

Tem seu castelo, que dizem ser o mais alto e melhor deste Reino.
É obra magnífica, mais largo em cima do que em baixo,



tem sua muralha em roda, com seis torreões que servem para as armas
(Memórias Paroquiais de 1758, in C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 68).



Quien quejir ir pa l cielo
Nun diga que nun ten tiempo,
Puode andar ne l sou serbício
I cun Dius ne l pensamiento.

Quadra Popular Url: https://mirandadodouro.com.pt/mirandes-quadras-populares/.



L pobo ancreditou-se que habie sido l Nino Jasus que eilhi apareciu para salbar la cidade.
I lhougo mandórun fazer ua eimaige para poner nun altar de la Sé Catedral.

Extrato da lenda do Menino Jesus da Cartolinha URL: https://mirandadodouro.com.pt/lenda-do-menino-jesus-da-cartolinha/



Fotos das páginas anteriores:
Bragança - cidadela. Foto Município de Bragança.
Miranda do Douro. Foto Município de Miranda do Douro.



Rettrato do bispo de Miranda (1758-1770), D. Frei Aleixo de Miranda Henriques.
Foto MAB/DRCN.

A DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA [5]

Para compreendermos um pouco da história e a definição territorial da diocese de Bragança-Miranda é imperioso considerar, desde a sua criação até aos nossos dias, quatro períodos distintos: 1545 - 1770; 1770 - 1780; 1881 - 1922; 1922 até hoje (2021).

Conscientes da impossibilidade de dizer, em poucas páginas, inclusive, o mínimo, limitar-me-ei a uma sumaríssima resenha histórica com referências imprescindíveis às datas mais importantes.

Até 1545, a base territorial da diocese de Bragança-Miranda estava integrada na arquidiocese de Braga, excetuados alguns territórios que integravam a diocese de Zamora até ao tratado de Alcanices, em 1297.

Em 22 de março de 1545, o Papa Paulo III, a pedido do Rei D. João III, cria a diocese de Miranda através da *Bula Pro excellenti Apostolicae Sedis*. A então diocese de Miranda era constituída por cinco arciprestados: o de Miranda do Douro com sessenta e oito paróquias; o arciprestado de Bragança com cento e vinte e uma paróquias; o arciprestado de Lampaças com trinta e seis paróquias; o arciprestado de Mirandela com quarenta e oito paróquias e o arciprestado de Monforte com quarenta e uma paróquias.[6]



Miranda do Douro. Concatedral.
Fonte SIPA 818613

A 5 de março de 1770, passados duzentos e vinte e cinco anos da criação da diocese de Miranda, o Papa Clemente XIV, por solicitação de D. José, através do Breve *Pastoris Aeterni*, desmembrou a diocese de Miranda em duas: a de Miranda constituída pelo arciprestado do

5 A atual designação foi concedida pela Santa Sé no dia 27 de maio de 1996.
6 CASTRO, 1946, 1, pp. 6 e 9.

mesmo nome com sessenta e oito paróquias e a de Bragança formada pelos arciprestados de Bragança, Lampaças, Mirandela e Monforte somando duzentas e quarenta e seis paróquias.

Em 27 de setembro de 1780, transcorridos apenas dez anos de coexistência das duas dioceses, o Papa Pio VI volta a unificá-las num só território, mas com sede em Bragança.

A 30 de setembro de 1881, passado um século, o Papa Leão XIII, no âmbito do reajustamento territorial das dioceses portuguesas, pela Bula *Gravissimum Christi Ecclesiarum*, integra na diocese de Bragança e Miranda o vicariato de Moncorvo ainda pertencente à arquidiocese de Braga.[7]

Atualmente, a área geográfica resulta de 20 de abril de 1922, quando o Papa Pio XI, pela Bula *Apostolicae Praedecessorum Nostrorum*, criou a diocese de Vila Real e incorporou nela dezanove paróquias do arciprestado de Monforte[8], passando desta maneira a coincidir as delimitações eclesiásticas com as civis, isto é, diocese de Bragança e Miranda e distrito de Bragança.

A diocese de Bragança-Miranda tem 6.608 Km2 de superfície e uma população residente de 122 833 habitantes (censos 2021), distribuídos pelos quatro arciprestados: Miranda, Bragança, Moncorvo e Mirandela no total de trezentas e vinte e uma paróquias.

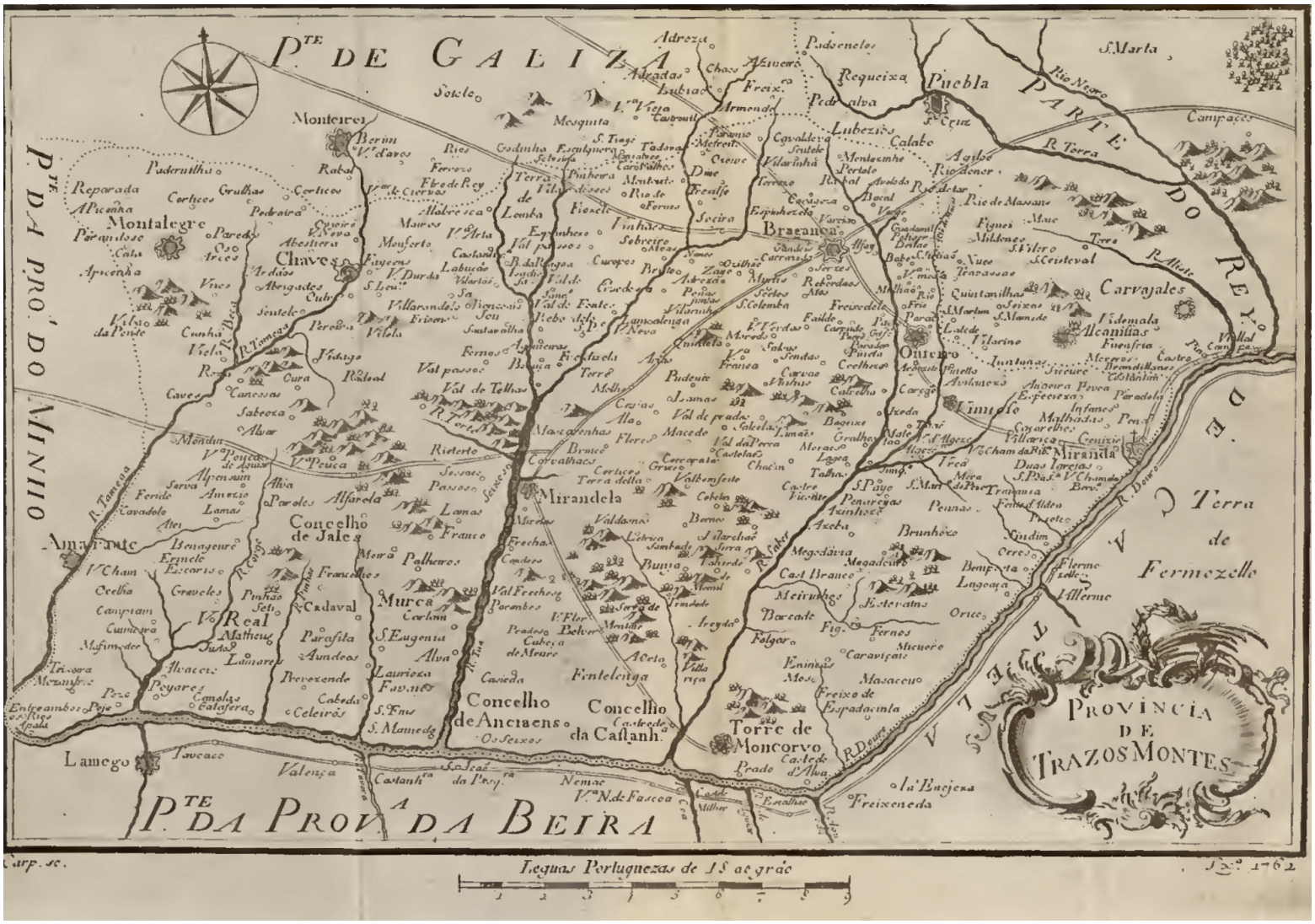
A diocese de Bragança-Miranda tem São Bento como padroeiro, sendo que a Catedral de Bragança foi dedicada a 7 de outubro de 2011, pelo bispo D. António José Rafael ('o bispo da Catedral') mantendo-se em Miranda a Concatedral.



Bragança. Catedral.
Foto Bruno Luís Rodrigues.

Padre António A. Ferreira Pires
Presidente da Comissão de Arte Sacra e dos Bens Culturais da Diocese de Bragança-Miranda.

7 PÁGINAS DA HISTÓRIA DA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA, 1997, p. 158.
8 PÁGINAS DA HISTÓRIA DA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA, 1997, p. 43.



Fonte CASTRO, 1762, p. 54a.



Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor. Foto IHADBM, inv. 6292.

Retábulos na Diocese de Bragança - Miranda

O presente estudo utiliza uma linguagem simples e acessível de modo que os principais destinatários consigam facilmente entender esta interessante modalidade artística.

Apresentamos de seguida cada um dos itens atrás mencionados.

Localização

A localização dos retábulos estava diretamente relacionada com a realização dos eventos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua gestão. Se, por vezes, havia alguma liberdade de escolha do local, noutros casos era obrigatória a sua instalação em determinados espaços. Por exemplo, as comunidades monástico-conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que administravam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor dos mesmos. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em igrejas que não eram da sua responsabilidade, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se. Caso não as houvesse, mandavam executar uma nova.

Atentemos aos diversos locais disponíveis para a disposição dos retábulos, de acordo com os exemplos encontrados.

-Capela-mor:

Era o lugar obrigatório e mais relevante, onde se situava o retábulo principal, sendo a sua encomenda e posterior gestão da incumbência da entidade que administrava o templo. Possibilitava que aí estivesse o retábulo com maior pé-direito e mais largo de todo o edifício, apontando-se como um dos mais significativos testemunhos o da concatedral de Miranda do Douro (ver p. 167).

A partir da segunda metade do século XVII, os retábulos principais, maioritariamente, passaram a acolher o camarim ou a tribuna, preenchida quase sempre por um trono escalonado, local destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Os dois exemplos pionei-



Miranda do Douro. Concatedral.
Sacrário existente no retábulo da capela-mor.
Foto D. José Cordeiro.



Miranda do Douro. Concatedral.
Retábulo de Nossa Senhora dos Remédios.
Foto SIPA 457761



Vinhais. Igreja paroquial.
Retábulo colateral ao arco triunfal.
Foto Município de Vinhais.

ros devem ter ocorrido, como indicaremos adiante com mais pormenor, nos principais templos da diocese: na sé de Miranda do Douro, na tribuna aberta, em 1681, no pré-existente retábulo de Nossa Senhora dos Remédios, localizado numa capela da cabeceira e no já desaparecido retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança.

A parede testeira da capela-mor de algumas Misericórdias foi preenchida por retábulos triplos, isto é, estreitamente associados entre si, cada um com a sua mesa de altar, podendo celebrar-se simultaneamente em todos eles. O único exemplar subsistente encontra-se na igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta (ver p. 209).

Ainda menos usual foi a colocação de três retábulos independentes, mas anexos uns aos outros, mencionando-se a título de exemplo os da ermida de Santo António, em Vilas Boas – Vila Flor.

Em casos pontuais encontramos retábulos nas paredes laterais da ousia, nomeadamente na igreja de Nossa Senhora da Encarnação do seminário apostólico de Vinhais, um dedicado ao Senhor Ressuscitado e o outro a Nossa Senhora da Boa Morte.

- Arco triunfal:

Em muitas igrejas com nave única, a parede do frontispício, junto ao arco triunfal, era preenchida por dois retábulos colaterais, normalmente gémeos. Exemplo desta situação verifica-se na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Vinhais. Estes resultaram quase sempre da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo, pretendendo-se assim dignificar esse espaço. Quando a nave era demasiado estreita, os ditos retábulos ficavam de forma enviesada, como ocorre com os da igreja paroquial de São Bartolomeu, em Vila Flor (ver p 216).

Em certas situações, os dois retábulos colaterais ao arco triunfal encontram-se interligados entre si, maioritariamente por talha doura-

da, preenchendo muitas vezes a totalidade do frontispício da nave. Como exemplos referimos o arco triunfal retabular da igreja paroquial de São Vicente, em Bragança (ver p 186) e o da igreja paroquial de Santo André, em Avantos – Mirandela (ver p 232). Em situações esporádicas e muito raras a nível nacional, o revestimento integral do frontispício da nave encontra-se articulado em quatro retábulos colaterais, dois de cada lado, conforme se verifica na igreja paroquial de São Mamede, em Guide – Mirandela.



Guide (Mirandela). Igreja paroquial.
Retábulos colaterais ao arco triunfal, no lado do Evangelho.
Foto SIPA 989634

-Transepto:

Nos templos com transepto, as paredes do topo dispunham de grandes dimensões, as maiores logo a seguir à capela-mor. Consequentemente eram locais de grande prestígio, sendo preferidos pelas ordens terceiras e irmandades mais proeminentes para aí construir os seus retábulos. A título de exemplo apontamos o da capela do Santíssimo, na concatedral de Miranda do Douro (ver p 227) e os do santuário de peregrinação de Santo Cristo, no Outeiro – Bragança. (ver p.123).

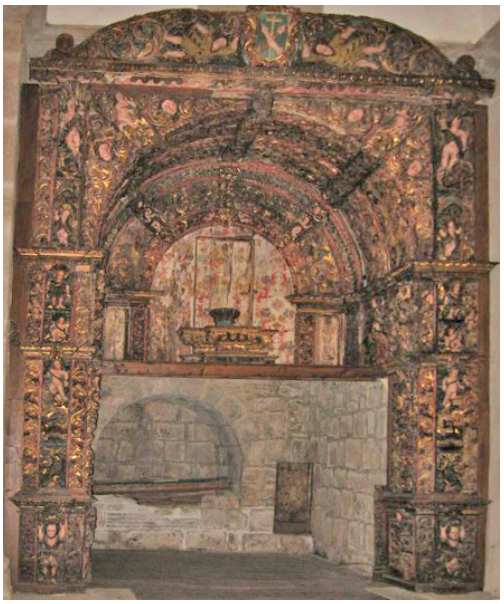
-Capelas da cabeceira:

Nos templos com capelas na cabeceira, independentemente de serem mais ou menos profundas, encontramos também retábulos nas paredes fundeiras, conforme verificamos na igreja paroquial de Nos-

sa Senhora da Assunção, em Torre de Moncorvo (ver p. 165).

-Nave(s):

A partir do Antigo Regime, os diversos retábulos secundários passaram a localizar-se preferencialmente nas paredes laterais ou então nas capelas situadas no corpo das igrejas. Nesta última situação, os retábulos situavam-se nas paredes testeiras, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis, apontando-se como exemplos os retábulos laterais da igreja matriz de Santa Maria, em Bragança (ver p. 169). Ocasionalmente, o altar podia estar numa parede lateral, encontrando-se um interessante testemunho na igreja conventual de São Francisco, em Bragança, numa capela revestida de talha, incluindo no frontispício, onde avultam as insígnias franciscanas. De salientar que o registo inferior da parede testeira, de cantaria lavrada, incorpora um arcossólio com uma arca tumular; no superior o nicho entalhado era preenchido por Cristo Crucificado no abraço místico a São Francisco.



Bragança. Igreja conventual de São Francisco.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 930267

-Sacristia:

Em cima do arcaz da sacristia era comum assentar um oratório, onde o celebrante fazia uma pequena oração antes e depois de se paramentar. Muitos desses oratórios adotavam uma composição idêntica a um retábulo, excetuando a mesa do altar. Provavelmente o testemunho mais antigo encontra-se na igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta. Nas igrejas monástico-conventuais, nas catedrais e nas colegiadas era possível haver um retábulo, como o que existiu na sé de Miranda do Douro e que foi pintado, a partir de 1634, por Alonso de Remessal[9]. Na igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança, também houve um retábulo no espaço de acesso à sacristia.



Freixo de Espada à Cinta. Igreja da Misericórdia.
Oratório da sacristia.
Foto SIPA 818252

9 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 237.

-Capela do noviciado:

As capelas do noviciado destinavam-se aos ofícios religiosos e demais celebrações litúrgicas dos noviços que, durante um ano, se preparavam para a profissão religiosa que os habilitava ao ingresso nas instituições que os acolhiam. Como testemunho mencionamos a que existiu, com o seu altar, no Seminário de Vinhais e foi inventariada em 1834[10].

-Sala do cabido:

Nas catedrais e em edifícios monástico-conventuais, também a sala capitular era provida de um retábulo, como o que seguramente existiu no convento de São Francisco, em Bragança, também conhecida por *capela de Santa Catarina*[11].



Bragança. Igreja monástica de São Bento. Edícula eventualmente pertencente a um retábulo do coro.
Foto SIPA 877220

-Coros:

Nos templos anexos a edifícios monástico-conventuais havia um ou mais retábulos, quer no coro baixo, quer no alto, de modo que os membros dessa comunidade pudessem daí assistir à celebração de alguns ofícios: *uma imitação do céu, aonde os espíritos religiosos à semelhança dos anjos se juntam com uniforme comunicação a louvar a Deus*[12]. Exemplificamos com os que seguramente existiram no mosteiro de São Bento, em Bragança.

-Claustro:

Era muito frequente a existência de várias capelas no claustro, maioritariamente de modestas dimensões, quer para uso da comunidade, quer para servir de local de enterramento de clientes de largos rendimentos. A título de exemplo mencionamos a que ainda

10 NOGUEIRO, 2015, p. 369.
11 NOGUEIRO, 2015, p. 54.
12 L. RODRIGUES, 1995, p. 361.



Bragança. Claustro do extinto colégio da Companhia de Jesus. Retábulo de uma capela. Foto SIPA 888072

subsiste no claustro do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Bragança.

-Portarias:

Determinadas casas religiosas dispunham de altares na portaria. Por exemplo, o que existia na portaria do Seminário de Vinhais, administrado pelos missionários apostólicos, em 1762 passou a ser utilizado pelos terceiros franciscanos[13].

-Refeitório:

No colégio da Companhia de Jesus, em Bragança, no início do triénio de 1643, *o padre Manuel de Manis* manda renovar *os retábulos do refeitório*[14].

-Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais:

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais muitas vezes eram dotadas de retábulos. A que existiu na cerca do mosteiro de São Bento, na cidade de Bragança, teve um retábulo doado, em 1688, pelo bispo de Miranda do Douro, D. Manuel de Moura Manuel[15].

-Enfermarias:

Do mesmo modo, as enfermarias, quer as dos hospitais, quer as de instituições monástico-conventuais, dispunham de altares destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos. Entre os bens inventariados, em 1834, no Seminário de Vinhais, é referenciado *o altar da enfermaria*[16].

13 NOGUEIRO, 2015, p. 36.
14 NOÉ, 2005.
15 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 15; L. RODRIGUES, 1995, p. 382.
16 NOGUEIRO, 2015, p. 369.

-Passos processionais:

Alguns passos processionais podiam ter modestos retábulos no seu interior, que eram expostos ao culto nos dias festivos, como os que ainda subsistem no santuário de Nossa Senhora de Balsemão *com os sete passos com imagens de vulto em capelinhas distintas ou edículas bem ornadas em memória da paixão do nosso redentor Jesus Cristo*[17].

-Capelas privativas de habitações senhoriais:

Alguns setores da população, de elevado estatuto social (nobres, clérigos e mercadores), tinham capelas privativas incorporadas nas suas habitações. Nessa capela havia obrigatoriamente um retábulo na parede testeira do presbitério, apontando-se como testemunho o que se encontra na capela de Nossa Senhora dos Prazeres, anexa à Casa dos Vasconcelos, em Torre de Moncorvo.



Torre de Moncorvo. Casa dos Vasconcelos.
Capela de Nossa Senhora dos Prazeres.
Retábulo.
Foto SIPA 63231

-Capelas privativas de casas de irmandades:

Só pontualmente as confrarias ou irmandades, designadamente as Misericórdias, dispunham de instalações destinadas à prestação de diversos serviços aos seus associados. Algumas possuíam uma capela privativa dotada de um modesto altar, como o que foi custeado em 1799 pelos mesários da Santa Casa, em Bragança[18].

-Edificações militares:

A maioria das edificações militares tinha uma capela privativa no interior do recinto fortificado, na qual havia um retábulo onde se celebravam missas para os que aí prestavam serviço. Serve de exemplo o da capela de Nossa Senhora do Castelo, em Adeganha – Torre de Moncorvo.

17 C. OLIVEIRA, 2006, p. 124.
18 CASTRO, 1948, p. 116.

-Cemitérios:

Apesar da larga maioria da população ser enterrada no interior dos templos, quer em capelas privativas, quer no solo da nave e à porta da igreja quando já não havia mais lugares disponíveis, houve alguns cemitérios mais afastados no exterior, destinados aos mais desfavorecidos.

A partir do século XIX, na sequência do aumento exponencial da população e da consequente proibição de se enterrarem os defuntos nos templos, surgem os cemitérios públicos, administrados pelos municípios, passando estes a ter uma capela ou uma casa mortuária, dotada de um retábulo, normalmente de modestas dimensões, como o que foi custeado pelo município de Bragança, nos princípios do século XX[19].



Bragança. Painel do tríptico de Santo Inácio.
Foto MAB/DRCN.

-Retábulos portáteis ou amovíveis:

Resta-nos, por fim, referir alguns exemplares de pequenas ou médias dimensões, frequentes na Idade Média e no século XVI, que normalmente estavam guardados nas sacristias e que somente eram expostos sobre o altar quando se celebravam os ofícios religiosos. Como exemplo refere-se o tríptico de Santo Inácio de Antioquia, proveniente do convento de Santa Clara, em Bragança, atualmente no Museu do Abade do Baçal, nesta mesma localidade (ver p. 163).

Salientamos ainda alguns retábulos de pequenas dimensões *utilizados em deslocações por terra ou por mar, em expedições militares, nas visitações regularmente realizados por prelados nas suas circunscrições territoriais e ainda em situações especiais, como a assistência aos enfermos e aos presos*[20], como ocorreu em 1908, na cadeia de Bragança, ocasião em que publicamente foi enforcado um dos reclusos[21].

19 CASTRO, 1948, p. 211.
20 MENDONÇA, 2016, p. 13.
21 CASTRO, 1948, p. 170.

-Retábulos deslocados:

Por vicissitudes diversas muitos retábulos foram retirados dos seus locais de origem, tendo sido transferidos para outros templos, para museus ou simplesmente destruídos. Se, em determinados casos, apenas subsistem registos fotográficos ou simples descrições, como a que é referida pelo abade do Baçal, em 1927, em Vilarinho de Agrochão, na casa do capitão-mor, cuja *capela destelhada e o retábulo - uma joia de talha - vendido a um amador por uma insignificância*[22], noutros podemos visualizá-los em locais diferentes. Vejamos alguns exemplos:

- O retábulo do santuário de Nossa Senhora do Amparo, em Mirandela (ver p. 206), doado em 1859 pelo padre Miguel Gomes Pereira e que era proveniente da antiga capela de Santo António da mesma localidade, pertença da sua família[23].

-O retábulo-mor da destruída igreja paroquial de São João Baptista, em Bragança, foi desmontado e transportado, a 25 de setembro de 1797, para a igreja paroquial de Castro de Avelãs[24].



Castro de Avelãs (Bragança).
Retábulo proveniente da igreja paroquial de São João Baptista, em Bragança.
Foto SIPA 49348

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes geralmente na casa dos seus proprietários e que eram restritos às orações familiares e em certos casos à celebração de missas, depois de obtida licença dos responsáveis diocesanos. Assim sucedeu na autorização dada, em 1788, a Tomás Luís António Leitão, morador em Bragança, podendo assistir a esses ofícios *os impetrantes mas também os seus parentes por consanguinidade e afinidade, sendo habitantes na mesma casa, seus familiares e criados que com eles viverem e forem necessários no seu serviço e familiares somente poderão ouvir missa no dito oratório os impetrantes*[25].

22 2000, 6, p. 784.
23 NOÉ, 2013.
24 L. RODRIGUES, 1997, p. 128.
25 L. RODRIGUES, 1995, p. 191.



Miranda do Douro. Concatedral.
Retábulo de São Jerónimo.
Foto SIPA 818360



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto D. José Cordeiro.

Usos e funções

Entre os exercícios espirituais praticados nos retábulos, o mais frequente era a celebração de missas. Para além das que se destinavam a toda a comunidade, realizadas aos domingos e nas várias festividades, celebravam-se ainda diversos ofícios por dia, por vezes, em simultâneo, quer como ritual obrigatório dos sacerdotes, quer para sufragar as almas dos defuntos, em maior número nas localidades mais populosas.

Deste modo se justifica a existência de múltiplos retábulos nalguns templos, por exemplo na igreja da sé, em Miranda do Douro, nas Memórias Paroquiais de 1758, são referenciados doze altares[26].

Convém, no entanto, diferenciar os retábulos, quer porque alguns eventos só podiam ser realizados num determinado altar, quer pelos diferentes conteúdos exibidos. Apresentamos, de seguida, as diversas situações detetadas, tendo em conta a função predominante.

Narrativos ou didáticos.

Tinham como função principal proporcionar aos fiéis, predominantemente iletrados, a amostragem de representações figurativas que ilustrassem a mensagem a transmitir. Esta tipologia foi muito frequente nos séculos XV e XVI, deixando praticamente de ser utilizada a partir do segundo quartel do século XVII. Na maior parte das vezes recorreu-se à pintura de temática religiosa. Menos frequente foi a utilização de painéis em relevo escultórico ou então em simultâneo pinturas e *quadros de meio relevo*. Exemplos destas situações são, respetivamente, os retábulos-mores da igreja paroquial de Algosinho (ver p. 166), da concatedral de Miranda do Douro (ver p. 167) e do santuário de Nossa Senhora do Campo,

26 C. OLIVEIRA, 2006, p. 278.

em Lamas – Macedo de Cavaleiros[27].



Adeganha (Torre de Moncorvo).
Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 678129

Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a dispersão na observação dos ciclos figurativos. Foram sempre usados, no entanto, passaram a ser da preferência da maior parte da clientela a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII, apontando-se como testemunhos o altar de Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro (ver p. 173) e um lateral da igreja paroquial de São Tiago Maior, em Adeganha –Torre de Moncorvo.

Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa à devoção a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes retábulos tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, os tramos laterais tanto podiam ser em pintura, como em escultura.

Como exemplos indicamos o retábulo lateral de Santo Estevão, na igreja paroquial de Santa Maria, em Bragança (ver p. 169) e o da ousia da ermida de São Sebastião, em Argozelo - Vimioso.



Argozelo (Vimioso).
Ermida de São Sebastião.
Retábulo.
Foto SIPA 1020071

Retábulos devocionais a vários temas

Foram pouco frequentes, tendo sido utilizados em

27 Frei Agostinho de Santa Maria descreve, em 1716, este retábulo: *novo e moderno, de muito boa talha e muito bem dourado de ouro corado, de altura 23 palmos e 18 de largo. É formado em dois corpos, divididos com colunas salomónicas e pinturas no meio. No primeiro corpo tem dois quadros da Paixão de Cristo e no meio dele se vê em um nicho uma imagem deste Senhor Crucificado, de cino palmos em alto. No segundo corpo tem outros dois quadros de meio relevo, um da Encarnação e outro da Conceição da Senhora. No meio deste corpo se vê colocada em outro semelhante nicho a imagem da Senhora do Campo, patrona e titular deste templo* (pp. 581 e 582).



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo de São Bento.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.

exemplares com um, dois ou mesmo três corpos e três tramos. Para além da representação escultórica do orago, no centro da composição, havia várias imagens individualizadas, quer em escultura, quer em pintura, da devoção da entidade responsável pela sua administração. Testemunho relevante é o retábulo, atualmente de São Bento, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 168).

Eucarísticos

Seguindo as palavras do padre Fausto Martins, as devoções das *Quarenta Horas* e do *Lausperene* são tributárias da corrente pós-tridentina, que favorecia as exposições solenes do Santíssimo Sacramento[28].

O aparecimento do *Jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do século XVII[29] e mais tarde de outros jubileus ou Lausperene, alguns de periocidade mensal, valorizaram estes eventos, que se realizavam em certos templos com grande solenidade. Em Bragança, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, o padre visitador, em maio de 1610, recomenda que *a devoção das Quarenta Horas se fará nos três dias imediatos ao da Cinzas*[30].

A exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento, na Quinta-Feira Santa ou de *Endoenças*, era realizada em equipamentos amovíveis, vulgarmente conhecidos por *sepulcros*, que se montavam e desmontavam em cada Quaresma. Para evitar a constante montagem e desmontagem e a consequente deterioração dos mesmos, surge como solução especificamente portuguesa colocar os sepulcros ou tronos, de forma permanente, no interior de um espaço que passou a existir

28 MARTINS, 1991, p. 23.

29 O primeiro ocorreu em 1608, tendo sido realizado pelos Carmelitas Descalços em Lisboa, nomeadamente pelo padre provincial frei Pedro da Anunciação: *armaram a igreja às mil maravilhas, prepararam excelente música, fizeram um trono majestoso para ali aparecer em público o rei dos céus e da terra e adornaram os altares com muita variedade de cheiros e perfumes (…). E os muito reverendos padres da Companhia foram os que mais se alegraram nos louvores da obra e se adiantaram na sua imitação pois no ano seguinte de 1609 imitaram-na em São Roque, sendo prepósito o muito reverendo padre Jerónimo Dias* (SANTA ANA, 1657,1, pp. 460 a 463).

30 MARTINS, 1991, p. 28.

na parte central dos retábulos, isto é, nos camarins ou tribunas.

Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. Como exemplos de ambas as situações, apontamos o altar outrora existente na igreja paroquial de São João Baptista, em Bragança, em que a imagem de Nossa Senhora do Pilar estava *colocada no meio do retábulo, que é de talha moderna e muito bem dourado, em um trono e com ornato de cortinas*[31] e o retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro, descrito da seguinte forma em 1760: *a boca da tribuna orna um painel com o passo da Indulgência da Porciúncula, o qual mandou vir da cidade de Valença, reino de Espanha, o já acima referido frei Marcos da Conceição*[32].



Guide (Mirandela). Igreja paroquial. Camarim e trono do retábulo-mor. Foto SIPA 989657

As exposições do Santíssimo Sacramento eram promovidas nas igrejas matrizes ou paroquiais pelas confrarias ou irmandades do Santíssimo, existentes em quase todas as paróquias. Como veremos depois, estas confrarias eram compostas predominantemente pelos moradores de maior prestígio em cada freguesia.

Nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era providenciado pelos responsáveis de cada comunidade religiosa, realizando-se estes exercícios espirituais na maioria das situações na capela-mor, podendo também ocorrer nos coros nos cenóbios femininos, nomeadamente de religiosas clarissas, onde havia um expositor em lugar elevado, bem visível do cadeiral, como se deveria verificar no extinto convento de Santa Clara, em Bragança.

Algumas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo Sacramento, tendo para isso mandado construir retábulos

31 SANTA MARIA, 1716, p. 650.

32 FIGUEIREDO, 2008, 2, doc. 214.



Outeiro (Bragança).
Santuário de Santo Cristo.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Bruno Luís Rodrigues.

adequados. As entidades que, com maior frequência, solicitaram esse pedido foram as ordens terceiras de São Francisco e as irmandades da Misericórdia. Pontualmente, algumas confrarias com maior adesão dos fiéis ou então de grande prestígio, também conseguiam esse privilégio. A título de exemplo mencionamos *uma festa com grande solenidade* promovida pelos juízes da confraria de Santo Cristo do Outeiro, onde *esteve o Santíssimo exposta a toda a função ao lado do glorioso Santo Cristo* (…) *e no fim do dia uma magnífica procissão do Santíssimo para o irem colocar na igreja matriz*[33].

O aparecimento dos camarins ou tribunas levou a que alguns retábulos pré-existentes se adaptassem a esta nova necessidade e consequentemente passaram a incorporar um camarim no tramo central. Foi o que sucedeu, em 1681, na capela de Nossa Senhora dos Remédios na sé de Miranda do Douro, *por não haver outra parte donde se fazer comodamente e com menos dispêndios e que para isso se havia de furar a parede e fazer um camarim na parte de fora da sé e que os gastos fossem todos por conta da fábrica*[34] e, em 1682, no já desaparecido retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança: *também se fez a tribuna nas costas do retábulo do altar-mor para poder servir de camarim em que se possa expor o Santíssimo com mais decência do que se costumava ou seja na ocasião da novena do Santo Xavier e dias da Ascensão e muitas outras ocasiões de preces públicas ou ainda nas mesmas Quarenta Horas e Endoenças, por evitar muitos gastos escusados do sepulcro, que todos os anos se armar com muito trabalho e custo de madeira e pregaria, por ser já muito velho e também por evitar os inconvenientes que tem em ficar a capela, nestes dias de tanto concurso, ocupada com essa máquina de madeira do sepulcro, com que na igreja tão pequena se não pode a gente resolver nestes dias* [35].

33 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 324.
34 L. RODRIGUES, 2001, p. 248.
35 MARTINS, 1994, pp. 664 e 665.

Assistimos, no entanto, à continuação do uso de tronos, portáteis ou amovíveis, que se montavam e desmontavam periodicamente, com maior frequência na Quaresma, como aconteceu em diversos templos na diocese:

-Em 1661 e 1662, os responsáveis da Misericórdia de Miranda do Douro pagam ao mestre entalhador Francisco Álvares por *armar o sepulcro*[36].

-Até 1682, na igreja do colégio de Bragança, como vimos na citação acima referida.

-O bispo D. Manuel de Moura Manuel (1689 - 1699) manda fazer para a igreja da sé de Miranda do Douro *dois sepulcros* para a Semana Santa[37].

-Em 1769, na igreja da Misericórdia, em Mogadouro, os mesários pagam ao mestre entalhador local, José Pereira Machado, de *armar a Santa Casa para as Endoenças*[38].

Relicários

Entre as novas diretrizes do Concílio de Trento destaca-se o culto das relíquias, como se verifica na bula *Iniunctum nobis*, decretada pelo papa Pio IV, em 1564: *Sustento com constância que existe o Purgatório e que as almas aí prisioneiras são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e que igualmente os Santos, que reinem com Cristo, devem ser venerados e invocados e que eles oferecem orações a Deus por nós e que* ***as suas relíquias devem ser veneradas***[39].

Consequentemente alguns retábulos passaram a acolher as sagradas relíquias[40], permitindo que os fiéis as pudessem venerar e ver em ocasiões especiais daí resultando grandes benefícios. Vejamos



Bragança.
Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus.
Retábulo relicário.
Foto SIPA 677687

36 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 67.
37 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 15
38 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 170.
39 O. RODRIGUES, 2010, p. 67.
40 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016.

dois exemplos dessa veneração. Um é descrito em 1716 por frei Agostinho de Santa Maria: na capela de capela de Nossa Senhora da Consolação, sita na igreja paroquial de São João Baptista da cidade de Bragança, *se conserva em um sacrário um cofre de relíquias de que acima falámos, às quais relíquias dão o nome de Cabeça Santa, aonde costumam ir com grande fé muitos mordidos de cães danados, que pedem que lhes deem a beijar o cofre em que se guardam aquelas relíquias e logo se acham livres daquele penoso trabalho; e levam também pão, para que lho benzam, para darem a comer ao gado e comendo deste pão também ficam preservados e sãos daquela enfermidade. Todas estas notícias nos deu o reverendo vigário-geral por intervenção do ilustríssimo senhor D. João Franco de Oliveira, arcebispo que foi da Baía, bispo da diocese de Miranda* [41]. O outro é referenciado pelo padre Baptista de Castro, em 1763: *em Mogadouro, no mosteiro de Santa Marina, meia légua ao nascente do lugar de Lagoaça, se venera o corpo da mesma Santa Marina, a cuja veneração concorre muita gente em dia da Ascensão, em que se dá a beijar sua santa cabeça*[42].



Donai (Bragança).Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo relicário.
Foto Padre Amaro Pombal.

Atendendo a que a aquisição de relíquias era muito dispendiosa, só algumas elites as podiam adquirir, designadamente membros da nobreza e altos dignitários religiosos. Por exemplo, as relíquias anteriormente referidas foram trazidas por *uma nobre matrona, natural daquela cidade (Bragança) chamada Catarina de Morais, mulher de grande ânimo e espírito se resolveu ir a Roma a visitar os santos lugares daquela cúria*[43]. Por sua vez as da sé de Miranda, que estão no retábulo da capela de Nossa Senhora da Alegria ou das relíquias (ver p. 172) foram doadas ao bispo de Miranda D.

41 SANTA MARIA, 1716, p. 645.
42 CASTRO, 1763, p. 213.
43 SANTA MARIA, 1716, p. 644.

Toríbio Lopes pela *sereníssima rainha D. Catarina*[44].

Em relação aos locais específicos onde se colocavam as relíquias nos retábulos deparamos com diferentes situações:

-No interior de pequenos lóculos ou nichos, por exemplo no retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja de Nossa Senhora da Encarnação do Seminário Apostólico de Vinhais.

-No interior de relicários de madeira, com a forma de bustos, braços, custódias, etc., expostos no centro da composição retabular, como se vê num retábulo relicário da igreja paroquial de São Salvador, em Donai – Bragança (ver p. 224) e nos laterais da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Bragança[45].

-No interior de sacrários, como mencionámos atrás, a propósito das relíquias outrora existentes na igreja paroquial de São João Baptista, em Bragança.

-Em certas sacristias, por exemplo na da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro: *serve-lhe de especial ornato uma forma de retábulo apainelado e dourado, que abrange todo o espaldar e lados dos caixões, ficando no meio um nicho ou rico santuário, em que se veneram várias relíquias em dois braços, três custódias e uma cruz de Jerusalém, de dois palmos, toda esmaltada de madre pérola e a orla perfilada de marfim*[46].



Bragança.
Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus.
Pormenor de retábulo relicário
Foto SIPA 888050

44 SANTA MARIA, 1716, p. 549; CASTRO, 1763, p. 183.

45 Mandados executar em 1752, deitando-se fora os altares aí existentes (NOÉ, 2005).

46 FIGUEIREDO, 2008, 2, doc. 214.

Iconografia

O caráter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior administração.

A própria estrutura arquitetónica usada na composição dos retábulos e os respetivos campos decorativos dignificam e nobilitam os conteúdos iconográficos que se pretendem proporcionar aos fiéis, registando-se para cada época uma intencionalidade específica.

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os mais importantes localizam-se no retábulo principal, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes altares. Por sua vez, no mesmo retábulo os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, a saber no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos símbolos eucarísticos (cachos de uvas, fénix, etc.), figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), animais diversos (mochos, burros), personagens com expressões particulares e adereços locais, mascarões, etc.

Maixedo (Bragança) Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre Vítor Magalhães.



Convém, no entanto, salientar que a maior especificidade iconográfica da região em estudo consiste na representação do Inferno, como veremos adiante, que vai de encontro a um imaginário de origem medieval que se expressa em termos figurativos a partir dos finais de Quinhentos, na sequência do Concílio de Trento e que

perdura até aos princípios do século XX.

Em relação às divisas das entidades promotoras da execução e posterior gestão dos retábulos, verificamos que em certos exemplares houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, normalmente em locais bem visíveis, a saber no ático ou remate da composição retabular, na cobertura da nave, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das Ordens religiosas, dos bispos, as armas reais portuguesas, etc. A título de exemplo apontamos as insígnias dos jesuítas no retábulo-mor da igreja paroquial de São Nicolau, em Cortiços – Macedo de Cavaleiros (ver p. 190), o brasão do bispo D. frei Aleixo de Miranda Henriques, na capela do paço episcopal, em Bragança (ver p. 230), as armas portuguesas no retábulo do Santíssimo, na concatedral de Miranda (ver p. 227) e nas vestes de Nossa Senhora, na igreja da Misericórdia, em Bragança, etc.



Bragança. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Hélio Ramos.

É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, enumerando-se, de seguida, os temas mais frequentes.

Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística. Como elementos fundamentais destacamos o sacrário, por vezes, de grandes dimensões e os tronos escalonados, na maioria dos casos, colocados no interior dos camarins ou tribunas, onde se expunha uma custódia ou uma urna, aquando da exposição do Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas ou *lumes* que se acendiam nos momentos de maior solenidade.

Nas restantes ocasiões, a boca da tribuna podia estar preen-

chida com cortinas de tecido ou com uma tela pintada, como já referimos antes.

Com alguma frequência são usadas representações de ostensórios envolvidos por resplendores ou cálices sobrepostos com uma hóstia, quer em determinados elementos do retábulo, quer noutros espaços anexos, designadamente no teto da capela, no frontispício do arco de entrada, etc.



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo de Santo Cristo da Piedade.
Foto SIPA 818434

Cristíferos

O tema mais recorrente é o Senhor Crucificado, sendo comum encontrar outras representações ligadas à Paixão, com maior frequência nos retábulos narrativos ou didáticos. Nalguns retábulos é possível colocar no interior da mesa do altar a representação escultórica do Senhor Morto.

Como testemunhos de retábulos cristíferos de grande devoção indicamos o da capela-mor da basílica de Santo Cristo, no Outeiro - Bragança (ver p. 199); o de Santo Cristo da Piedade, na concatedral de Miranda e o da igreja de São Vicente, em Bragança, com *a milagrosa imagem de Santo Cristo que nela se venera*[47] (ver p.186).

Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, sendo possível encontrar no mesmo templo mais do que uma capela dedicada a Nossa Senhora, como se verifica nas Memórias Paroquiais de 1758 respeitantes à sé de Miranda do Douto. Para além do orago, Nossa Senhora Nossa Senhora da Assunção, havia as capelas de Nossa Senhora da Alegria, de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Remédios[48].

47 Memórias Paroquiais de 1758 (C. PRADA, 2006, p.66).
48 C. PRADA, 2006, p. 278.

De entre as inúmeras invocações marianas, sobressaíam nos meados do século XVIII Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Assunção[49]. Nos retábulos narrativos é usual encontrar várias passagens da Natividade, desde a Anunciação até à Epifania, como ocorre no altar da capela-mor da igreja paroquial de Algosinho – Mogadouro (ver p. 166) e na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 167).

Entre os santuários marianos de maior devoção da diocese referimos o de Nossa Senhora da Ribeira, nos arredores de Bragança, que *é o principal da Província de Trás-os-Montes, onde acode inumerável gente de todas as partes em romaria*[50]



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto D. José Cordeiro.

Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predominam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação, por ordem decrescente, São Sebastião, Santo António, São Pedro, Santo Estevão, São João Baptista, São Bartolomeu, Santo Amaro, Santa Bárbara, Santa Catarina, Santo André, São Caetano e São Roque[51].

Individualizamos alguns retábulos hagiográficos de grande relevância patrimonial, de diferentes conjunturas: o retábulo principal da capela de Santa Catarina, em Larinho – Torre de Moncorvo, o de Santo Estevão, na igreja paroquial de Santa Maria, em Bragança (ver p. 169), o de São Caetano, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 92), o da ermida de São João Baptista, em Algoso – Vimioso (ver p. 237) e o de São Barnabé, no santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais (ver p. 231).

49 C. PRADA, 2006, p. 159.
50 SANTA MARIA, 1716, p. 614.
51 C. PRADA, 2006, p. 130.

Almas do Purgatório

Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580[52], surge a necessidade de exibir nos retábulos, nomeadamente nos que eram administrados pelas irmandades ou confrarias das Almas, painéis figurativos pintados ou em relevo escultórico, onde estão representadas, não só as entidades intercessoras, mas também as almas no Purgatório e, por vezes, no Inferno. Interessante testemunho documental desta multiplicidade iconográfica constata-se na escritura notarial do ajuste do retábulo das Almas da igreja paroquial de Torre de Moncorvo, celebrada a 5 de maio de 1715. Entre as cláusulas contratuais é referido o seguinte: *terá no painel do meio em a peanha que vai posta a imagem de São Miguel com o dragão aos pés, com a lança na mão direita, da forma e maneira que está copiada na bandeira nova da dita confraria e só será diferença de ser lança em lugar da cruz e nos claros que ficam aos lados de São Miguel se porá o inferno copiado com almas metidas entre chamas e diabetes, com diversidade nos estados das almas e em o meio, por cima do Inferno entrará o Purgatório, com diversidade de almas de todos os estados, certas que estejam com as mão postas com os olhos no céu, em todo o cimo deste Purgatório estará a imagem de São Domingos da parte direita lançando o escapulário ao mesmo Purgatório, no qual escapulário pegarão algumas almas e do lado esquerdo do mesmo cimo do Purgatório a imagem de São Francisco, em cujo*



Torre de Moncorvo. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Inês Afonso Lopes.

52 M. OLIVEIRA, 1992, p. 349.

cordão estarão também algumas almas pegando e em todo o cimo do painel do painel do arco do meio estará a Santíssima Trindade, da mesma sorte e cópia que se havia na mesma bandeira da dita confraria e só acrescentarão serafins e anjos e cruzes que se fizerem mister[53].

Entre as entidades intercessoras salientamos a Déesis ou representação de Cristo em Majestade, ladeado pela Virgem e por São João Baptista; a Santíssima Trindade, a Virgem Maria, São Francisco, São Domingos, o Senhor Crucificado, São Miguel Arcanjo e os anjos libertadores.

No Purgatório, as almas, quer do sexo masculino, quer do feminino e de todos os grupos sociais, incluindo reis, bispos e até papas, estão rodeadas por labaredas em meios corpos com as mãos postas em súplica e olhando para o céu.

A representação do Inferno, como referimos antes, constitui a maior especificidade iconográfica da região em estudo. Aí vemos o Leviatã ou monstro, de enorme boca, que devora as alminhas que já não têm redenção, em atroz sofrimento, algumas a cozer dentro de caldeirão. Também surgem vários diabetes de figurações medonhas, sobressaindo o Arcanjo São Miguel a dilacerar Lúcifer.

Dos 104 retábulos das Almas recenseados na região em estudo[54], alguns de reduzido valor artístico, salientamos os seguintes, que apresentamos no catálogo: o da igreja da Misericórdia de Miranda do Douro (ver p. 176) e os das igrejas paroquiais de Fonte da Aldeia – Miranda do Douro (ver p. 179), Freixo de Espada à Cinta (ver p. 181), Meixedo – Bragança (ver p. 184), Macedo de Cavaleiros (ver p. 217), Soutilha – Vinhais (ver p. 220), Avantos – Mirandela (ver p. 223), Vila Chã de Braciosa – Miranda do Douro (ver p. 239) e Cércio - Miranda do Douro (ver p. 245).



Carviçais (Torre de Moncorvo).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre José Vicente.



Ligares (Freixo de Esapada à Cinta).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre Manuel Rodrigues.

53 L. RODRIGUES, 2006, p. 167.

54 Informação cedida pelo investigador Paulo Fernandes Lopes, de Carção – Vimioso, a quem agradecemos.

Outros temas

Entre outros temas, indicamos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, designadamente nos retábulos narrativos; ao Espírito Santo, à Santíssima Trindade, à Sagrada Família, à Adoração dos Reis e à Santa Cruz.



Parada (Bragança). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo da Adoração dos Reis.
Foto Sandra Afonso.



Miranda do Douro.
Igreja de Santa Cruz.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 28287

Encomenda

À semelhança do que acontecia noutras regiões, assistimos a um contínuo envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda do mais importante dos equipamentos religiosos: os retábulos. Vejamos um exemplo. Em 1703, na cidade de Miranda do Douro, *o reverendo senhor juiz e mais oficiais abaixo-assinados atendendo aos muitos gastos e pouco rendimento que tem a dita confraria e a fazer-se de novo um retábulo para a capela de Santa Vera Cruz, por estar muito velho e pouco decente o que tem, se resolveu que cada um dos oficiais e todos os irmãos da mesa e confraria dessem a esmola que a possibilidade e piedade de cada um pudesse* (...). *Em o primeiro dia do mês de janeiro de 1710 se pediu a esmola pelas portas dos fiéis cristãos para ajudar de dourar o retábulo e se tirou de esmola em 4$605 réis*[55].

Nos exemplares que acolhiam imagens de maior devoção, a participação dos fiéis era muito mais generosa, como aconteceu no *santuário do milagroso Santo Cristo* do Outeiro, em que só o entalhe de um dos cinco retábulos, o da capela-mor, *foi arrematado em 780$000 réis*[56] (ver p. 199).

O clero secular

Destacamos em primeiro lugar o clero secular, que tinha a seu cargo os serviços mais elementares prestados à população (o batismo, a confissão, a comunhão, o crisma, o casamento, a extrema unção, o enterramento, etc.), ocupando, como tal, um papel muito importante o responsável de cada freguesia ou paróquia, ou seja, o prior, pároco ou vigário.

Lembramos que as capelas-mores destes templos eram custeadas pelos detentores dos seus benefícios (Casa Real, Casa de Bragança, Ordem de Cristo, Ordem de Malta, bispo e cabido da sé de Miranda, a



Sendim (Miranda do Douro).
Igreja paroquial.
Brasão do retábulo-mor.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.

55 MOURINHO JÚNIOR, 1988, pp. 87 e 89.
56 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 324.

Igreja Patriarcal de Lisboa, a Universidade de Coimbra), Casas senhoriais de Abrantes, Atouguia, Avintes, Cadaval, Louriçal, Murça, Távora, Vila Flor, etc.).

Nalguns casos, o padroado era assumido por diferentes entidades, como por exemplo o que ocorria em Sendim – Miranda (ver p. 236) em que à comenda, da Ordem de Malta, *pertencem metade dos dízimos desta abadia, um quarto ao excelentíssimo bispo e o outro ao abade*[57].

Para além do retábulo da capela-mor da concatedral de Miranda do Douro, custeado a meias pelo bispo e pelo cabido (ver p. 167), individualizamos alguns retábulos--mores de igrejas matrizes ou paroquiais, de diferentes conjunturas artísticas: Algosinho – Mogadouro (ver p. 166); Felgar – Torre de Moncorvo (ver p. 185); Santa Maria, em Bragança (ver p. 197) e Avantos - Mirandela.



Avantos (Mirandela). Igreja paroquial.
Retábulo-mor
Foto Município de Mirandela.

O clero regular

Apesar de ser reduzido o número de casas religiosas (conventos, hospícios, colégios, seminários, mosteiros e recolhimentos) na região em estudo, pouco mais de dezena e meia[58], sendo em maior número as masculinas, foi relevante o papel desempenhado por algumas destas congregações, nomeadamente jesuítas e franciscanos.

Se os retábulos-mores, de maior aparato, das igrejas dos seus cenóbios contaram com o apoio financeiro dos detentores do padroado[59], nos exemplares menos grandiosos, quer para a igreja,

57 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 485.

58 Em Bragança o colégio da Companhia de Jesus, o convento de São Francisco, de religiosos observantes; o convento de Nossa Senhora da Assunção, de religiosas clarissas; o convento de Santa Escolástica, de religiosas beneditinas e o hospital dos religiosos de São João de Deus. Em Chacim – Macedo de Cavaleiros a casa de Nossa Senhora de Balsemão, da congregação de marianos conceicionistas. Em Freixo de Espada à Cinta o convento da congregação do Oratório. Em Miranda o hospício dos religiosos da Santíssima Trindade e o hospital dos religiosos de São João de Deus. Em Mirandela o hospício dos religiosos da Santíssima Trindade. Em Mogadouro o convento de São Francisco, de terceiros regulares de Jesus. Em Sezulfe – Macedo de Cavaleiros o convento de Nossa Senhora das Flores, de terceiros regulares de Jesus. Em Vila Flor um convento em fundação dos religiosos de São Camilo de Lélis. Em Vinhais o convento de Santa Clara e o Seminário dos missionários apostólicos. Em Torre de Moncorvo o convento de São Francisco, da Província da Conceição e o recolhimento feminino de São Nicolau, do padroado da Câmara.

59 Como exemplos referimos dois conventos, cujo padroado estava na posse da edilidade, o de Santa Clara, em Bragança e o de Nossa Senhora de Balsemão, da Câmara de Chacim (C. OLIVEIRA, 2006, p. 99).

quer para capela interiores, cada congregação financiava a totalidade das despesas.

Algumas Ordens religiosas assumiram também a obrigação de custear o retábulo principal das igrejas matrizes ou paroquiais das comendas que possuíam, como aconteceu em Cortiços – Macedo de Cavaleiros, suportado pelos jesuítas do colégio de Bragança (ver p. 190).



Bragança.
Igreja monástica de São Bento.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 877193

Grande parte deste património retabular foi destruído na sequência da implantação do Liberalismo e da consequente extinção das Ordens religiosas, sendo poucos os exemplos subsistentes de grande valor patrimonial, designadamente o retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro (ver p. 171), o da igreja do mencionado colégio de Bragança (ver p. 195) e o da igreja monástica de São Bento, também nesta última localidade.

Confrarias ou irmandades e ordens terceiras

Os responsáveis de cada paróquia empenharam-se bastante no envolvimento de todos os fregueses (moradores numa freguesia), dos mais ricos aos mais pobres, em associações de caráter religioso, cuja sede tanto podia ser numa capela ou altar localizado no interior de um templo da responsabilidade do clero, secular ou regular, como num templo autónomo. Pertencer, pelo menos, a uma irmandade era essencial para todos os membros de uma sociedade, pois permitia a sua integração nas diversas estruturas então existentes. Entre os benefícios destacavam-se as indulgências e as cerimónias fúnebres após a morte. Vejamos alguns exemplos:

-Na confraria das Almas na igreja paroquial de Pousadas, na freguesia de Avantos – Mirandela: *cada um dos irmãos que falece tem um ofício de vinte sacerdotes, pagos a cento e cinquenta de esmola e missa de notícia; têm os irmãos defuntos as missas de todas as segundas-feiras e de todas as sextas-feiras por vivos e defuntos, têm dois aniversários, um no dia de São Gregório, a 12 de março e o*

segundo véspera da Ascensão de Cristo[60].

-Na igreja paroquial de São Pedro, em Caçarelhos – Vimioso há uma *irmandade das Almas que se pede todos os domingos pelas portas para elas e ordinariamente se juntam todos os anos de esmolas de 30$000 réis para cima, os quais são distribuídos em missas pelas almas*[61].



Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial.
Retábulo da irmandade das Almas.
Foto Padre Roberto Carlos Felipe.

As confrarias ou irmandades necessitavam de estatutos aprovados pelos responsáveis da diocese, recorrendo aos serviços de um capelão que era remunerado pelas tarefas realizadas. Se algumas eram da jurisdição eclesiástica, outras dependiam juridicamente da Coroa. Vejamos exemplos de ambas as situações. A confraria de Santo Cristo do Outeiro *é eclesiástica*[62], já as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e a das Almas da igreja paroquial de Vale Benfeito eram *da jurisdição real*[63].

As irmandades do Santíssimo Sacramento desempenharam um papel determinante, a saber na gestão dos retábulos das capelas-mores das igrejas matrizes e paroquiais, em estreita colaboração com os párocos ou vigários. De salientar que o custo da tribuna e do trono eram assumidos por estas confrarias, como se verifica na visitação à igreja paroquial de Vilariça – Mogadouro, ocorrida a 16 de janeiro de 1770, em que se declara que *o fabriqueiro mandará fazer um retábulo de talha* (...) *o povo mandaria fazer o camarim no meio, para as exposições que houver neste lugar*[64]. Só em casos pontuais administravam uma capela secundária localizada na nave da igreja, como se verificava na catedral

60 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 386.
61 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 80.
62 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 332.
63 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 542.
64 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 147.

de Miranda de Douro (ver p. 227).

Cada uma destas associações, maioritariamente de leigos, definia nos seus estatutos as condições exigidas aos seus membros. Se algumas estavam restritas a uma determinada profissão (clérigos, militares, homens casados, estudantes, *pessoas da primeira nobreza*, etc.), outras integravam fiéis de diferentes grupos. Vejamos várias situações em diferentes localidades:

-Na igreja paroquial de Nossa Senhora da Natividade, em Azinhoso – Mogadouro a irmandade de Nossa Senhora *é de* ***clérigos***[65].

-Em Bragança, na igreja do colégio da Companhia de Jesus havia uma confraria de **estudantes**, de Nossa Senhora da Anunciação.

-Na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Campo de Víboras – Algoso existia uma *irmandade dos* ***casados****, de Santo Estevão*[66].

-Na sé de Miranda do Douro o altar de Nossa Senhora da Alegria (ver p. 172) era administrado por *uma confraria militar, de* ***soldados***[67].

-Em Torre de Moncorvo, na igreja paroquial *há uma confraria composta de pessoas da* ***primeira nobreza****, em que não entram as de segunda condição, por estatuto da mesma confraria*[68].

-Em Tuizelo – Vinhais, no santuário de Nossa Senhora dos Remédios, havia *duas irmandades, uma de eclesiásticos, outra se seculares*[69].



Tuizelo (Vinhais).
Santuário de Nosssa Senhora dos Remédios.
Retábulo colateral.
Foto José Afonso-Junta de Freguesia de Tuizelo.

Em cada freguesia havia normalmente várias irmandades, sendo duas obrigatórias: a do Santíssimo Sacramento, onde estavam inscritos os moradores de maior prestígio e de conduta exemplar e a das Almas do Purgatório, destinadas à restante população. Uma outra confraria teve grande popularidade na região em estudo, a de Nossa Senhora do Rosário, por exemplo a que localizava na igreja paroquial de Santo Antão, em Vilarinho de Agrochão – Macedo de Cavaleiros,

65 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 42.
66 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 83.
67 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 278.
68 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 662.
69 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 533.

estava *sujeita ao convento dos religiosos domínicos de Vila Real, que constará de quatro mil irmãos*[70]. Nas sedes dos concelhos e em certas localidades de maior importância registamos a existência da irmandade da Santa Casa da Misericórdia, que prestava apoio aos mais necessitados.

Em cada confraria ou irmandade, os mesários, isto é, os membros que ocupavam os cargos diretivos eram escolhidos anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades mais abastados e de maior prestígio. Numa descrição setecentista do santuário de Santo Cristo do Outeiro, no atual concelho de Bragança, é referido que *os juízes desta confraria têm sido as pessoas mais principais desta província como foi o Ex.mo conde de Alvor* (…) *o Sr. D. João Franco de Oliveira, arcediago da Baía e bispo de Miranda* (…) *o Dr. José Botelho de Matos, vigário-geral deste bispado e cónego na sé de Miranda, o Dr. Bernardino Cabral, que foi nesta sé, este inquisidor na inquisição de Évora e outros muitos que se empregaram em louvores do Senhor e davam grandes esmolas para as suas obras*[71].

Algumas irmandades beneficiavam da proteção régia, nomeadamente as de instituições militares e as de apoio social, sobretudo as Misericórdias, etc., colocando-se em contrapartida as armas reais portuguesas em lugar visível, como se constata no retábulo-mor da ermida do Espírito Santo, em Torre de Moncorvo e na pintura da cobertura da capela-mor da igreja da Misericórdia, em Mogadouro.



Mogadouro. Igreja da Misericórdia.
Cobertura da capela-mor.
Foto SIPA 196903

Individualizamos ainda as irmandades que administravam igrejas de peregrinação muito frequentadas, responsáveis pela gestão de muitas e contínuas esmolas dos romeiros. A de maior relevância foi sem qualquer dúvida a de Santo Cristo, no Outeiro, que tinha, em 1758, *catorze mil irmãos*[72].

70 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 597.
71 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 324.
72 C. OLIVEIRA, 2006, 2, p. 333.

Instituidores particulares

Os instituidores particulares, independentemente do seu estatuto social, desempenharam um papel importante na encomenda de retábulos que refletissem o seu poder. Atendendo a que pertenciam a grupos privilegiados e como tal dispunham de largos recursos financeiros, recorriam aos artistas mais credenciados.

Nobres e clérigos afirmavam-se nas localidades da sua residência, designadamente na instituição de vínculos em capelas sediadas nos templos de maior prestígio ou nas suas próprias habitações, destinadas a servir de sepultura da sua família. Verificamos ainda a integração de algumas destas pessoas em determinadas irmandades, muitas vezes apoiando a feitura ou o douramento do retábulo dessa instituição. Por exemplo, em 1728, o padre Francisco Pires doa à confraria das Almas, sita na igreja paroquial de Argozelo – Vimioso, *todos os seus bens, presentes e futuros, por sua morte* (…) *sem fazer prejuízo nem tirar a regalia à confraria*[73].



Bragança. Igreja matriz de Santa Maria. Retábulo de Nossa Senhora dos Prazeres. Foto SIPA 44764

Vejamos alguns exemplos de retábulos instituídos por particulares: o de São Pedro, na concatedral de Miranda do Douro, *de que é padroeiro Jerónimo Godinho Soares*[74], subsistindo no pavimento uma sepultura com a seguinte inscrição: *Sepultura de Miguel Godinho, padroeiro desta capela de São Pedro e de seus herdeiros*; na igreja matriz de Santa Maria, em Bragança, *tem da parte da Epístola uma capela dos Figueiredos, é da invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, esta fundou Pedro de Figueiredo, alcaide-mor desta cidade no ano de 1585*[75]; o de uma capela particular em Castelãos-Macedo de Cavaleiros, junto às casas de Bernardo dos Santos Pereira, professo na Ordem de Cristo, dotada com um *retábulo novo, à moderna*, a que vinculou bens[76] e o de São

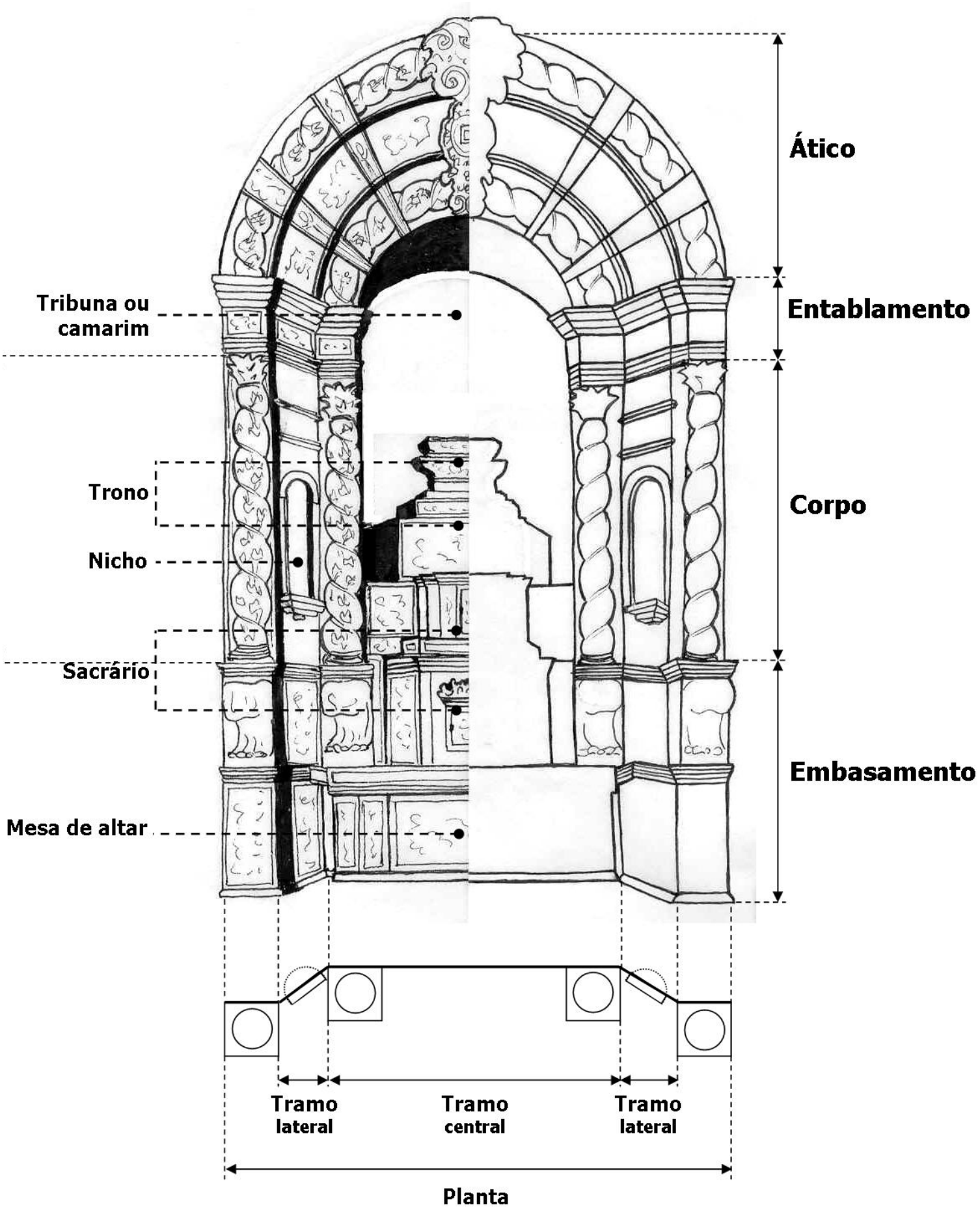
73 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 457.
74 C. OLIVEIRA, 2006, p. 278.
75 C. OLIVEIRA, 2006, p. 66.
76 F. ALVES, 2000, 6, p. 214.

Caetano, numa capela anexa às casas de habitação da família Costa Pessoa, em Vinhais, agraciados com o título de condes de Vinhais.



Vinhais. Casa da família Costa Pessoa, atual Centro Cultural Solar dos Condes de Vinhais.
Capela anexa.Retábulo.
Foto Município de Vinhais.

Tipologias e modelos compositivos



Desenho Susana Andrade.

A maior parte das tipologias morfológicas filia-se nos tratados italianos. Nos retábulos encostados às paredes, quer de capelas-mores ou laterais, quer das naves e do frontispício, a sua estruturação ou composição arquitetónica assenta na relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação várias soluções possíveis[77]. Houve, no entanto, determinados altares que se autonomizaram da parede, passando a ter duas ou mais faces e uma ou mais mesas de altar[78].

Verificamos também que algumas tipologias se restringiram ao mundo português, nomeadamente as que também preencheram espaços contíguos aos retábulos propriamente ditos[79].

Por sua vez, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípites, etc.); de haver ou não outros elementos relevantes na estruturação retabular, designadamente os camarins ou tribunas e dos mesmos serem delimitados por elementos arquitetónicos específicos. Se maioritariamente, cada um dos intercolúnios é ladeado por igual número de colunas ou de pilastras, menos frequentes, mas bastante interessantes, são os casos em que se aplica diferente número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados da composição retabular, como se constata no altar-mor da igreja paroquial de São Genésio, em Parada, no concelho de Bragança (ver p. 56).



Matela (Vimioso). Igreja paroquial.
Retábulo lateral, com corpo único e um só tramo, inscrevendo-se o intercolúnio entre colunas duplas.
Foto SIPA 1021302

77 Nos retábulos abordados neste estudo constatamos as seguintes tipologias: corpo único e um só tramo, corpo único e dois tramos, corpo único e três tramos, corpo único e cinco tramos, corpo único e sete tramos, dois corpos e um tramo, dois corpos e três tramos, dois corpos e cinco tramos e dois corpos e sete tramos.

78 Eram os chamados altares em ilha.

79 Foram três as soluções utilizadas: 1- A parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando, o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais. 2- Os dois retábulos colaterais ao arco triunfal estão unidos entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício da nave. 3- A utilização de um arco ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.



Parada (Bragança). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Paulo Lopes..

É conveniente ter em conta que muitos retábulos, apesar de se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos, apresentam determinadas especificidades, detetáveis em grande número na região em estudo. Esta ocorrência deve-se à intervenção de algumas oficinas locais, um pouco desatualizadas das normas vigentes na corte, que a par e passo respondiam às solicitações de uma clientela menos esclarecida. A título de exemplo mencionamos o retábulo das Almas da igreja paroquial de Santo André, em Meixedo – Bragança, em que o tramo central, quer do corpo, quer do ático, é integralmente preenchido por um painel em relevo escultórico representando o Inferno, o Purgatório e o Paraíso (ver p. 184). Por sua vez o retábulo-mor da igreja de Santa Maria, em Bragança, apesar de se inserir na tipologia de corpo único e um só tramo, apresenta nas extremidades dos tramos laterais elementos arquitetónicos duplos, não utilizando colunas nem pilastras idênticas nas ilhargas do camarim, mas somente colunelos que envolvem os nichos laterais (ver p. 197).

Em número muito reduzido são os retábulos que não se integram em qualquer tipologia, constituindo exemplares ímpares, como veremos adiante.

Atentemos às diferentes tipologias identificadas e aos modelos compositivos empregues em cada uma delas.

Corpo único e um só tramo

Foi maioritariamente utilizada nos retábulos devocionais a um só tema, sendo na maioria das situações o intercolúnio ladeado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado ou então por elementos arquitetónicos duplos. São exemplos o retábulos de Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco, Mogadouro (ver p. 173) e o do Santíssimo, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 175).

A partir do Protobarroco, esta tipologia passa a ser usada também noutros retábulos, nomeadamente nos que tinham tribuna ou camarim central, quer o trono seja destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, quer acolha a representação escultórica do orago. A delimitar a tribuna podem existir múltiplos elementos arquitetónicos, conforme se verifica no retábulo da capela-mor da igreja paroquial do Vimioso, onde são empregues quatro colunas e três pilastras de cada lado (ver p. 205).

É ainda possível alguns exemplares não possuírem qualquer estrutura arquitetónica, como acontece no retábulo fingido da ermida de Santa Luzia, em Larinho – Torre de Moncorvo, executado nos princípios do século XVI.



Larinho (Torre de Moncorvo).
Ermida de Santa Luzia. Retábulo.
Foto SIPA 27621

Corpo único e dois tramos

Raramente foi usada esta tipologia, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Na igreja paroquial de São Pedro, em Caçarelhos – Vimioso, encontra-se um retábulo que se integra neste grupo.



Caçarelhos (Vimioso).
Igreja paroquial. Retábulo colateral.
Foto SIPA .196951

Corpo único e três tramos

A sua utilização generalizou-se a partir dos princípios de Seiscentos constituindo, em conjunto com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a opção de maior preferência da larga maioria da clientela.



Roios (Vila Flor).
Ermida de Noss Senhora da Graça.
Foto Padre Delfim Gomes.

Foi normalmente usada nos retábulos devocionais a três temas e em certos retábulos eucarísticos e relicários, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, os intercolúnios inserem-se quase sempre entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Como exemplo apontamos o retábulo da capela-mor da concatedral de Miranda do Douro (ver p. 167).

Em menor número são empregues imensas alternativas, como constamos nos seguintes exemplos: no retábulo da ermida de Nossa Senhora da Graça, em Roios – Vila Flor o camarim é delimitado por colunas duplas, havendo somente um quartelão nas extremidades; na capela-mor da igreja paroquial de Argozelo os tramos inscrevem-se entre elementos arquitetónicos duplos (ver p. 222); na capela-mor da igreja paroquial de Seixo de Ansiães são empregues quatro elementos arquitetónicos a ladear o camarim e somente dois nas extremidades (ver p. 212); num retábulo lateral da ermida de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais não são utilizados quaisquer elementos arquitetónicos (ver p. 231).

Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia teve pouca aceitação. Na maioria das situações é

utilizada em templos cuja parede testeira é bastante mais larga do que alta, inscrevendo-se normalmente os intercolúnios entre elementos arquitetónicos diferenciados em cada tramo. Para exemplificar indicamos o retábulo-mor da igreja paroquial de São Genésio, em Parada (ver p. 56) e o da capela do Santíssimo, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 227).

Corpo único e sete tramos

Foram pontuais os exemplares que recorreram a esta solução, encontrando-se um testemunho na capela-mor do santuário de Nossa Senhora do Monte, na freguesia de Duas Igrejas – Miranda do Douro, cujos tramos das extremidades foram acrescentados em data posterior.

Dois corpos e um só tramo

Foi utilizada pontualmente em retábulos colaterais ao arco triunfal, como ocorre no de Nossa Senhora da Assunção, localizado no lado do Evangelho, na igreja paroquial de São Pedro, em Caçarelhos – Vimioso, cujo intercolúnio se inscreve entre colunas duplas.

Constantim (Miranda do Douro).
Igreja paroquial. Retátublo-mor
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Dois corpos e três tramos

Foi muito usual no século XVI, decaindo a sua utilização a partir do século XVII com o aparecimento das *tribunas* ou camarins e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

Enquanto no século XVI, os intercolúnios são preenchidos maioritariamente por ciclos de pintura figurativa, em datas posteriores predominam as representações escultóricas de vulto perfeito ou em relevo.

Na maior parte dos retábulos os intercolúnios

inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado, conforme se verifica na capela-mor da igreja paroquial de Algosinho - Mogadouro (ver p. 166). Como alternativa menos frequente, o intercolúnio central é flanqueado por duas colunas, uma de cada lado, havendo colunas duplas nas extremidades dos tramos laterais, sendo exemplo o retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Bragança (ver p. 177).

Dois corpos e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca aceitação. Um dos retábulos recenseados, o da capela-mor da igreja paroquial de Vilar Seco de Lomba – Vinhais, apresenta como especificidades não ser delimitado nas extremidades por quaisquer elementos arquitetónicos e os quartelões que delimitam o camarim terem um pé-direito mais alto do que os dois restantes dois.



Vilar Seco de Lomba (Vinhais). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Foto Município de Vinhais.

Dois corpos e sete tramos

Tal como a tipologia anterior, não teve muito acolhimento. Foi igualmente utilizada nos finais do século XVI e nos princípios do

século XVII, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado. O único exemplo que identificámos é o retábulo da capela do Santíssimo, na capela colateral do lado do Evangelho, da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Torre de Moncorvo (ver p. 165).

Retábulos triplos

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e restrita às igrejas das Misericórdias. Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira do presbitério, onde surgem três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos* (colaterais) *na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*.

Os retábulos triplos são usados, maioritariamente no nosso país, em templos de nave única e sem cabeceira e só em casos excecionais em igrejas de nave única e capela-mor, como ocorre em Freixo de Espada-à-Cinta (ver p. 209).

Arcos triunfais retabulares

A designação deve-se a José Meco[80]. É composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício do corpo da igreja. Esta tipologia teve bastante acolhimento, apontando-se como testemunhos o da igreja paroquial de São Vicente, em Bragança (ver p. 186) e o da igreja paroquial de São Cipriano, em Vilar de Ossos – Vinhais.

Vilar de Ossos (Vinhais).
Igreja paroquial. Arco triunfal retabular.
Foto Município de Vinhais.



80 MECO, 2001, p. 311.

Retábulos com *arco*

Tipologia de grande aceitação. Foi usada em capelas ligeiramente reentradas, na sua maioria em retábulos secundários, correspondendo o *arco*, termo muito frequente na documentação setecentista[81], a uma estrutura, na maioria das situações autónoma, que complementa o retábulo propriamente dito e se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. A tendência vigente, predominantemente na época barroca, de prolongar o retábulo pelas superfícies circundantes, nomeadamente no seu remate, pode verificar-se na visitação realizada a 6 de novembro de 1714 à igreja paroquial de São Martinho de Lagoa – Macedo de Cavaleiros: *o fabriqueiro, em termo de um ano mandará fazer dois retábulos colaterais* (…) *e os novos que se fizerem entestarão os seus remates até ao forro do teto da igreja*[82].



Lagoa (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial. Retábulo das Almas.
Foto Padre Carlos Fonseca.

Para exemplificar apontamos o retábulo de São Baptista, na igreja monástica de São Bento, em Bragança (ver p. 201) e o das Almas, na igreja paroquial de São Martinho, em Lagoa – Macedo de Cavaleiros.

81 A título de exemplo, indicamos a intenção manifesta, em 1728, pelo padre Francisco Pires de *doar duas moedas de ouro para ajuda do arco que se há de fazer para o altar das Almas* (L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 457).

82 LEAL, 2006, p. 124.

Formato retangular

Foram muito frequentes na Idade Média e no século XVI, quer em exemplares fixos, quer portáteis ou amovíveis.

Em relação aos retábulos portáteis ou amovíveis predomina a tipologia dos trípticos com portas ou volantes, na época referenciados como *retábulos com portas*, que tanto podem ser compostos por uma estrutura retangular, por exemplo o tríptico de Santo Inácio de Antioquia, proveniente da igreja conventual de Santa Clara, em Bragança e atualmente no Museu Abade do Baçal (ver p. 163), como apresentar uma composição mais elaborada no remate, como acontece no retábulo da Parentela de Santana, ainda subsistente numa capela da cabeceira da igreja matriz de Torre de Moncorvo (ver p. 162).

Retábulos *em ilha*

Contrariamente à maioria dos retábulos, que se encontram encostados a uma parede, nesta tipologia autonomizam-se, podendo apresentar uma ou mais mesas de altar.

Apesar da designação *em ilha* se encontrar na documentação setecentista[83], o uso destes retábulos foi mais frequente na Idade Média.

Os dois exemplares que recenseámos apresentam algumas semelhanças. Ambos são de madeira entalhada, com dupla face, apresentando no centro da composição uma coluna de pedraria que suporta no frontispício principal a representação escultórica do Senhor Crucificado e na face posterior a imagem de Nossa Senhora da Piedade. Na ermida de Santo Cristo, em Belver, Carrazeda de Ansiães (ver p. 243) a referida coluna encontra-se integrada numa estrutura com três tramos, inscrevendo-se os

Belver (Carrazeda de Ansiães).
Ermida de Santo Cristo.
Face posterior do retábulo.
Foto Municipio de Carrazeda de Ansiães.



83 Por exemplo, em 1710, o clérigo teatino Manuel Caetano de Sousa no seu manuscrito Peregrino Instruído, a respeito da localização do altar contrapõe duas hipóteses: encostado ao retábulo ou em ilha (Gomes, 2009, nota 127).

intercolúnios entre duas colunas coríntias, uma de cada lado. Os tramos laterais acolhem duas mísulas, rematadas por dosséis, onde assentam pequenas esculturas. Na ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, em Freixo de Espada à Cinta, a composição em talha que ladeia a referida coluna de pedraria é muito modesta. Em contrapartida nas paredes laterais da capela surgem diversos painéis com pintura figurativa e moldura de talha e a cobertura, de planta centralizada, é integralmente revestida por caixotões decorados com brutesco acântico.



Urros (Torre de Moncorvo).
Ermida de Santo Apolinário. Retábulo.
Foto SIPA 27601

Retábulos ímpares

Dos diversos exemplares recenseados, individualizamos o das Almas na igreja paroquial de São Miguel, em Freixo de Espada à Cinta, não só por apresentar três faces, mas também pela composição diferenciada de todos eles. Enquanto a face principal tem três corpos, as laterais têm somente dois. De acrescentar que cada um dos corpos da face principal se estrutura de maneira distinta. O corpo inferior é preenchido por uma tela pintada com as almas no Purgatório, o intermédio acolhe um nicho emoldurado com uma imagem de vulto perfeito e o terceiro corpo tem três tramos diferenciados por consolos (ver p. 181).

O retábulo-mor da ermida de Santo Apolinário, em Urros – Torre de Moncorvo é o único exemplar que conhecemos com dois corpos e quatro tramos. O tramo principal, pontuado pelo eixo da mesa do altar, acolhia no corpo inferior um painel pintado com a representação do orago. De salientar a estreita relação do retábulo, que preenche praticamente a totalidade da parede testeira, com o revestimento integral da cobertura, também estruturada com quatro fiadas de caixotões pintados. Referimos ainda que na capela-mor há uma arca tumular de pedraria que acolhe os restos mortais de Santo Apolinário.

Periodização

Na Idade Moderna ou Antigo Regime, época em que os retábulos tiveram maior acolhimento, constatamos a existência de várias conjunturas artísticas ou períodos de média duração, correspondendo *grosso modo* cada um deles a uma geração (ciclo de trinta a quarenta anos).

Conforme mencionámos nos volumes anteriores, os diversos intervenientes, quer na encomenda, quer na execução, assumiam de forma consciente as inovações adotadas periodicamente na corte portuguesa pelos arquitetos régios (residentes maioritariamente na cidade de Lisboa) e procuravam na medida do possível seguir esse formulário.

Enquanto nos centros urbanos mais prósperos do país se substituía, com alguma regularidade, o retábulo existente ou se promovia campanhas de atualização de alguns elementos do mesmo, na região em estudo foi muito menor essa tendência. Sempre que possível aproveitavam-se os retábulos antiquados para os colocar em pequenos templos, conforme se constata na visitação realizada, a 6 de novembro de 1714, à igreja paroquial de São Martinho de Lagoa – Macedo de Cavaleiros: *o fabriqueiro, em termo de um ano mandará fazer dois retábulos colaterais, visto haver dinheiro na fábrica para isso* (…) *e os retábulos velhos se porão nas capelas do povo*[84].

A partir dos finais do século XV, princípios do XVI, cada nova conjuntura passou a ser designada normalmente por *ao moderno*[85]. Como exceções referimos o Renascimento e o Rococó em que predominavam respetivamente os termos *ao romano* e gosto *francês*.

Em contrapartida, quando se referiam aos retábulos de qualquer uma das conjunturas anteriores, designavam-nos por *ao*



Miranda do Douro. Igreja de Santa Cruz.
Retábulo Rococó.
Foto SIPA 28283

84 LEAL, 2006, p. 124.

85 Esta terminologia não foi somente aplicada nos retábulos, mas também noutras modalidades artísticas.

antigo.

Vejamos alguns testemunhos da aplicação destes termos:

-Em 1716, frei Agostinho de Santa Maria, no Santuário Mariano, ao descrever a igreja paroquial de Lamas de Podence – Macedo de Cavaleiros, refere que *na capela-mor tem um retábulo novo e* ***moderno*** *de muito boa talha*[86].

-No dia 28 de maio de 1735, Jerónimo Preto de Lemos, cónego magistral na sé de Miranda, determina na visitação à igreja paroquial de Argozelo: *o mordomo das Almas* (...) *até à primeira visita mandará fazer um retábulo para o altar das mesmas por mão de bom oficial* (...) *fazendo toda a folhagem da obra* ***ao moderno****, a que alguns chamam folhagem* ***francesa***[87].



Soeira (Vinhais). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Município de Vinhais.

-Numa descrição de 1753, da igreja paroquial de Soeira – Vinhais diz-se que na capela-mor *tem seu retábulo feito ao modo* ***antigo***[88]. Curiosamente, este exemplar, que ainda subsiste, é dos princípios do século XVIII.

-Num inventário da igreja matriz de Santa Maria de Bragança, de 1811, é referido o seguinte: *o retábulo é de* ***forma antiga****, assim como também a tribuna, porém esta precisa de vários concertos pela sua pouca segurança e decência, seguindo-se o ser mais útil a fazer-se uma de novo de* ***forma moderna****, pois até a própria necessidade o exige em razão de se não poder subir sem perigo ao alto dela, quando o sacerdote vai colocar o Santíssimo Sacramento*[89].

86 SANTA MARIA, 1716, p. 581.
87 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 459; LOPES, 2006, p. 292.
88 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 292.
89 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 591.

Indicamos, de seguida, por ordem cronológica, cada uma das conjunturas identificadas na atual diocese de Bragança – Miranda, ainda que em determinados casos indicamos mais de uma designação, nomeadamente quando coexistem opções estéticas diferenciadas e em que nenhuma delas abrange a totalidade da realidade artística então existente.

Tardogótico

Os primeiros retábulos em madeira fixos às paredes testeiras das capelas começaram a ser usados a partir da segunda metade do século XV, não subsistindo nenhum exemplar na região em estudo.

Os que sobrevivem são em pintura mural figurativa, ainda que algo deteriorados ou encobertos por posteriores altares de madeira entalhada, não utilizando *ainda os elementos formais de um retábulo, no entanto as figuras estão organizadas num esquema retabular*[90]. Interessante testemunho é o da capela-mor da ermida do Santo Cristo, em Picote – Miranda do Douro, que apresenta como especificidade o facto de apresentar quatro tramos, um ao centro, dois no lado do Evangelho e somente um no lado da Epístola (ver p. 160).

Certa clientela continuou a preferir os retábulos portáteis, na maioria dos casos, trípticos *com portas* ou volantes, quer sejam importados da Flandres, quer de feitura nacional. Estes exemplares tanto podiam ser em pintura ou em relevo escultórico ou ainda o painel central em relevo escultórico e os volantes com pintura figurativa. Como testemunho indicamos o retábulo da Parentela de Santa Ana, adquirido em Antuérpia e atualmente colocado



Torre de Moncorvo. Igreja paroquial.
Pormenor do tríptico da Parentela de Santa Ana.
Foto Município de Torre de Moncorvo.

90 CAETANO, 2009, p. 354.

na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Torre de Moncorvo (ver p. 162).



Marco de Canaveses. Igreja de Santo Isidoro.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Joaquim Inácio Caetano.

Renascimento

Período que corresponde, *grosso modo*, ao reinado de D. João III (1521 - 1557). Enquanto na fase anterior se designavam as obras inovadoras pelo vocábulo *ao moderno*, no Renascimento, por oposição estilística, prefere-se o termo *ao romano*. Na opinião de Rafael Moreira esta expressão surge vez no nosso país referente a pinturas murais, aparecendo pela primeira vez em 1507, numa visitação à igreja de São Martinho do Peso –Mogadouro"[91]. É então recomendado *pintar a parede do dito altar de boas pinturas e tintas, de* ***obra romana*** *ou de imagens, qual mais lhe prouver*[92].

Na região em estudo, apesar de não subsistir nenhum exemplar em pintura mural deste período[93], foi frequente a sua utilização. A norte do Douro, o espécime mais próximo que conhecemos, datado de 1536, encontra-se na capela-mor da igreja de Santo Isidoro, em Marco de Canaveses.

Enumeramos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos renascentistas:

-São definidos os elementos compositivos que permanecerão, durante séculos, na grande maioria dos retábulos, a saber o embasamento, o(s) corpo(s) e o ático, estruturados em tramos através das ordens arquitetónicas.

-Os corpos e os tramos são delimitados por pilastras e/ou colunas, podendo estas últimas ser lisas, apresentar caneluras ou ainda a forma de balaústres, também designadas por *colunas monstruosas* (Diego de

91 MOREIRA, 1995, p. 315.

92 L.RODRIGUES, 2001, 1, p. 72.

93 Lembramos que nos séculos XVII e XVIII foram frequentes as recomendações dos visitadores mandando caiar as paredes e colocar um retábulo de madeira entalhada, como ocorreu, por exemplo, em 1697, em Vale de Prados: *o padre cura* (…) *mandará branquear as paredes de forma que fiquem cobertas as pinturas que tem, tão mal feitas que incitam ao riso e não movem a devoção* (L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 385 e 386).

Sagredo).

-O tramo central é normalmente preenchido com a representação do orago. Os restantes tramos são ocupados por ciclos figurativos da devoção dos responsáveis.

-O vocabulário decorativo então vigente baseia-se em motivos inspirados na arquitetura greco-romana, nomeadamente candelabros, mascarões, cartelas, medalhas, urnas, bucrânios, troféus, sátiros, vieiras, etc.

Atitude anticlássica e decoro tridentino

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia, no final do reinado de D. João III (1521 - 1557), prolongando-se pontualmente pelo período filipino. A criação do bispado de Miranda do Douro, em 1545, a partir do desmembramento da enorme arquidiocese de Braga, vai estar na origem do aparecimento de um novo centro produtivo, cujo ponto central não foi a sede do assento episcopal, mas sim a já existente e relevante cidade de Bragança.



Fonte Biblioteca Nacional Digital.

Na sequência do Concílio de Trento (1545 - 1563), ganha grande aceitação junto de alguma clientela, a saber, eclesiásticos mais esclarecidos, uma nova postura pautada pelo decoro e pela contenção, que assume como princípio: *nihil profanum, nihil inhonestum, nihil insolitum*. Esta atitude motivou a substituição de representações figurativas medievais e renascentistas por outras mais atualizadas, conforme se constata nas *Constituições Sinodais do bispado de Miranda do Douro*, de 1565: *porque em muitas igrejas do nosso bispado achamos muitas imagens e pinturas de santos tão mal pintadas e que não somente não provocam a devoção de quem as vê, mas antes dão matéria de rir e outras que não estão pintadas conforme a verdade da escritura e história que representam* (...) *mandamos aos nossos visitadores* (...) *que façam exame das imagens de histórias que já estão pintadas ou envelhecidas, as façam tirar dos tais lugares e que em seu lugar se ponham*

ou pintem outras bem feitas, como deve ser[94].

Tal como acontecia no período antecedente, predominam os retábulos em pintura mural, apontando-se como testemunho o da capela de Nossa Senhora do Areal, em Agrochão – Vinhais (ver p. 164). Surgem os primeiros exemplares de madeira entalhada, inscritos numa estrutura arquitetónica, sendo os painéis figurativos em pintura a óleo. São disto exemplo o arcaz da sacristia da igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta (ver p. 24) e dois retábulos retardatários, o da capela-mor da igreja de Santo André, em Algosinho – Mogadouro (ver p. 166) e um lateral, na igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro.



Mogadouro. Igreja conventual de São Francisco. Retábulo lateral.
Foto SIPA 65160

Alguma clientela ainda encomendou trípticos, maioritariamente com tábuas pintadas, apontando-se como exemplo o de Santo Inácio de Antioquia, outrora no convento de Santa Clara, em Bragança e atualmente no Museu Abade do Baçal (ver p. 163).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura artística:

-Predominam as plantas retas ou planas.

-O equilíbrio e as proporções renascentistas dão lugar, por vezes, a composições alongadas e esguias.

-Os elementos arquitetónicos são interpretados com alguma liberdade, tendendo mesmo a simplificar-se. Passam a predominar as pilastras e as colunas estriadas, por vezes diferenciadas no terço inferior.

-Em relação aos ornatos, *as figuras fantásticas e contaminadas por vários mundos vão dando progressivamente lugar ao ornamento menos exótico e ordenado a um ritmo mais rígido. Motivos de frutos associados a ramos vegetalistas, ferroneries, máscaras ou cartelas várias com ou sem inscrições e*

94 L. RODRIGUES, 1997, p. 109.

extraídas sobretudo do universo da gravura de raiz flamenga preenche os campos decorativos da arquitetura[95]. Por sua vez, nos retábulos mais sóbrios são usados poucos ornatos, nomeadamente elementos geométricos, vegetalistas, cabecinhas de serafins, etc…

Prenúncios do Triunfalismo Católico

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621), assistindo-se a um estreitamento de relações artísticas com algumas cidades espanholas, nomeadamente Zamora, Salamanca e Valladolid.

Dando continuidade à situação ocorrida nas conjunturas anteriores, executam-se ainda muitos retábulos em pintura mural. Gradualmente começa a ser dada preferência à madeira entalhada e dourada. Independentemente dos materiais usados, alguns exemplares ainda se mantêm fiéis a uma postura de contenção e de decoro, vigente na conjuntura anterior. Os mais inovadores[96], concebidos por artistas esclarecidos (de Lisboa, de Coimbra, de Zamora e de Valladolid) e executados por reputados profissionais originários destas últimas cidades espanholas, apresentam os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Neste contexto, assiste-se à intensificação do uso de retábulos, tornando-se a obra de Sebastião Serlio o ponto de partida para uma



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto D. José Cordeiro.

95 CRAVEIRO, 2002, p. 407.

96 Só subsistem exemplares desta conjuntura artística em Miranda do Douro, sede do assento episcopal e em Torre de Moncorvo, que durante algum tempo disputou esse privilégio. É provável que também tivessem existido na cidade de Bragança, o centro urbano com maior vitalidade e onde se regista permanentemente a primeira oficina de entalhe, a do mestre Geraldes Gonçalves.

para uma série de ensaios e experiências que, apesar de pontuais e, em certos casos, divergentes, estão na origem de determinadas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.

De acordo com Rafael Moreira a expressão *ao moderno* reaparece nas últimas décadas do século XVI[97].

Um dos exemplares pioneiros desta conjuntura pode ter sido o que começou a ser executado, em 1582, na capela-mor da igreja da sé de Miranda do Douro e que foi substituído pouco depois pelo que ainda subsiste neste templo (ver p. 167).



Torre de Moncorvo. Igreja paroquial.
Retábulo da capela de Santo António,
atualmente na sacristia.
Foto Padre Sérgio Pera.

Se neste último exemplar e no da capela do Santíssimo da igreja paroquial de Torre de Moncorvo (ver p. 165) as representações figurativas são em relevo escultórico, na maioria das situações predomina a utilização de painéis com pintura figurativa a óleo, como se verifica num retábulo da cabeceira da referida sé, atualmente da invocação de Bento (ver p. 168).

Na maioria das situações prevalece o caráter narrativo ou didático, valorizando-se também os devocionais a um e a três temas. Interessante testemunho desta última solução é o que se encontra, desde 1756[98], na sacristia da igreja paroquial de Torre de Moncorvo, proveniente da capela de Santo António, do mesmo templo.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:
-Predominam as plantas retas ou planas. Em determinados exemplares é criada alguma dinami-

97 MOREIRA, 1995, p. 315.
98 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1979, pp. 35 e 36.

zação resultante de a composição retabular se adaptar ao perfil semicircular da capela, como se verifica no referido retábulo do Santíssimo de Torre de Moncorvo (ver p. 165).

-As ordens arquitetónicas preferidas são as clássicas, designadamente a jónica e a coríntia, prevalecendo esta última. O fuste é parcial ou totalmente canelado, por vezes com o terço inferior decorado com diamantes e/ou óvulos, grinaldas de frutos, cabecinhas de serafins, etc. Assiste-se ao aparecimento de elementos mais dinâmicos, a saber consolas ornadas de grinaldas. O entablamento é muitas vezes interrompido, registando-se nalguns exemplares desrespeito na sobreposição das ordens arquitetónicas.

-Regista-se uma grande diversidade de soluções no ático, como se verifica nos retábulos atrás mencionados.

-O vocabulário decorativo restringe-se somente aos elementos arquitetónicos: pedestais, colunas, pilastras e entablamentos, começando a surgir os primeiros ornatos vegetalistas de expressão naturalista.



Torre de Moncorvo. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo da capela do Santíssimo.
Foto DRCN.

Protobarroco

Período que principia por volta de 1620 e que se prolonga nos segundo e terceiro quartéis do século XVII. O impacto da postura triunfalista da Igreja Católica acentua-se na península ibérica, onde adquire características distintas dos restantes países europeus. A partir do reinado de D. Filipe III, evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Se a fase anterior era de experimentação, nesta já predomina um formulário aceite em todo o país e consequentemente em toda a região em estudo. O retábulo pioneiro desta conjuntura artística foi



Reconstituição do primitivo retábulo-mor da Igreja do colégio da Companhia de Jesus.

construído, em 1628[99], na capela-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança e tomava por modelo o da igreja da Casa Professa de São Roque, em Lisboa. Apesar de já não subsistir, a partir dos elementos documentais disponíveis teria dois corpos e três tramos. Os laterais *com os quatro nichos para os nossos quatro santos*. No intercolúnio central havia um sacrário monumental e *dois quadros de pintura*, no segundo corpo *Cristo Crucificado* e no ático a *Circuncisão*[100].

Relativamente aos materiais, a utilização da madeira entalhada começou a generalizar-se na região, decaindo o uso de retábulos fingidos, pintados nas paredes. A utilização de pintura figurativa sobre tela tende a declinar, afirmando-se gradualmente a preferência por representações em alto-relevo, como se verifica no retábulo das Almas, na igreja da Misericórdia, em Miranda do Douro (ver p. 176).



Miranda do Douro. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Arménio Gomes.

Tal como sucedia na conjuntura anterior, os retábulos de maior aceitação foram os de corpo único e um só tramo, na generalidade devocionais a um só tema. Em alternativa utilizaram-se os de composição tripartida, devocionais a três temas. Menor acolhimento,

99 MARTINS, 1994, p. 634.
100 MARTINS, 1994, pp. 634 e 638.

tendendo mesmo a deixar de ser preferidos, tiveram os de dois corpos e três tramos, independentemente dos usos ou funções. Vejamos exemplos destas três soluções, respetivamente, o primitivo retábulo do Santíssimo, na igreja da sé de Miranda do Douro (ver p. 175), o de São Estevão, na igreja matriz de Santa Maria, em Bragança (ver p. 169) e o da capela-mor da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro (ver p. 171).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas, começando a ser usadas soluções mais dinâmicas, designadamente em perspetiva côncava, como se constata no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Mogadouro (ver p. 174).

-Imperam as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integramente revestido com ornatos vegetalistas. São ainda usados consolas e quartelões.

-Na maioria das situações, o ático é composto por um pequeno painel central, retangular, inscrito entre consolos e rematado por um frontão, que acolhe uma pintura alusiva ao orago. Como alternativa pontual, o ático é rematado por uma arquivolta plena, conforme se verifica no referido retábulo das Almas (ver p. 176) e no de Nossa Senhora da Soledade, na igreja da Misericórdia, em Miranda do Douro.

-O vocabulário decorativo, na generalidade em médio relevo e integralmente dourado, adquire cada vez mais um caráter naturalista, no qual prevalece a folhagem de acanto, em médio relevo, sendo complementado por cabecinhas de serafins.



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenores do retábulo do Santíssimo.
Fotos Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Barroco Pleno[101]



MIranda do Douro. Concatedral.
Retábulo de São Pedro.
Foto SIPA 818460

Período que corresponde às últimas décadas do século XVII e às primeiras duas do XVIII, prolongando-se, por vezes, por diversos anos. Atendendo ao ambiente de paz e de prosperidade vivido no nosso país, decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do consequente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e da descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes no Brasil, os retábulos desta fase tiveram uma aceitação jamais ocorrida, nem em épocas anteriores nem posteriores, encontrando-se exemplares não só nos principais centros urbanos, mas também em pequenas localidades rurais. Na região em estudo constatamos que algumas das suas características continuam a usar-se nas conjunturas seguintes.

À semelhança da época anterior, predominou a preferência pela utilização da madeira integralmente entalhada e dourada. Só pontualmente se executaram retábulos fingidos, em pintura mural.

Os retábulos de maior aceitação, maioritariamente devocionais a um só tema, tinham corpo único e um só tramo, inscrevendo-se o intercolúnio entre dois, três ou mais elementos arquitetónicos. Por exemplo, no altar de São Pedro, na concatedral de Miranda do Douro são usados de cada lado duas colunas e duas pilastras.



Bragança. Igreja conventual de São Francisco.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 930270

Seguem-se os que adotaram a tipologia composta por corpo único e três tramos, como se verifica no das Almas, na igreja paroquial de Meixedo –Bragança, que apresenta uma composição tripartida, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado (ver p. 184) e ainda os que se inscreviam num *arco* ou enquadramento arquitetónico individualizado, em talha. Como testemunho mencionamos um dos altares laterais, na igreja conventual de São Francisco, em Bragança.

101 Também conhecido por Barroco Nacional.

Destacamos ainda exemplos de três tipologias, por ordem decrescente da sua aceitação: a dos arcos triunfais retabulares, na igreja paroquial de São Vicente, em Bragança (ver p. 186); a de dois corpos e três tramos, na igreja da Misericórdia de Bragança, o exemplar pioneiro desta conjuntura na região em estudo, em que o intercolúnio central se inscreve entre duas colunas, uma de cada lado e nas extremidades dos tramos laterais há colunas duplas (ver p. 177) e, por fim, a de corpo único e dois tramos, num retábulo colateral, do lado da Epístola, na igreja paroquial de Caçarelhos – Vimioso.

Apresentamos, de seguida, as principais características dos retábulos desta fase:

-Para além das plantas retas ou planas são usadas outras mais dinâmicas, designadamente em perspetiva côncava. Como exceções dignas de registo mencionamos dois retábulos-mores de igrejas paroquiais, o de Azinhoso –Mogadouro, com corpo único e o de Podence – Macedo de Cavaleiros, com dois corpos (ver p. 193). Em ambos o tramo central, de composição tripartida, tem planta *seistavada* ou em perspetiva convexa, pontuada por quatro elementos arquitetónicos. Por sua vez, os tramos laterais, de planta reta ou plana, inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado.

-Nos retábulos-mores utilizam-se com muita frequência camarins ou tribunas, dedicados à exposição solene do Santíssimo Sacramento, particularmente nas igrejas matrizes ou paroquiais.

-As colunas torsas com seis ou sete espiras, cujo fuste é totalmente revestido por cachos de uvas, parras, fénix e meninos são as de maior preferência, sendo designadas na documentação por *colubrinas*[102] ou *salomónicas*[103]. Há uma ou outra oficina menos esclarecida que utiliza somente quatro ou cinco espiras, como ocorre no retábulo-mor da



Morais (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paoquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 8116.

102 Em 1681, no ajuste do retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Bragança, é declarado que terá *doze colunas* colubrinas (CASTRO, 1948, p. 66).

103 Em 1693, na escritura do contrato do retábulo-mor da igreja paroquial de São Francisco, em Vidoedo – Bragança, afirma-se que será *à salomónica* (L. RODRIGUES, 2006, p. 46).

igreja paroquial de Morais –Macedo de Cavaleiros (ver p. 182). São ainda usadas pilastras revestidas de ornatos e pilastras compósitas ou quartelões, então designados por *quartelas*.

-No ático dos retábulos mais eruditos é empregue uma solução exclusivamente portuguesa, em que se sobrepõem dois ou mais arcos salomónicos, plenos e concêntricos, cortados transversalmente por aduelas. Nos restantes retábulos recorre-se a inúmeras alternativas, sendo a de maior aceitação o uso de composições tripartidas. Entre vários exemplos indicamos o retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Bragança (ver p. 177), o da capela-mor da igreja paroquial de Cortiços – Macedo de Cavaleiros (ver p. 190) e o das Almas, na igreja paroquial de Meixedo – Bragança (ver p. 184).



Bragança. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Hélio Ramos.

-São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático, sobressaindo, contudo, as representações do Purgatório e do Inferno.

-Em certas situações são empregues telas pintadas, quer reaproveitadas da época anterior, quer feitas de novo.

-A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição retabular. O entalhe crespo e relevado, em médio ou alto-relevo, é do agrado da maioria da clientela.

-O vocabulário decorativo tem um caráter naturalista, sobressaindo a folhagem de acanto ou de *cardo*. São ainda usadas flores diversas, fénix, frutos, etc.

-O revestimento dourado é aplicado na totalidade do retábulo, complementado por alguma policromia no fundo dos ornatos, na carnação das figuras e no estofado das vestes.

-Assiste-se a uma tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas. Entre estas avultam a talha dourada, nomeadamente nos caixotões da cobertura e a pintura de brutesco acântico.



Morais (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paoquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 8116.

Barroco Final

Período que corresponde *grosso modo* ao reinado de D. João V[104], em cuja corte se vive um ambiente de ostentação e de esplendor. A partir de 1713, com o fim da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, inicia-se em Portugal um período de paz e de grande prosperidade, impulsionado pelo ouro e pelos diamantes originários do Brasil. Se nos retábulos mandados executar pelas elites mais esclarecidas e conhecedoras das normas vigentes na corte predomina um caráter faustoso e cenográfico, nos restantes perduram muitas das características da fase anterior, enriquecidas com uma ou outra inovação.

À semelhança da conjuntura anterior, a maioria da clientela prefere os de madeira integralmente entalhada e dourada, sendo pontuais os novos retábulos fingidos, em pintura mural. Um interessante testemunho desta última opção é o das Almas, na igreja

104 Vulgarmente conhecido por Barroco Joanino.

paroquial de Soutilha – Vinhais (ver p. 220).

Na região em estudo os primeiros retábulos a apresentar inovações podem ter sido o da capela-mor (ver p. 197) e os dois colaterais da igreja matriz de Santa Maria, em Bragança, executados pouco antes de 1720, data em que o da capela-mor é referido num relatório, do bispo de Miranda do Douro, D. João de Sousa Carvalho[105]. Por sua vez os colaterais, *feitos de talha à moderna*,[106] são referenciados por José Cardoso Borges, nas suas *Memórias de Bragança* (1721-1724) nos seguintes termos: *nos lados da capela se vestiram, na correspondência da tribuna, com dois altares, o da parte do Evangelho, que deu um devoto, é de Nossa Senhora do Rosário* (...) *o da parte da Epístola é da irmandade das Almas*[107].



Bragança. Igreja matriz de Santa Maria.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 997071

A tipologia de maior aceitação, utilizada quer em retábulos-mores, normalmente destinados à exposição solene do Santíssimo, quer em retábulos devocionais a três temas, foi a de corpo único e três tramos, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois ou mais elementos arquitetónicos. Em determinados casos o número destes elementos podia variar por tramo, como acontece no retábulo-mor da igreja paroquial de Vale de Prados – Macedo de Cavaleiros, em que o camarim se inscreve entre elementos arquitetónicos quádruplos (duas pilastras, uma coluna e um quartelão), registando-se nas extremidades dos tramos laterais somente uma coluna e uma pilastra (ver p. 210). Outras tipologias menos usuais foram a de corpo único e só tramo, mais frequente em retábulos colaterais, como se verifica, nos da igreja paroquial de Marzagão – Carrazeda de Ansiães, cujo intercolúnio é envolvidos por duas colunas e dois quartelões (ver p. 214); a dos retábulos com *arco* ou enquadramento arquitetónico, por exemplo,

105 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 527.
106 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 592.
107 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 593.

o das Almas, na igreja paroquial de Argozelo – Vimioso. Em relação aos retábulos triplos só subsiste um único exemplar, na capela-mor da igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta (ver p. 209).

Enumeramos, de seguida, as principais características formais dos retábulos desta conjuntura artística, a saber, as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser mais dinâmicas, maioritariamente em perspetiva côncava, passando a usar-se também a perspetiva convexa.

-Em relação às ordens arquitetónicas, numa fase inicial as colunas são muito idênticas às da época anterior, apresentando como inovação o facto de o fuste ser revestido principalmente por ornatos vegetalistas e flores diversas. Só partir de 1727, por influência do tratado *Perspectiva Pictorum et Architectorum* do padre jesuíta Andrea Pozzo, é que são empregues colunas torsas, com o terço inferior diferenciado ou não, mas com a garganta do fuste percorrida por uma grinalda de flores. São exemplos de ambas as soluções o retábulo da Sagrada Família, na igreja paroquial de Macedo de Cavaleiros (ver p. 198) e os colaterais da igreja de Santo Cristo do Outeiro (ver p. 90). Pontualmente são usados quartelões e por influência de algumas oficinas da cidade do Porto, colunas que não são torsas, mas que apresentam o fuste, diferenciado ou não no terço inferior, integralmente revestido por ornatos vegetalistas em relevo escultórico, como se constata no retábulo das Almas, na igreja paroquial de Macedo de Cavaleiros (ver p. 217). Como curiosidade identificadora de uma oficina, muito provavelmente sediada em Carrazeda de Ansiães, referimos a substituição de alguns elementos arquitetónicos por figuras masculinas em alto-relevo, suportando tocheiros e rematados por dosséis de perfil triangular. Interessante testemunho é o retábulo-mor da igreja paroquial de Seixo de Ansiães (ver p. 212).

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental, afir-



Argozelo (Vimioso). Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto Paulo Lopes.



Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 6305.



Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 6305.



Bragança. Igreja conventual de São Francisco.
Pormenor do retábulo de Santa Luzia.
Foto Guilherme Moutinho.

mando-se em determinados espécimes como o principal elemento inovador. Numa fase inicial são empregues diferentes soluções, a saber, o perfil polilobado dos arcos salomónicos, a substituição do arco salomónico exterior por segmentos curvos e/ou polilobados, segmentos de frontão curvos, atlantes e meninos em alto-relevo, dosséis, cortinas repuxadas lateralmente, volutas, festões, etc.

-Elementos figurativos em alto-relevo (atlantes, meninos hercúleos, anjos, querubins, serafins, meninos, etc.) são usados com frequência, não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas.

-A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto e médio) e a invadir todos os espaços disponíveis, numa atitude de *horror vacui*.

-O vocabulário decorativo apresenta duas facetas diferentes: uma, de origem italiana, em grande parte já aclimatizada no nosso país na fase anterior; a outra, mais inovadora e só pontualmente utilizada, a Regência, de origem francesa. De entre os ornatos mais usuais nesta última destacamos as cabeças coroadas com plumas, palmetas, faixas de arabescos, elementos de expressão gráfica, ornatos sinuosos e leves, etc. Também na documentação se verifica o conhecimento desta nova ornamentação. Por exemplo, no dia 28 de maio de 1735, o visitador Jerónimo Preto de Lemos, cónego magistral na igreja da sé de Miranda do Douro, determina a propósito do retábulo da confraria das Almas da igreja paroquial de São Frutuoso, em Argozelo – Vimioso (ver p. 81): *até à próxima visita mandará fazer um retábulo para o altar das mesmas por mão de bom oficial* (…) *fazendo toda a folhagem da obra ao moderno, a que alguns chamam* ***folhagem francesa***[108].

108 L. RODIGUES, 2001, 2, p. 459; LOPES, 2006, p. 292.

Tardobarroco e Rococó

Período que principia na cidade de Lisboa na década de 1740, fortemente condicionado pela drástica diminuição de recursos financeiros e pela progressiva secularização do culto e declínio da piedade pública. Coexistem duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.

Apesar de os retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma* terem sido minoritários na fase anterior, restringindo-se a sua aceitação a algumas elites lideradas pelo rei D. João V, a partir dos meados de Setecentos afirmam-se gradualmente em todo o reino, estando na origem do Tardobarroco. Assim sendo, ao progressivo declínio da madeira predominantemente entalhada e dourada, sucedem os retábulos de madeira pintada a fingir pedraria, de preferência com pouco relevo escultórico, como se constata em 1755 nas determinações do visitador à igreja paroquial de São Frutuoso, em Argozelo – Vimioso: *que se mande dourar o retábulo da capela-mor, os altos de ouro e os baixos e colunas de pedra fingida*[109] (ver p. 222).



Argozelo (Vimioso). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Padre Aníbal Anunciação.

Interessante testemunho desta nova opção constata-se na escritura do ajuste do retábulo-mor da igreja paroquial de São Julião de Palácios – Bragança, realizada a 24 de junho de 1766, onde se afirma que será feito *com boa talha na forma que se usa, à romana*[110]. No entanto, o retábulo pioneiro pode ter sido o que referimos antes, o da capela-mor da igreja paroquial de Argozelo, mandado executar pelo cabido da sé de Miranda do Douro, no dia 7 de janeiro de 1753[111] (ver p. 222).

Tal como a Regência, o Rococó era originário da França. Os

109 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 206.
110 L. RODRIGUES, 2006, p. 70.
111 L. RODRIGUES, 2006, pp. 187 e 188.



Torre de Moncorvo. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Município de Torre de Moncorvo.

retábulos que seguiam esta última opção continuaram a ser predominantemente entalhados e como tal de custo mais avultado. Um dos exemplares pioneiros deve ter sido o da capela-mor da igreja paroquial de Torre de Moncorvo, ajustado a 4 de janeiro de 1752, por um dos mais reputados mestres entalhadores da cidade de Braga, Jacinto da Silva[112] (ver p. 221).

As crescentes dificuldades económicas e a consequente opção da Corte pelos valores do Tardobarroco acabaram gradualmente por se impor em todos os locais, apesar da contínua resistência dos adeptos do Rococó. Deste modo terminava um longo e interessante ciclo, estreitamente associado ao Barroco.

As tipologias de maior aceitação foram a de corpo único e um só tramo e a de corpo único e três tramos, podendo os intercolúnios inscrever-se entre duas ou mais colunas e/ou pilastras ou até mesmo não ter quaisquer elementos arquitetónicos. Entre diversos exemplos indicamos dois: o retábulo-mor da ermida do Senhor da Boa Morte, em Sendim – Miranda do Douro, tem corpo único e um só tramo, registando-se em cada lado cinco elementos arquitetónicos (ver p. 225); por sua vez, o já indicado altar-mor da igreja paroquial de Argozelo apresenta corpo único e três tramos delimitados por elementos arquitetónicos duplos (ver p. 222). Outras tipologias de menor aceitação foram a dos retábulos com *arco* ou enquadramento arquitetónico, por exemplo, o de São Pedro, na igreja monástica de São Bento, em Bragança (ver p. 229); a dos arcos triunfais retabulares, nomeadamente na igreja paroquial de Avantos – Mirandela (ver p. 232) e a dos retábulos com corpo único e cinco tramos, apontando-se

112 FERREIRA ALVES, 1985.

como interessante testemunho o da capela do Santíssimo na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 227).

Enunciamos, de seguida, as principais características formais, designadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas denotam maior dinamismo. Em certos casos, utilizam-se superfícies curvilíneas, quer côncavas, quer convexas. Noutros prefere-se acentuar a angulosidade dos elementos arquitetónicos, que são colocados de viés.

-A tendência para desrespeitar ou mesmo destruir princípios compositivos de tradição secular, a saber a erradicação de alguns elementos arquitetónicos, a deformação dos embasamentos ou dos áticos, a difícil distinção entre elementos arquitetónicos e ornamentação. Interessante testemunho é o retábulo de São Barnabé, no santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais (ver p. 231).

-A existência de uma grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas torsas ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-estípites, etc.

-Nos exemplares mais eruditos acentua-se a tendência para recorrer à pintura figurativa de painéis, como ocorre no retábulo da capela do paço episcopal, em Bragança (ver p. 230).

-O uso de soluções diversificadas no ático, desde composições definidas por elementos arquitetónicos clássicos a outras bastante mais elaboradas.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se, em muitos exemplares, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados ou rocalhas fantasistas e assi-



Mirandela. Igreja da Misericórdia.
Pormenores de retábulo-lateral.
Fotos Santa Casa da Misericórdia de Mirandela.



métricas. Usam-se também linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.



Lagoaça (Freixo de Esapada à Cinta).
Ermida de Nossa Senhora da Assunção.
Cobertura da capela-mor.
Foto SIPA 952158

Neoclassicismo e romantismos historicistas

A partir da década de 1790, principia um período de declínio, que maioritariamente dá continuidade às normas de contenção e sobriedade defendidas nas décadas anteriores, sendo pontuais os adeptos do Rococó, como se verifica no retábulo-mor da colegiada de São Mamede, em Mogadouro, obra assumida por volta de 1797[113].

As propostas elitistas do Neoclassicismo pouca expressão tiveram na região, sendo residuais os retábulos que as adotaram parcialmente, apontando-se como testemunhos os altares laterais da igreja paroquial de Larinho – Torre de Moncorvo, ajustados em

113 L. RODRIGUES, 2006, pp. 148 a 157.

1794[114] e o da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel, em Linhares – Carrazeda de Ansiães (ver p. 241), contratado cinco anos depois[115]. Mais frequente foi a substituição das mesas dos altares, cujo propósito *é evidente a sua utilidade para se evitar a despesa dos frontais*[116], indicando-se como exemplos as que se fizeram nos retábulos colaterais da igreja paroquial de Vila Flor.



Vila Flor. Igreja paroquial.
Mesa do altar de retábulo colateral.
Foto Padre Delfim Gomes.

Estas opções estéticas acompanharam a profunda alteração de valores que se instalou na sociedade. As irmandades perderam adeptos: *a mundividência subjacente a esta transformação gradual de atitudes coincide com o período de difusão das ideias iluministas que se acentua na viragem do século e no decurso da experiência liberal de 1820-1823. Sob o impacto das novas ideias, sobem de tom as críticas aos excessos de uma prática religiosa superficial, incapaz de potenciar os valores espiritualmente libertadores do cristianismo. Os ventos da secularização, trazidos pelo movimento das Luzes, contagiam o campo moral e dos costumes e sedimentam, em nome da razão crítica, os primeiros ataques públicos à intolerância e ao rigorismo do clero conservador*[117].

114 L. RODRIGUES, 2006, pp. 176 e 177.
115 L. RODRIGUES, 2006, pp. 90 a 90.
116 L. RODRIGUES, 2006, pp. 154 e 155.
117 A. ARAÚJO, 1997, p. 341.

Após a queda do Antigo Regime e a consequente perda das fontes de financiamento da Igreja, acentua-se o período de declínio e de apego ao passado que se prolonga até ao Concílio Vaticano II (1962-1965).

Só em casos esporádicos alguns retábulos foram concebidos por artistas mais eruditos, apontando-se a título de exemplo o da capela-mor da igreja paroquial de Linhares – Carrazeda de Ansiães, que referimos anteriormente, cujo risco atribuímos ao arquiteto régio Manuel Caetano de Sousa, que o deve ter executado a pedido do detentor da comenda, o marquês de Fronteira, morador na cidade de Lisboa (ver p. 241).

A partir de então predominam os retábulos de menor qualidade, delineados e executados na sua maioria por artífices de modestas qualificações.



Larinho (Torre de Moncorvo).
Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Fonte L. RODRIGUES, 2006, est. XX.

A madeira continuou a ser o material de maior aceitação, quer fingindo pedraria policroma, quer revestida a branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

À semelhança das conjunturas anteriores, as tipologias de maior aceitação foram a de composição tripartida, em que cada tramo é ladeado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado e a de corpo único e um só tramo, podendo o intercolúnio inscrever-se entre dois ou mais elementos arquitetónicos. Pontuais foram os retábulos com *arco* ou enquadramento arquitetónico. Como exemplos referimos, respetivamente, o retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Vila Flor, de 1906 (ver p. 244), o das Almas, na igreja paroquial de Cércio – Miranda do Douro, de 1915 (ver p. 245) e os laterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação, em Larinho – Torre de Moncorvo, de 1794.

Apresentamos algumas das características principais deste período:

-As plantas de maior aceitação continuam a ser planas ou retas.

-O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobrie-

dade, mantendo-se por vezes alguns elementos compositivos das épocas anteriores, designadamente os camarins preenchidos com tronos escalonados, na sua maioria destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento.

-Nos retábulos historicistas, os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência. Nos restantes predominam as ordens clássicas.

-O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.



Carção (Virmioso). Igreja paroquial.
Retábulo lateral, 1877.
Foto SIPA 1006501



Vila Flor. Igreja paroquial.
Retábulo lateral, 1886.
Foto SIPA 1066902

Filiação

O património retabular remanescente na diocese de Bragança - Miranda apresenta características idênticas às das restantes regiões do país[118], designadamente nos espécimes resultantes da intervenção de clientelas e de profissionais que melhor conheciam as normas vigentes na corte e nos principais centros urbanos, a saber nas sedes dos assentos episcopais.

Vejamos alguns exemplos de retábulos mais eruditos, de diferentes conjunturas artísticas:

-O tríptico da Parentela, na igreja paroquial de Torre de Moncorvo (ver p. 162).



Outeiro (Bragança).
Igreja de Santo Cristo.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 688238

-O da capela-mor da concatedral de Miranda do Douro (ver p. 167).

-O da capela-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Bragança (ver p. 185).

-O retábulo seiscentista da capela do Santíssimo, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 175).

-O da capela-mor da igreja da Misericórdia de Mirandela (ver p. 196).

-O de Nosso Senhor da Piedade, na concatedral de Miranda do Douro (ver p. 40).

-Os colaterais da igreja de Santo Cristo, no Outeiro.

-O da capela-mor da igreja paroquial de Torre de Moncorvo (ver p. 221).

-O da capela do paço episcopal de Bragança (ver p. 230).

-O da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel Arcanjo, em Linhares – Carrazeda de Ansiães (ver p. 241).

Apesar de se desconhecer a identidade dos artistas que con-

118 LAMEIRA, 2020.

ceberam estes exemplares é muito provável que os riscos ou projetos dos mesmos, nomeadamente os pioneiros, sejam provenientes do exterior, na sua maioria, dos centros urbanos com maior influência na região, as cidades do Porto, de Braga e de Coimbra e pontualmente de Lisboa.

Atentemos a certos testemunhos, uns comprovados pela documentação, outros recorrendo à analogia formal:

-O retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança, de 1628[119], cujo risco foi seguramente enviado de Lisboa, tomava por modelo o da igreja da Casa Professa de São Roque, como já referimos antes.

-O da capela-mor da igreja paroquial de Torre de Moncorvo (ver p. 221) é ajustado em 1752 por Jacinto da Silva, um dos mais reputados mestres entalhadores de Braga[120].

-O da capela-mor da ermida de Nossa Senhora do Rosário, em Seixo de Manhoses – Vila Flor (ver p. 192) apresenta grandes afinidades com o da ermida de Santo António, em Ponte de Barca (ver p. 128).

-O da capela-mor da ermida de Nossa Senhora do Amparo, em Mirandela, transferido nos meados do século XIX de uma capela privativa desta mesma localidade (ver p. 206), é muito semelhante ao da capela-mor da ermida de Nossa Senhora da Graça, na Junqueira – Vila do Conde.

-O atual retábulo-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Bragança, executado por volta de 1718 (ver p. 195), de nota algumas analogias com um retábulo lateral da igreja paroquial do Divino Salvador, em Arcos de Valdevez (ver p. 144).

-O retábulo de São Barnabé, no santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais (ver p. 231), evidencia algumas



Junqueira (Vila do Conde).
Ermida de Nossa Senhora da Graça.
Retábulo-mor.
Foto José Bernardo Carvalho.

119 MARTINS, 1994, p. 634.
120 FERREIRA ALVES, 1985.

semelhanças com outros espécimes da autoria do reputado entalhador e debuxador beneditino frei José de Santo António Vilaça.

Por sua vez e à semelhança do que ocorre no resto do país, os retábulos mais inovadores executados nas principais localidades da região em estudo[121], designadamente nos templos de maior prestígio, executados ou não por artistas forasteiros, vão servir de modelo, no todo ou em parte, a muitos outros exemplares de localidades periféricas, conforme se verifica nas duas seguintes situações:

-Em 1694, o retábulo do Nome de Jesus, que o cura de Penas Roias – Mogadouro pretende instituir na igreja paroquial tomava como referência o da capela de São Caetano, na igreja da sé de Miranda do Douro [122].

-O retábulo-mor da igreja do lugar de Montesinho, freguesia da Carragosa – Bragança, ajustado em 1764 pelo reputado mestre entalhador João Duarte Pinto, *será à imitação do de São José da santa sé de Miranda*[123].



Miranda do Douro. Concatedral.
Retábulo de São Caetano.
Foto SIPA 818344

Importa também destacar a intervenção de clientes e de oficinas menos conhecedoras das normas vigentes na corte, que utilizaram simultaneamente alguns elementos inovadores a par de soluções retardatárias ou então arranjaram soluções pouco convencionais e que estão na origem de espécimes de cariz mais castiço e popular, contribuindo também para testemunhar a identidade da região.

Vejamos alguns exemplos:

-O de Santo Cristo, na igreja paroquial de Cércio – Miranda do Douro (ver p. 178).

-O das Almas, na igreja paroquial de Fonte de Aldeia – Miranda do Douro (ver p. 179).

121 Nos meados do século XVIII, as dez localidades mais populosas da atual diocese eram, por ordem decrescente, Bragança, Torre de Moncorvo, Freixo de Espada à Cinta, Mirandela, Miranda do Douro, Vimioso, Sendim, Argozelo, Carcão e Vila Flor.

122 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 278.

123 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 276; 2006, pp. 52 a 62.

-O da capela-mor da igreja paroquial de Parada – Bragança (ver p. 56).

-O da ermida de São João Baptista de Algoso – Vimioso (ver p. 237).

-O da capela de Santa Luzia, na igreja conventual de São Francisco, em Bragança (ver p. 215).

-O da capela de Nossa Senhora da Ribeira, em Quintanilha – Bragança (ver p. 226).

-O de Santo Cristo, na igreja paroquial de Vila Boa de Ousilhão - Vinhais.



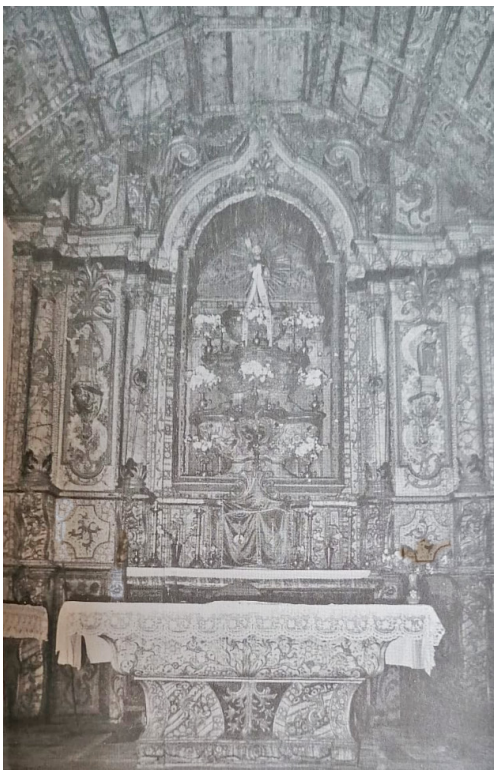
Vila Boa de Ousilhão (Vinhais).
Igreja paroquial.
Retábulo de Santo Cristo.
Foto Unidade Pastoral Senhora da Saúde.

Materiais e técnicas

Até um retábulo ficar concluído passava por sucessivas etapas, nomeadamente o projeto, a execução e os acabamentos, nas quais eram empregues materiais e técnicas diferenciadas. Vejamos então como se desenvolvia este processo nos três momentos indicados.

Projeto

Como já referimos, o projeto de um retábulo era então designado por *risco*, *traça*, *debuxo*, *rascunho*, *amostra*, *borrão*, etc. Os projetos eram desenhados em folhas de papel, em formato ligeiramente superior a A4 ou A3, respetivamente nos mais pequenos e nos maiores. Na sua maioria eram executados com tinta preta, só em casos restritos, se recorria a outras cores, a saber o amarelo e o rosa. Os projetos eram acompanhados, muitas vezes, por apontamentos escritos que especificavam as exigências do cliente. Como testemunho mencionamos os que foram realizados em 1787: A*pontamentos da obra de entalhador para a capela-mor da igreja de São Joanico: como esta capela há de ter de altura 24 palmos e vinte de largo, fará o mestre o seu retábulo que encha a dita altura e largura na forma seguinte – Levará sobre o altar sua banqueta proporcionada e sobre ela seu banco entalhado e guarnecido com suas molduras correspondentes. Levará quatro colunas, duas por banda, com seus capitéis entalhados e tarja. Levará seu caixilho guarnecendo a boca da tribuna. Levará seu pilar entalhado pela boca da mesma tribuna. O soco das colunas subirá acima a despedir, guarnecido com sua moldura que faceje o teto. Levará sua sanefa faceando toda a obra. Levará seu esplendor no remate da obra. Passará a cornija de toda a obra em volta com seu ressalto no meio. Fará a tribuna com três bojos, na forma ordinária. Ficará o mestre livre dos carretos precisos para a condução das madeiras. José Fernandes, mestre entalhador*[124].



São Joanico (Vimioso). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Fonte MOURINHO JUNIOR, 1984, grav. 101

124 L. RODRIGUES, 2006, pp. 190 e 191.

Execução

Na região em estudo, a partir dos princípios de Seiscentos a madeira afirmou-se como a opção mais usual.

Depois de adquirida, era conduzida para a oficina ou tenda do mestre ou então para as instalações cedidas pelo cliente, normalmente nas imediações do templo para onde se destinava o retábulo. Aí era cortada e preparada de acordo com o tipo de entalhe previamente definido pelo cliente. Apontamos, de seguida, vários testemunhos retirados da documentação:

-Na visitação, realizada a 6 de novembro de 1714, à igreja paroquial de São Martinho de Lagoa – Macedo de Cavaleiros: *o fabriqueiro, em termo de um ano mandará fazer dois retábulos colaterais, visto haver dinheiro na fábrica para isso, feitos ao moderno, de* ***talha levantada***[125].

-Na escritura do ajuste do retábulo das Almas da igreja paroquial de Torre de Moncorvo, que decorreu no dia 5 de maio de 1715, entre outras cláusulas é dito que *levará seus pilares entalhados de altura de* ***um palmo de relevo****, como também tudo o mais que a obra levar*[126].

-No ajuste notarial do retábulo-mor e mais obras de talha da igreja de São Tiago, em Amedo – Carrazeda de Ansiães, de 12 de março de 1792, nos apontamentos da mesma declara-se que *levará uma silva, com* ***talha bem mimosa****, enlaçada*[127].

Depois de entalhadas as várias peças que compunham o retábulo, era transportado para o local de destino. Aí, os diversos membros da oficina trabalhavam no encaixe ou ensamblagem das peças e na montagem final.

Por vezes, no mesmo retábulo utilizavam-se madeiras diferentes, reservando-se as de menor qualidade para os lugares me-

125 LEAL, 2006, p. 124.
126 L. RODRIGUES, 2006, p. 167.
127 L. RODRIGUES, 2006, p. 85.

menos visíveis. Preferencialmente recorria-se às madeiras mais abundantes em cada região, predominando na região em estudo a de castanho (*castanea sativa*). Entre inúmeros testemunhos referimos o ajuste do retábulo-mor da igreja paroquial de São Francisco, em Vidoedo – Bragança, realizado em 1693, em que é declarado que a dita obra há de *ser feita de boa madeira de castanho*[128].

Em casos pontuais foram importadas madeiras de outras regiões, como se verifica na justificação dada, em 1587, pelo escultor António André Robles, de Zamora, para pedir mais dinheiro pela feitura do retábulo que então realizava na capela-mor da sé de Miranda do Douro: *em toda a sua comarca não havia madeira de nogueira nem de castanho de que se fazem os retábulos* (…) *que lhe custava muito caro e assim ir buscar a madeira a dez e doze léguas onde tinha informação que aí havia e estava cara e lha fazia muito custo no carreto por ser terra muito fragosa e trabalhosa*[129]. Já a madeira de *bordo* (*acer pseudoplatanus*), originária da Flandres, era mais dispendiosa e como tal dever ter sido usada com parcimónia. Por exemplo, em 1716, frei Agostinho de Santa Maria ao descrever o santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais, afirma: *tem este templo uma formosa capela-mor forrada muito preciosamente de madeiras de bordo e um retábulo muito grande, dourado*[130].

A utilização de madeiras portuguesas e importadas normalmente implicava o posterior douramento e, muitas vezes, a policromia.

Os exemplares mais remotos de madeira, que ainda subsistem, datam dos finais do século XV, princípios do XVI, sendo na época designados por *retábulos com portas*. Devem ser entendidos como equipamentos litúrgicos que se colocavam sobre a mesa do altar.

128 L. RODRIGUES, 2006, p. 47.
129 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 213.
130 SANTA MARIA, 1716, p. 621.

Na sua maioria eram exemplares amovíveis, compostos por painéis de madeira emoldurados e dourados, com pintura figurativa, sem qualquer estrutura arquitetónica a enquadrá-los. Os painéis de madeira podiam ainda incorporar representações figurativas em relevo escultórico no painel central ou então em todos eles. A título de exemplo apontamos o tríptico da Parentela de Sant'Ana, subsistente na igreja matriz de Torre de Moncorvo (ver p. 162), exemplar adquirido na Flandres.

A partir dos meados de Quinhentos, começam a utilizar-se retábulos de madeira fixos à parede, maioritariamente inseridos numa composição arquitetónica, sendo diversas as possibilidades de preencher os intercolúnios. Tanto podem incluir representações em relevo escultórico como painéis com pintura figurativa sobre madeira e a partir dos finais do século XVI sobre tela.

A partir do segundo quartel do século XVII, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, em que os retábulos são predominantemente entalhados, dourados e policromados. Um interessante testemunho é o da capela-mor da igreja da Misericórdia de Torre de Moncorvo.

Torre de Moncorvo.
Igreja da Misericórdia. Retábulo-mor.
Foto SIPA 814981



A pintura mural em *trompe l'oeil*, fingindo composições retabulares, foi muito usual no século XVI (ver pp. 160 e 164), pas-

Vila Flor. Igreja paroquial.
Primitivo retábulo das Almas.
Foto Joaquim Inácio Caetano.



sando a ser gradualmente substituída pelos retábulos de madeira entalhada. A partir de então, na maioria das situações é incentivada a sua ocultação ou mesmo proibição, como se verifica nos seguintes exemplos:

-Em 1624, na visitação efetuada à igreja paroquial de Edroso – Macedo de Cavaleiros, é recomendado ao fabriqueiros e fregueses *branquear a igreja, assim a capela, como o corpo da igreja, apagando todas as pinturas das paredes por não estarem em forma decente*[131].

-Em 1697, em Vale de Prados – Macedo de Cavaleiros, *o padre cura* (…) *e o administrador da capela de Nossa Senhora mandará branquear as paredes de sorte que fiquem cobertas as pinturas que tem, tão mal feitas que incitam ao riso e não movem à devoção*[132].

-Em 1727, em Alvites – Mirandela, *o administrador de Santa Maria Madalena* (…) *mandará branquear a capela por dentro, extinguindo todas as pinturas que nela há que, por indecentes, podem causar irreverência*[133].

Em relação a materiais pétreos só conhecemos uma composição retabular, de granito, de 1614, na capela privativa de D. Francisco Fernandes de Magalhães, na igreja paroquial de Santa Águeda, em Carrazeda de Ansiães.

Convém ainda referir que houve retábulos que utilizaram mais do que um material. Em certos casos, a mesa do altar é de alvenaria, sendo o frontal têxtil. Pontualmente o registo inferior do embasamento podia ser de cantaria como se verifica no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Bragança (ver p. 177).

Acabamento

Nos retábulos de madeira, após o assentamento no local

131 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 385.
132 L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 385 e 386.
133 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 386.

destinado, tornava-se indispensável complementá-lo com outras intervenções, executadas por profissionais com uma formação diferente. Por vezes, havia necessidade de esperar algumas décadas e só então as disponibilidades financeiras permitiam a sua conclusão.

Entre as técnicas de maior preferência da clientela mencionamos o douramento, mais frequente nos retábulos de madeira, no século XVII e na primeira metade do XVIII. Nas palavras da Prof.ª Natália, *este não era unicamente a última fase pela qual passavam os retábulos* (...) *era a expressão mais eloquente de que se revestia a mística do ouro. Cor por excelência ligada a Deus, a sua profusão, ainda que buscando uma manifestação de majestade e magnificência, deverá antes de tudo ser entendida como um dos processos mais convincentes para a atração sensitiva do crente*[134]. Um interessante testemunho é-nos relatado nas *Notícias de Bragança* (1721-1724) a respeito da igreja de São Vicente (ver p. 186): *a capela-mor, sem controvérsia, é a mais rica e vistosa que há nesta cidade, toda coberta de entalhado, com também o arco e parte exterior, com dois altares, um de São Vicente e outro de São Brás, com relíquia e o bem delineado e magnífico desta obra lhe tem granjeado o nome de* ***monte de ouro***[135].



Bragança. Igreja de São Vicente.
Retábulo-mor.
Foto Paulo Barreira.

Apresentamos de seguida alguns testemunhos documentais de especificidades exigidas ou detetadas em determinados retábulos:

-Em 1716, frei Agostinho de Santa Maria, ao descrever o santuário de Nossa Senhora da Serra ou da Natividade, nos arredores de Rebordãos – Bragança, diz: *aqui é que a névoa é mais densa e fechada e tanto que vendo-se muitas vezes descoberta a serra, a casa e santuário sempre está cer-*

134 FERREIRA ALVES, 1989, 1, p. 183.
135 L. RODRIGUES, 1997, p. 133.

cada dela, porque à maneira de nuvem a encobre toda, ficando ela no meio. Por esta causa o seu retábulo do altar é dourado de dormente para se poder defender da humidade da névoa[136].



Cortiços (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor, sendo a cor branca resultante de uma intervenção posterior. Foto Hélio Ramos.

-A 10 de novembro de 1718, no ajuste da pintura e do douramento do retábulo-mor da igreja paroquial de Cortiços, atualmente no concelho de Macedo de Cavaleiros, administrada pelos padres do colégio da Companhia de Jesus de Bragança é dito que: *o aparelho há de ser com retalho e não com cola forte, o gesso há de ser estrangeiro e não com barro como alguns o fazem*[137].

O douramento era completado por outras práticas, conforme se verifica no ajuste do douramento do arco e acréscimo do altar da santa sé desta cidade de Miranda, ajustado a 6 de fevereiro de 1754: *e em algumas partes que a obra necessitar levar alguns rubis e esmeraldas segundo entender o dito pintor e as credências do fundo da obra serão os lisos fingidos e a franja do remate e peças delas serão dadas de fosco sobre ouro e a parede que se descobre por detrás do retábulo e parte do soco será pintado fingindo um horizonte alegre com alguns serafins, tudo à proporção do sítio e da cornija para baixo até os pedestais mostra um filete de cantaria, que será dourado a ouro mate para mais firmeza*[138].



Mogadouro. Igreja conventual de São Francisco. Retábulo das Almas, dourado na década de 1990. Foto Paulo Lopes.

Em relação à feitura dos cadernos de ouro, estes eram fabricados pelos bate-folhas, na maioria dos casos sediados nos grandes centros urbanos, particularmente no Porto e em Braga.

Por vicissitudes diversas, houve casos em que somente foram dourados muitos anos depois, como ocorreu com o da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Miranda do Douro, concluído em 1693 e dourado em 1724[139]. Noutros nunca chegaram a ser aplicados esses complementos, a não ser nos nossos dias, como

136 SANTA MARIA, 1716, pp. 615 e 616.
137 L. RODRIGUES, 2006, p. 107.
138 L. RODRIGUES, 2006, p. 124.
139 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 69.

ocorreu em vários retábulos da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro.

Em relação aos fingimentos de pedraria, começaram a ser usados com alguma regularidade a partir da segunda metade do século XVIII, prolongando-se por todo o século XIX. Interessante testemunho encontra-se na capela do paço episcopal de Bragança (ver p. 230), podendo o exemplar pioneiro ter sido o retábulo-mor da igreja de Argozelo – Vimioso, exemplar concebido em 1752 e ajustado nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte [140] (ver p. 222).

A outra opção foi a pintura a branco e ouro, conforme se verifica no retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Sambade – Alfândega da Fé.

A partir dos meados do século XX, nos restauros efetuados torna-se frequente a alteração da paleta cromática original, passando a usar-se cores que não eram usuais nos séculos XVII e XVIII e que desvirtuam grande parte do património retabular subsistente.



Sambade (Alfândega da Fé). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 217219

Em muitos templos verificamos que os retábulos eram adornados e protegidos do pó ou da humidade por cortinados e sanefas de tecidos diversos. A este propósito mencionamos alguns exemplos:

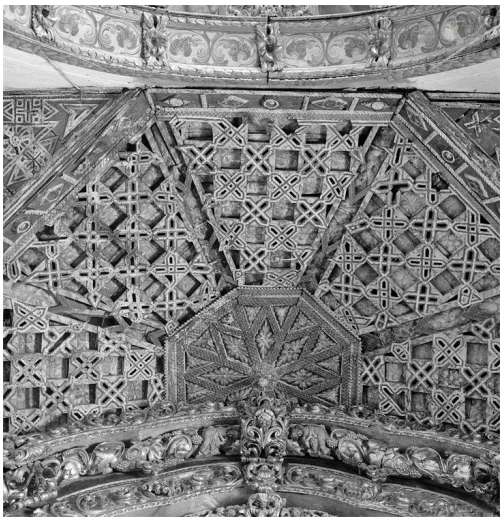
-Nas Constituições Sinodais do Bispado de Miranda do Douro, de 1565, é mencionado que: *por cima dos altares haverá sobrecéus ou guarda--pós, com suas franjas*[141].

-Na vistoria à ermida de Santo Antão, anexa à igreja paroquial de Corujas – Macedo de Cavaleiros, realizada em 1637, recomenda-se que *lhe ponham um sobrecéu sobre o altar*[142].

-Na visita provincial à igreja do colégio da Companhia de Jesus, em

140 L. RODRIGUES, 2006, p. 187.
141 L. RODRIGUES, 1997, p. 109.
142 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 479.

Bragança, em 1642, preconiza-se *que as cortinas do altar-mor cubram o alto do retábulo, assim para o tempo da Quaresma, como também para que fique resguardado do pó, quando se varre a igreja*. Por sua vez, em 1719, recomenda-se que *o retábulo do altar-mor necessita muito de umas cortinas ordinárias para ficar reparado do pó e humidade dos temporais*[143].



Bragança. Igreja monástica de São Bento.
Pormenor da cobertura da capela-mor.
Foto SIPA 65580

Referimos ainda o facto de ser frequente a utilização de ramalhetes de flores nas banquetas dos retábulos, quer artificiais, quer naturais. A título de exemplo mencionamos os de madeira entalhada, executados pelo mestre António José, em 1740, para a igreja do Santo Cristo de Outeiro[144].

Destacamos ainda que muitos retábulos foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, talha dourada, pintura figurativa, incluindo nos caixotões da cobertura, pintura ornamental, etc., contribuindo nos casos de maior empenhamento da clientela para a criação de ambientes de grande efeito cenográfico. Estas obras de arte total tiveram maior aceitação a partir do Protobarroco, ocasião em que se começam a preencher de forma sistemática todos os espaços disponíveis, numa atitude de *horror vacui*, em que se pretendia estimular a adesão da população aos valores do Catolicismo, com a clara intenção de *provocar a devoção de quem as vê*, como se declara nas *Constituições Sinodais do bispado de Miranda do Douro*, de 1565[145].



Grijó (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial.
Pormenor da cobertura da capela-mor.
Foto SIPA 28566

Entre múltiplos testemunhos, de grande relevância artística, referimos as capelas-mores das igrejas paroquiais de São Vicente, em Bragança; de Santo André, em Avantos – Mirandela; de Nossa Senhora dos Reis, em Lamalonga – Macedo de Cavaleiros; na capela do Divino Salvador, na igreja paroquial de Malta – Macedo de Cavaleiros, etc.

143 MARTINS, 1994, p. 683; L. RODRIGUES, 1997, p. 137.
144 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 560.
145 L. RODRIGUES, 1997, p. 109.

Produção artística

Antes de um retábulo ser consagrado, era necessário realizar várias tarefas, como veremos de seguida.

Obtenção do projeto

Os responsáveis pela encomenda de um retábulo iniciavam a sua intervenção, obtendo um ou mais projetos, para poder selecionar o que mais lhes agradasse. Em determinados casos, limitavam-se a tomar por modelo um retábulo preexistente, quer no mesmo templo, quer numa igreja de outra localidade. Atentemos a exemplos das duas situações. Em 1771, o retábulo-mor da igreja de Rabal – Bragança serve de modelo ao da capela-mor da igreja paroquial de Urrós - Mogadouro[146]. Já em 1801, no ajuste do retábulo do Senhor Ecce Homo, na igreja paroquial de Vilarinho de Castanheira – Carrazeda de Ansiães, é definido que *será feito à imitação do das Almas, à exceção do nicho e de outras que aqui se declaram*[147].



Urrós (Mogadouro). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Fonte MOURINHO JUNIOR, 1984, grav. 55.

Apesar de rarearem os dados documentais relativos à autoria dos riscos ou projetos dos retábulos, a análise formal ao património retabular subsistente nesta diocese mostra a coexistência de exemplares mais próximos das normas emanadas da corte e outros mais castiços, que transgridem esse formulário, por parcial desconhecimento. Consequentemente os riscos dos exemplares pioneiros e de alguns retábulos mais eruditos foram seguramente concebidos por artistas forasteiros (independentemente da sua formação mais ou menos especializada, tendo sido adquiridos em importantes centros urbanos (Zamora, Braga, Porto e Coimbra, Viseu, etc.). Por sua vez os riscos dos restantes retábulos devem-se a profissionais da região, maioritariamente mesteirais ou *mecânicos*,

146 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 816.
147 L. RODRIGUES, 2006, p. 97.

na sua generalidade parte sediados em Bragança e no seu termo.

Como veremos adiante, somente apresentamos dois riscos de retábulos: um de autoria e data desconhecida que, provavelmente, esteve na origem do retábulo-mor da igreja paroquial de São Facundo, em Vinhais (ver p. 152) e o outro concebido pelo mestre das obras da Universidade de Coimbra, o da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Dine – Vinhais (ver p. 154).

Escolha do projeto

Após a obtenção do(s) projeto(s), escolhia-se o melhor, tornando-se necessário solicitar a sua aprovação. Nos edifícios religiosos seculares, a permissão era dada pelo bispo ou pelo seu representante. No caso do clero regular cabia esta função ao Geral ou então ao Provincial de cada Ordem religiosa. Nas capelas-mores de igrejas paroquiais tuteladas por comendadores, competia e estes últimos a derradeira palavra, por vezes motivados em despender o mínimo de recursos. Foi o que aconteceu na igreja paroquial de Travanca – Mogadouro, em 1789, quando a Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra encarrega o mestre de obras desta instituição, Manuel Alves Macomboa a fazer segundo risco para a mesa do altar, com mais simplicidade e sem outra talha, além de uma pequena tarja no meio[148]. Consequentemente, esta modesta obra prevista inicialmente em 14$000 réis, passou a custar 13$000.

Escolha da oficina

Depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para executar o retábulo. Normalmente marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos

148 COSTA, 1997, p. 68.

eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais com maior afluência da população. Após a consulta do projeto e nalguns casos dos respetivos apontamentos, texto complementar que explicava o projeto, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances, ganhando normalmente quem lançasse a melhor proposta.

Para exemplificar, apresentamos a arrematação da pintura e douramento do retábulo-mor da igreja paroquial de Dine – Vinhais: *o pároco fez colocar editais em Bragança, na vila de Vinhais e na porta da igreja de Dine, o que se executou a 1 de janeiro de 1789, marcando para o dia 28 seguinte a arrematação. Chegado o dia apareceram dois mestres a disputar a obra. Francisco Pereira de Oliveira e Francisco José de Magalhães Sampaio* (…) *nos próprios apontamentos se assinaram os ditos mestres com os respetivos lanços: Sampaio 200$000 réis, Oliveira 190$000 réis, Sampaio 180$000 réis, Oliveira 170$000 réis, Sampaio 130$000 réis. A Junta solicitou ao mestre de obras da Universidade, Manuel Alves Macomboa um parecer sobre a arrematação. Macomboa diz que reviu os apontamentos e que atendendo à comparação da obra com o preço lhe parecem excessivos 30$000 réis, que o mesmo mestre a poderá aceitar pelos 100$000 réis* (…) *Francisco Sampaio aceitou a obra nestas condições*[149].

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas, escolhia-se frequentemente um notário para escrever o contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo normalmente um ou mais fiadores do mestre que ajustava a sua feitura e de várias testemunhas lia-se a escritura, assinando todos no fim. Também o projeto era assinado pelo cliente e pelo mestre que assumia a sua execução, para no fim servir de referência aos

149 COSTA, 1997, pp. 66 e 67.

profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento, os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo os fiadores, etc.

A seguir anotamos um exemplo de uma escritura notarial respeitante à feitura de um retábulo, a mais antiga que se tem conhecimento na região em estudo:

Saibam quantos este instrumento de obrigação virem como no ano de nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de 1664 anos, aos 28 dias do mês de abril do dito ano, nesta vila de Torre de Moncorvo e pousadas de mim tabelião ao diante nomeadas, apareceu de presente Manuel de Azevedo, morador nesta vila e escultor e por ele foi dito, em minha presença e das ditas testemunhas, que ele arrematara na praça pública desta vila uma obra do retábulo do altar-mor da igreja matriz do lugar de Açoreira deste termo, em preço e quantia de 20$000 réis, o qual retábulo se obrigou a fazer na maneira seguinte: de quatro colunas no primeiro corpo, com seus pedestais e banco e friso com seus ornatos de talha e por cima do friso com suas guarnições e quartelas com todo o ornato que puder ser, de maneira que fique muito bem acabado, em o qual retábulo se hão de acomodar os painéis do retábulo velho, que ora está servindo, o qual retábulo se obrigou a fazer muito bem acabado, a consenso do fabriqueiro e juiz e confirmado do dito lugar, o qual se obrigava a dar feito e acabado até dia de Natal primeiro que em breve vier e eu, tabelião, dou fé ao vê-lo a rematar na dita quantia de 20$000 réis pelo porteiro Lourenço Martins na praça pública desta vila, em presença de Francisco André, fabriqueiro do dito lugar de Açoreira, da igreja dela e de muitas pessoas que na dita praça estavam e a cumprimento de tudo disse ele, dito Manuel de Azevedo, que obrigava todos seus bens, móveis e de raiz, havidos e por haver e logo por estar presente o dito fabriqueiro Francisco André, por ele foi dito que aceitava a obrigação acima e se obrigava a pagar os ditos 20$000 réis acima referidos a ele, dito Manuel de Azevedo, a saber, 10$000 réis até dia de São Bartolomeu deste ano presente e os outros 10$000 réis tanto que se acabar a dita obra do retábulo, estando aceite na forma atrás declarada, para o que disse, obrigava também sua pessoa

e bens, havidos e por haver e assim o outorgaram um e outro e na presente feita nesta Nota, que assinaram, sendo testemunhas a tudo presentes João Monteiro Leão e Diogo Francisco, sapateiro, moradores nesta vila, que assinaram depois de lida por mim, Paulo Couraça Teixeira, tabelião o escrevi [150]

Menos usual foi a situação ocorrida na igreja da sé de Miranda do Douro, em 1681, quando o Cabido mandou abrir uma tribuna destinada à exposição do Santíssimo, no retábulo já existente, da invocação de Nossa Senhora dos Remédios (ver p. 22). De imediato pagou 60$000 réis ao mestre entalhador Francisco Lopes de Matos, de Viseu, para iniciar a dita obra, ficando definido que não se *assentasse preço nenhum com ele, porque este se faria, depois de assentada a obra, o que fosse justo e racionável e se houvesse alguma discórdia se avaliaria a obra por pessoas que entendessem* [151].

Obtenção dos materiais

Os materiais escolhidos para a feitura de um retábulo normalmente eram obtidos pelo mestre que assumia a execução, deslocando-se ao local de origem da matéria-prima, como ocorreu, em 1582, quando o escultor de Zamora, António André Robles se deslocou a Espanha para adquirir *a madeira a dez e doze léguas onde tinha informação que aí havia*[152].

Em casos pontuais competia à entidade responsável pela encomenda a obrigação de angariar e disponibilizar os transportes. A título de exemplo referimos a situação descrita na escritura de ajuste do retábulo das Almas para a igreja paroquial de Moncorvo, contratada a 5 de maio de 1715: *por conta da confraria se pagarão os carretos das madeiras obradas e por obrar que forem necessárias*

150 L. RODRIGUES, 2006, pp. 129 e 130.
151 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 249.
152 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 213.

para a dita obra, de quatro léguas de distância ao redor desta vila e demais lhe dará a confraria toda a ferragem de gatos e escápulas e chumbos que necessários forem para a dita obra a petição deles mestres e outrossim a confraria por seus mordomos será obrigada a dar todas as madeiras que forem necessárias serradas e aparelhadas para a dita obra e estas madeiras das estadas ficarão depois para a confraria e a obra será feita toda de madeira de castanho, seca e boa [153].

A execução

Após a obtenção dos materiais destinados à feitura de um retábulo, o mestre e os diversos membros da sua oficina principiavam a sua execução. Conforme as cláusulas ajustadas, iam recebendo o pagamento, cada um de acordo com o estipulado pelo mestre da oficina. Em situações específicas, exigia-se o recurso a profissionais especializados na escultura de imagens. Esta situação verificou-se, em 1794, no ajuste de quatro retábulos da igreja paroquial de Larinho – Torre de Moncorvo: *serão feitos o que pertence a escultor por mão destra e o que pertence a entalhador por mão de entalhador*[154].

Após a conclusão da obra, procedia-se ao transporte das diversas peças do retábulo para o local destinado, em animais de carga. Por fim, durante vários dias, as diversas peças do retábulo eram colocadas ou ensambladas.

A vistoria e a quitação

Depois de assente o retábulo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada por dois profissionais, os juízes do ofício eleitos nesse ano ou então por dois mestres de grande reputação, um escolhido pelo cliente e outro pelo executante. Ambos consultavam

153 L. RODRIGUES, 2006, p. 166.
154 L. RODRIGUES, 2006, p. 176.

o projeto, assinado inicialmente pelo cliente e pelo executante e verificavam se a obra realizada estava de acordo com o previsto e com o custo da mesma. A título de exemplo mencionamos o *auto de exame e aprovação da obra do retábulo* da capela-mor da igreja paroquial de São Lourenço, em Paredes – Bragança, realizado a 20 de julho de 1795, pelos mestres entalhadores António Afonso das Neves e José Pires[155].

Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato que os ligou durante algum tempo. Para exemplificar referimos a declaração assinada, a 28 de maio de 1778, relativa à feitura do retábulo de São João, na igreja de Cristo de Outeiro: *confesso eu, José Fernandes, mestre entalhador do lugar de São Martinho de Angueira, estar pago e satisfeito de todo o resto do retábulo de São João, excetuando os 6$400 réis que ficam para o entalhe do dito santo, na forma do ajuste acima*[156].

Se o retábulo fosse rejeitado por não estar conforme o previsto, o mestre tinha obrigação de refazer o que não estava bem. Foi o que ocorreu, em 1703, com os padres da Companhia de Jesus de Bragança que entenderam que a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Nicolau, na então vila de Cortiços, assumida pelo entalhador Bento Pereira, não correspondia à planta aprovada, tendo sido obrigado a uma nova intervenção[157] (ver p. 190).

Atividades complementares

Nos retábulos de madeira era necessária a intervenção de uma oficina de pintura para realizar as modalidades artísticas requeridas

155 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 351.
156 L. RODRIGUES, 2006, p. 63.
157 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 431 e 2, p. 123.

pelo cliente, o douramento ou a policromia, particularmente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do século XVIII; a pintura a fingir pedraria policroma, o branco de pérola ou a *cor de leite* a partir dos meados de Setecentos. Iniciava-se então um processo idêntico ao da feitura do retábulo.

Retábulos em segunda mão

Quando se mandava executar um retábulo novo, *ao moderno*, como se dizia na época, era frequente aproveitar *o retábulo velho* para o colocar numa capela mais modesta, que necessitasse deste equipamento. Vejamos alguns exemplos:

-Em 1701, após o assentamento do retábulo-mor da igreja paroquial de Lagoa – Macedo de Cavaleiros, *o retábulo velho, que é do comendador, mandará o reverendo pároco pôr a pregão em termo de quinze dias à porta da igreja e se arremate no dito termo a quem mais der por a dita obra, logo com o dinheiro*[158].

-Em 1707, na cidade de Miranda do Douro, os mesários da confraria de Santa Vera Cruz venderam o retábulo velho pela modesta quantia de 2$520 réis, tendo sido colocado na capela de Santa Luzia, na mesma localidade[159].

-Na visitação efetuada, a 6 de novembro de 1714, à referida igreja paroquial de Lagoa – Macedo de Cavaleiros, *o fabriqueiro, em termo de um ano, mandará fazer dois retábulos colaterais* (…) *e os retábulos velhos se porão nas capelas do povo*[160].

Provisão de licença para se benzer o novo altar

Por fim, após o assentamento do retábulo no lugar ajustado e

158 LEAL, 2006, p. 124.
159 MORINHO JÚNIOR, 1988, p. 89.
160 LEAL, 2006, p. 124.

de efetuada a pintura e/ou o douramento, solicitava-se autorização para o sagrar, conforme se constata na petição feita pelo cabido da sé de Miranda de Douro, a 13 de agosto de 1754, para se benzer o altar-mor da catedral, após a conclusão do acréscimo em talha[161].

Ofícios mecânicos

Convém referir que a mão-de-obra que executava os retábulos e as diversas atividades complementares, era maioritariamente proveniente dos ofícios mecânicos, sobressaindo no século XVI os pintores de fresco e a partir do século XVII os marceneiros ou entalhadores e os pintores-douradores.

Se excetuarmos alguns artistas mais credenciados, oriundos de centros urbanos com maior dinamismo e que eram chamados para executar retábulos para clientes mais eruditos e endinheirados ou então modestos artistas viandantes que apareciam pontualmente numa localidade à procura de trabalho, eram maioritariamente os mestres estabelecidos em cada região os principais executantes desses retábulos.

Esta situação possibilitou o aparecimento de algumas especificidades, não só no entalhe, mas também na interpretação mais ou menos fiel do formulário vigente. De salientar que estas especificidades se restringiam somente a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a uma região. Interessante testemunho desta situação ocorre com uma oficina de entalhador ainda não identificada, que apelidámos de mestre de Carrazeda de Ansiães que, no segundo quartel do século XVIII, produz vários retábulos com algumas características comuns, localizados maioritariamente no referido concelho (ver pp. 212 e 214), identificando-se um exem-

161 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 266.



Constantim (Vila Real). Igreja paroquial. Retábulo lateral, da autoria do mestre de Carrazeda.
Foto José Bernardo Carvalho.

plar na igreja paroquial de Constantim, no termo de Vila Real.

Em Portugal continental e consequentemente na região em estudo, os mesteres ou mesteirais estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício estava regulamentado por regimentos aprovados pelos municípios, servindo o de Lisboa de referência aos restantes[162]. Deste modo, ninguém deveria trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada por um município.

Na região em estudo acresce o facto de as elites religiosas, pautadas pelas normas vigentes na corte, encontravam *em muitas igrejas* (...) *obras indecentemente fabricadas pela* ***imperícia dos oficiais*** *que as obram, no que se segue para as igrejas indecências*[163]. De igual modo, em 1716, frei Agostinho de Santa Maria, ao descrever a igreja paroquial de Pousadas, no termo de Mirandela, refere que *por causa de se haver feito novo retábulo com tribuna e parece que não acharam modo de colocar nela a Senhora ou não soube o artífice acomodá-la, nem dispor lugar onde pudesse estar como era razão que fosse, porque nem todos os arquitetos e artífices têm toda aquela ciência e discurso que pede a perfeição da sua arte,* ***principalmente naquelas partes, onde se não veem obras primorosas*** *e onde não há aquela emulação de obrar o que é mais perfeito e mais vistoso, como se vê na corte e nas cidades mais populosas, aonde as muitas obras dão luz aos mesmos artífices para a invenção de outras melhores e terem maiores interesses, que são os que mais avivam os discursos* [164]. Comentário idêntico faz este autor a respeito da imagem de Nossa Senhora da Assunção de Carocedo – Bragança: *não foi feita por artífice muito perito porque além de ser a escultura dela muito grosseira em tudo, ainda mostrou mais o escultor* ***o muito pouco que sabia de arte***[165].

162 De referir que o primeiro Regimento dos ensambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes (LANGHANS, 1945).

163 Provisão eclesiástica de 1694, no bispado de D. Manuel de Moura Manuel (L. RODRIGUES, 1997, p. 110).

164 SANTA MARIA, 1716, p. 568.

165 SANTA MARIA, 1716, p. 592.

Consequentemente, os responsáveis religiosos vão exigir *que oficial algum dos ditos ofícios faça obra de escultura, entalhado ou pintura, nem se rematem semelhantes obras, ainda que lancem menos nelas, salvo aquelas que tiverem a aprovação de suficiência por Sua Ilustríssima ou de seus ministros* [166]. Foi o que aconteceu, em 1709, quando o visitador, o doutor Bernardino Cabral da Silva, deão da sé de Miranda do Douro, ordena ao fabriqueiro da igreja matriz de Parada, no termo de Bragança, que *mande fazer o retábulo para a capela-mor na forma determinada, para o que será posto a pregão e se arrematará a quem por menos o fizer, por mão de um bom oficial e* ***que não seja o Baptista***[167]. Apesar das determinações do referido responsável, em 1714, o laborioso mestre entalhador Lourenço Baptista, com oficina aberta em Miranda do Douro, acabou por fazer dois retábulos para este templo, um da invocação do Santo Cristo e o outro das Almas. A este profissional se refere, algum tempo depois, o visitador, o doutor Jerónimo Preto e Lemos, nos seguintes termos: *que só tem mãos para delinear monos e obras ridículas que servem mais para motivo de rir que para adorno do culto divino*[168].



Parada (Bragança). Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto Paulo Lopes.

No Antigo Regime, a oficina ou loja constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A sua dimensão variava conforme houvesse falta ou excesso de profissionais. Na região em estudo era notória a falta de entalhadores nalguns períodos, como se verifica nos seguintes exemplos:

166 Provisão eclesiástica de 1694, no bispado de D. Manuel de Moura Manuel (L. RODRIGUES, 1997, p. 110).
167 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 842; Lopes, 2006, p. 117.
168 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 843; LOPES, 2006, pp. 226 e 269.

-Na justificação dada, em 1587, pelo escultor António André Robles, de Zamora, para pedir mais dinheiro pela feitura do retábulo que então realizava na capela-mor da sé de Miranda do Douro, afirma que *nela não havia oficial nem obreiro do dito ofício, nem em toda a sua comarca* (…) *pelo que fora necessário a ele réu ir buscar os obreiros que o vieram ajudar à dita cidade de Zamora e a Salamanca* [169].

-Na visitação à igreja paroquial de Santa Ana, em Fonte da Aldeia – Mirando do Douro, em 1641, é imposta a feitura de um retábulo para a capela-mor. Em 1650, como o abade fora substituído, o visitador ordena a este último que mande executar o dito retábulo. Em 1655, ainda não estava feito, sendo-lhe levantadas as penas porque *lhe constou que o mesmo tinha feito diligência, mas havia falta de oficial*[170].

O mestre que liderava a oficina assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada elemento, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser preso.

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito exame e ficado aprovados. Quando quisessem, podiam abrir a sua oficina, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar no local onde fizeram a aprendizagem. Com alguma frequência eram cedidos aos mestres de lojas vizinhas, com as quais mantinham relações familiares ou de amizade, sendo pagos por estes últimos. Em determinadas circunstâncias, alguns clientes chegavam a exigir o recurso a vários ou mesmo a todos os entalhadores disponíveis.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou cinco anos, pagavam para aprender. Passado este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submetiam a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

169 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 213.
170 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 80.

As oficinas competiam entre si para obter trabalho e, algumas vezes, as matérias-primas necessárias para a sua atividade. Tinham, contudo, regras comuns. Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município escolhiam dois deles, os juízes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, vistoriar os trabalhos dos seus colegas quando solicitados por alguma instituição, participar na governação concelhia, designadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteirais. Como testemunho apontamos a nomeação, em 1636, do mestre entalhador Pedro Fernandes, com oficina aberta em Bragança, para tesoureiro do município[171].

Estrutura produtiva

A partir da documentação recenseada por diversos investigadores (o padre Francisco Manuel Alves, o padre José de Castro, Natália Ferreira Alves, António Rodrigues Mourinho, Cristiano Morais, Luís Alexandre Rodrigues, Ana Celestre Glória, Lécio Leal, João Soalheiro Costa, etc.) realizámos um levantamento exaustivo dos mestres das oficinas, dos artistas que conceberam riscos ou projetos e dos profissionais que avaliaram os retábulos da região em estudo, quer em pintura mural, quer de madeira entalhada.

Estes dados permitem-nos perceber parcialmente o perfil produtivo do território correspondente à atual diocese de Bragança – Miranda.

Das cerca de seis dezenas de oficinas inventariadas, nove são de pintura a fresco e as restantes de talha. Na sua larga maioria estavam sediadas na região, sendo em maior número nos concelhos

171 F. ALVES, 2000, 7, p. 182.

de Bragança e Mogadouro, notando-se uma grande dispersão por diferentes localidades, algumas de modesta dimensão, nomeadamente Veigas, na freguesia de Quintela – Bragança. De seguida indicamos o nome das povoações, por ordem alfabética, onde temos conhecimento de oficinas: **Bragança**, **Carrazeda de Ansiães**, **Castelões** (Macedo de Cavaleiros), **Castro Vicente** (Mogadouro), **Duas Igrejas** (Miranda do Douro), **Fermentãos** (Bragança), **Fonte de Aldeia** (Miranda do Douro), **Lagoaça** (Freixo de Espada à Cinta), **Legoinha** (Alfandega da Fé), **Miranda do Douro**, **Mogadouro**, **Moredo** (Bragança), **Picote** (Miranda do Douro), **Podence** (Macedo de Cavaleiros), **Prado Gatão** (Miranda do Douro), **Quintela de Lampaças** (Bragança), **Salsas** (Bragança), **São Martinho de Angueira** (Miranda do Douro), **São Martinho do Peso** (Mogadouro), **Sezulfe** (Macedo de Cavaleiros), **Sequeiros** (Torre de Moncorvo), **Torre de Moncorvo**, **Toural** (Carrazeda de Ansiães), **Vale Benfeito** (Macedo de Cavaleiros), **Veigas** – Quintela (Bragança), **Vilariça** (Mogadouro), **Vilarinho de Castanheira** (Carrazeda de Ansiães), **Vinhais**.



Santulhão (Vimioso). Igreja paroquial. Retábulo-mor, executado em 1795 pelo mestre Manuel Afonso, com oficina abaerta em Fermentãos.
Fonte MOURINHO JÚNIOR, 1984, est. 99.

Mencionamos também a participação pontual de artistas forasteiros, maioritariamente por solicitação de clientes. Vejamos alguns exemplos:

-O mestre escultor António André Robles transfere-se de **Zamora**, onde tinha oficina, para Miranda do Douro, nos últimos anos do bispado de D. António Pinheiro (1564 - 1579), aliciado pelos responsáveis religiosos da sé de Miranda com o objetivo de aí executar várias obras do seu ofício[172].

-Francisco Velasquez, mestre entalhador com oficina aberta em **Valladolid**, de parceria com os seus colegas Juan de Muniategui e Gregório Fernández, da mesma cidade, entre 1610 e 1614, executa o

172 L. RODRIGUES, 2000.

grandioso retábulo da capela-mor da igreja da sé de Miranda do Douro[173] (ver p. 167).

-O reputado arquiteto régio Teodósio de Frias, sediado na cidade de **Lisboa**, numa das suas deslocações a Madrid, permanece em casa do seu irmão, Teodósio Pascoal, abade de Carrazedo[174]. Em 1614, é chamado para *analisar o retábulo* da capela-mor da sé de Miranda do Douro, acabado de executar[175] (ver p. 167).

-Francisco de la Fuente, mestre pintor de fresco com oficina aberta em **Salamanca**, compromete-se, em 1619, a pintar o retábulo da igreja paroquial de Palaçoulo – Miranda do Douro[176].

-A 7 de janeiro de 1672, o prestigiado mestre entalhador Francisco Lopes Matos, com oficina aberta na cidade de **Viseu**, ajusta a feitura do retábulo da capela do Santíssimo na igreja da sé de Miranda do Douro[177] (ver p. 175).



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo do Santíssimo.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.

-Em 1693, o mestre entalhador João Mendes, natural da freguesia de São João das Caldas, **termo de Guimarães**, assume a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Francisco, em Vidoedo – Bragança[178].

-Em 1715, Jacinto da Silva, mestre entalhador natural de Guimarães, mas com oficina aberta na cidade de **Braga**, ajusta, de parceria com Manuel da Fonseca Coelho, da vila de **Trancoso**, a feitura do retábulo das Almas na igreja matriz de Torre de Moncorvo[179].

-Em 1743, o mestre Manuel Homem de Lima, residente em **Vilarouco** –São João da Pesqueira, ajusta a feitura dos retábulos colaterais da

173 MOURINHO JÚNIOR, 2006.
174 L. RODRIGUES, 2008, p. 98.
175 MOURINHO JÚNIOR, 2006, p. 247 e 256.
176 CAETANO, 2021, p. 51.
177 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 35 e 36.
178 L. RODRIGUES, 2006, pp. 46 a 48.
179 L. RODRIGUES, 2006, pp. 166 a 169.

igreja paroquial de Santa Eufémia, em Lavandeira – Carrazeda de Ansiães[180].

-Em 1752 o reputado mestre entalhador Jacinto da Silva, com oficina aberta na cidade de **Braga**, compromete-se a executar o retábulo-mor da igreja paroquial de Torre de Moncorvo[181] (ver p. 221).

-Manuel Alves Macomboa, mestre de obras da Universidade de **Coimbra**, concebe em 1784 o risco do retábulo-mor (ver p. 154) da igreja paroquial de Dine – Vinhais e dois anos depois o da igreja de Parâmio – Bragança[182]

-José António Machado, mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Sever, concelho de **Penaguião**, comarca de Vila Real, no dia 24 de junho de 1794, entre outras obras, ajusta a feitura do retábulo da capela-mor da igreja de São Miguel de Linhares, concelho de Carrazeda de Anciães[183] (ver p. 241).

Apesar de não haver registos documentais que comprovem a deslocação de mestres entalhadores da região em estudo a localidades de regiões vizinhas, é possível que um mestre que denominámos de Carrazeda tenha executado um retábulo lateral da igreja paroquial de Constantim, termo de Vila Real e o mestre João Francisco, de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança, tenha ido a São Pedro do Sul, no bispado de Viseu executar o retábulo-mor da ermida de São Sebastião (ver p. 133), pois utiliza no ático uma solução idêntica a alguns exemplares atribuídos à sua oficina.

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais que trabalharam para a região em estudo, quer permanentemente, quer em períodos restritos. Excluímos, contudo, os técnicos de outras modalidades artísticas complementares aos

180 MORAIS, 2014, p. 252.
181 FERREIRA ALVES, 1985.
182 COSTA, 1997, p. 66.
183 L. RODRIGUES, 2006, pp. 90 a 92.

aos retábulos, a saber, outras obras de talha, pintura de cavalete, escultura de vulto perfeito e diversas modalidades ditas mecânicas, nomeadamente o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem[184].

Alberto Barbolán (1616)

Mestre pintor de fresco. Em 1616 encontra-se a trabalhar em Miranda do Douro, nada subsistindo da sua intervenção[185].

António Afonso das Neves (1795)

Mestre entalhador que, a 20 de julho de 1795, de parceria com o seu colega José Pires, vistoria o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Lourenço, em Paredes – Bragança[186].

António André Robles (c. 1564 - f. cerca de 1618)

Um dos melhores entalhadores e mestre de marcenaria que há em Espanha. Transfere-se de Zamora, onde tinha oficina, para Miranda do Douro, no bispado de D. António Pinheiro (1564 - 1579), aliciado pelos responsáveis religiosos desta diocese. Nesta última cidade deve ter falecido pouco antes de 1618, quando o seu filho Sebastião Robles, aqui nascido, pede ao monarca para se naturalizar espanhol e assim tomar posse do curato de Almaraz[187].

Depois de executar alguns trabalhos na sé de Miranda do Douro, inicia em 1582 a feitura do retábulo-mor, entrando pouco depois em litígio com o cabido. Após uma tentativa de conciliação, acaba por apresentar queixa judicial. Em 1587, quando o retábulo já estava *em parte assentado*, tem conhecimento do desfecho desfavorável da ação que tinha apresentado[188], nada subsistindo deste exemplar.

Atribuímos a este profissional o entalhe de dois retábulos ain-

184 As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

185 CAETANO, 2021, pp. 51 e 52

186 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 351.

187 L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 211 e 212.

188 L. RODRIGUES, 2000, pp. 29 a 25; L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 210 a 213; 2, p. 133.



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo de São Bento.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Mogadouro. Igreja conventual de São Francisco.
Retábulo do Senhor Jesus.
Foto SIPA 65164

da subsistentes, um na capela do Santíssimo, na igreja paroquial de Torre de Moncorvo (ver p. 165) e o outro, atualmente da invocação de São Bento, na sé de Miranda, este último por volta de 1616 (ver p. 168).

António Correia Lopes (1792)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Toural, termo de Carrazeda de Ansiães.

No dia 12 de março de 1792, ajusta com o representante da comendadora, D. Vitória Xavier de Sousa Melo, a feitura do retábulo-mor e outras obras de carpintaria da igreja paroquial de São Tiago de Amedo – Carrazeda[189]. Este exemplar ainda subsiste.

António Lopes de Sousa (1662 - c. 1683)

Mestre de obras de arquitetura e entalhador com oficina aberta em Torre de Moncorvo. No dia 14 de setembro de 1662, o cabido da sé de Miranda paga-lhe 30$000 réis para começar a obra do retábulo de Nossa Senhora da Alegria ou das relíquias na referida igreja da sé. Dois anos depois, no dia 20 de dezembro, recebe 20$000 réis *que se lhe estavam devendo da obra do retábulo das relíquias* [190](ver p. 172).

É possível atribuir-lhe a feitura do retábulo de Santo Amaro, na igreja da sé de Miranda do Douro, antes de 1666[191] e alguns retábulos da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro, nomeadamente o da capela-mor (ver p. 171), o de Nossa Senhora da Conceição (ver p. 171) e o do Senhor Jesus.

António de Morais (1782)

Mestre carpinteiro com oficina aberta no lugar de Gebelim, então no termo de Castro Vicente. A 27 de dezembro de 1782, ajusta a obra da capela-mor da igreja de Vilar Chão – Alfandega da Fé, in-

189 L. RODRIGUES, 2006, pp. 82 a 87.
190 F. ALVES, 2000, 7, p. 540; MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 32 e 33.
191 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 44.

incluindo o retábulo[192], ainda existente.

António Pereira (1781 - 1794)

Mestre entalhador com oficina aberta em Mogadouro. Deve ser irmão do mestre António Pereira, também de Mogadouro. Em 1781 foi testemunha numa devassa, tendo então 48 anos de idade[193].

A 3 de julho de 1790, arremata pela quantia de 179$000 réis o retábulo-mor da igreja paroquial de São Lourenço, em Paredes[194], tarefa que não chega a realizar, pois a mesma obra é ajustada, pouco tempo depois, pelo mestre António de Sousa.

Em 1797, a 19 de dezembro, a Mesa da Consciência e Ordens solicita-lhe que vistorie a urna do altar-mor da colegiada de São Mamede, em Mogadouro, pertença da Ordem de Cristo, achando-se *com sua entalha e banqueta lisa* (…) *indispensável ao retábulo e não podia ficar sem ela, para conservar uniformidade* (…) *e é evidente a sua utilidade para se evitar a despesa dos frontais*[195]. O retábulo e a respetiva mesa do altar, em forma de urna, ainda subsistem.

António da Ponte (1740)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Martinho do Peso – Mogadouro. Em 1740, executa o retábulo principal, ainda subsistente, da igreja paroquial de Figueirinha de Travanca – Mogadouro, conforme se constara numa inscrição nele existente: *Ano de 1740 aos 12 de setembro se assentou este retábulo. António da Ponte o fez em São Martinho do Peso. Cura desta igreja o reverendo padre António Rodrigues Veiga* (…)[196].

António de Sousa (1764 - 1791)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Quintela

192 L. RODRIGUES, 2006, pp. 19 a 28.
193 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 122.
194 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 343.
195 L. RODRIGUES, 2006, pp. 153 e 154.
196 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 112 e 113.

de Lampaças, termo de Bragança. Em 1764, é fiador do seu colega João Duarte Pinto na escritura em que este último se compromete a executar o anteriormente referido retábulo-mor da igreja de Montesinho, no concelho de Bragança[197].

No dia 30 de novembro de 1782, arremata a feitura do, ainda subsistente, retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Gradíssimo, termo de Macedo de Cavaleiros, tendo esta obra sido vistoriada dois anos depois pelos mestres José Pires e Manuel Afonso[198].

A 27 de junho de 1786, pela quantia de 240$000 réis, compromete-se a executar o retábulo-mor da igreja paroquial de Parâmio – Bragança, de acordo com um risco concebido pelo seu colega José Pires, da Quinta do Azibeiro, nos arredores de Bragança. Esta escritura não teve efeito, pois ao ser analisado o risco e os apontamentos pelo mestre de obras da Universidade de Coimbra, Manuel Alves Macomboa, considera *forçoso mudar de risco por que o incluso não parece de mestre, mas sim de curioso*[199].

Por fim, a 11 de setembro de 1791, arremata pela quantia de 218$000 réis *a obra da capela-mor do lugar de Paredes para a fazer de talha*[200]. O modesto retábulo, que ainda subsiste, é vistoriado, a 20 de julho de 1795, pelos mestres José Pires e António Afonso das Neves[201].

Bento Pereira (1703)

Mestre entalhador e debuxador de retábulos com oficina aberta em Moredo, termo de Bragança. Em 1703, ajusta com os padres da Companhia de Jesus de Bragança a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Nicolau (ver p. 190), na então vila de Cortiços, atual



Cortiços (Macedo de Cavaleiros).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Hélio Ramos.

197 L. RODRIGUES, 2006, pp. 52 a 62.
198 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 616; MOURINHO JÚNIOR, 2009, pp. 393 e 394.
199 NOÉ, 2011.
200 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 478; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 351.
201 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 351.

concelho de Macedo de Cavaleiros, *na forma da planta que este mestre fez*. Após o assentamento do retábulo, os padres entenderam que a obra não correspondia à planta aprovada, tendo sido obrigado a nova intervenção[202].

Cristóvão da Costa (1584)

Mestre entalhador natural de Guimarães. Em 1574, residia em Zamora, onde aprendia a profissão. Dez anos depois encontra-se em Bragança, onde devia estar ocupado no seu ofício[203], nada subsistindo que possa ter resultado da sua intervenção.

Estêvão Ferreira (1768 - 1778)

Mestre entalhador sediado em Fermentãos – Bragança. É possível ter sido o responsável pela formação de Manuel Afonso, que mais tarde se afirma nesta localidade como responsável por uma oficina de entalhe.

No dia 29 de março de 1768, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Caravelas, concelho de Mirandela, pela quantia de 189$500 réis[204]. Este exemplar ainda subsiste.

Em 1778, de parceria com o seu colega José Fernandes Duarte, entalha os dois retábulos laterais, ainda subsistentes, da invocação de São João e São José, na igreja do Santo Cristo do Outeiro, obra vistoriada e aprovada pelo mestre Francisco Xavier Machado[205].



Outeiro (Bragança). Igreja do Santo Cristo.
Retábulo lateral.
Foto Padre José Carlos Martins.

202 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 431 e 2, p. 123.
203 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 216.
204 L. RODRIGUES, 2006, pp. 132 a 134.
205 L. RODRIGUES, 2005, pp. 323 e 330.

Feliciano da Silva (1746)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vinhais. Antes de 1746 executa o retábulo principal da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Vinhais e que servirá de modelo ao que se compromete a fazer, neste mesmo ano, na igreja paroquial de Montouto – Vinhais[206]. Não subsiste nenhum destes exemplares.

Francisco Álvares (1661 - 1686)

Mestre entalhador com oficina aberta em Miranda do Douro. Pertenceu à irmandade da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, tendo desempenhado as funções de tesoureiro em 1662.

Temos conhecimento de duas intervenções suas na igreja da Misericórdia de Miranda do Douro. A primeira, em 1661, tendo então recebido 4$600 réis pela feitura do *sepulcro*, exemplar inexistente. A segunda, data de 1683, ocasião em que recebe 10$100 réis *para se acabar de pagar a quantia do retábulo de Nossa Senhora*[207] (ver p. 8).

Em 1686, recebe do cabido da sé de Miranda mais 20$000 por ter executado o, já desaparecido, retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santulhão[208], termo de Vimioso.

Francisco António da Silva (1771 - 1797)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Vilariça, no concelho de Mogadouro. Em 1771, no dia 8 de dezembro, ajusta na cidade de Miranda do Douro, a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Urrós – Mogadouro (ver p. 103), tomando por model*o* o da capela-mor de Rabal – Bragança, pela quantia de 197$000 réis[209].

A 11 de fevereiro de 1781, arremata o entalhe do retábulo--mor da igreja paroquial de São Bartolomeu, no lugar de Viduedo – Bragança, cuja obra trespassa pouco depois, a 18 de abril do mesmo

206 L. RODRIGUES, 2001, 2, pp. 96 e 138.
207 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 67; L. RODRIGUES, 2001, 2, pp. 66 e 67.
208 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 70.
209 F. ALVES, 2000, 7, p. 530; MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 145 a 147; L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 139.

ano, ao seu colega José Pires, de Azibeiro – Bragança[210].

Em 1782 executa o, ainda subsistente, retábulo principal da igreja paroquial de Brunhosinho, no termo de Mogadouro[211].

A 22 de outubro de 1783, arremata por 85$000 réis a *obra de talha e escultura do retábulo* da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel, em Figueira, concelho de Mogadouro[212]. Desconhecemos se subsiste.

Em 1797, recebe da Mesa da Consciência e Ordens o pagamento de um acréscimo do retábulo que fizera para a capela-mor da igreja da colegiada de São Mamede, em Mogadouro, pertença da Ordem de Cristo[213]. A vistoria da obra foi realizada pelo mestre entalhador António Pereira, sediado em Mogadouro. Este exemplar ainda subsiste.



Mogadouro. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte L. RODRIGUES, 2006, est. XVII.

Francisco Carneiro (1635)

Mestre escultor com oficina aberta em Torre de Moncorvo. No dia 18 de setembro de 1635, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Tó, no concelho de Mogadouro, pela modesta quantia de 42$000 réis[214]. Exemplar inexistente.

Francisco Duarte (1790)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Martinho de Angueira, termo de Miranda de Douro. Devia ser irmão ou filho do mestre José Fernandes Duarte, que adiante referiremos.

A partir de 1790 executa o, ainda subsistente, retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Paçó do Outeiro ou de Rio Frio – Bragança, obra custeada pela mesa capitular da sé de Bragança[215].

210 MOURINHO JÚNIOR, 2009, pp. 352 e 354.
211 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 197.
212 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 148.
213 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 148 a 157; L. RODRIGUES, 2006, pp. 148 a 157.
214 L. RODRIGUES, 2006, pp. 141 a 143.
215 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 473 e 475.



Mogadouro. Igreja conventual de São Francisco.
Sacrário do retábulo-mor.
Foto Município de Mogadouro.

Francisco de la Fuente (1619)

Mestre pintor de fresco com oficina aberta em Salamanca. Em 1619, compromete-se a pintar o retábulo da igreja paroquial de Palaçoulo – Miranda do Douro, nada subsistindo desta intervenção[216].

Francisco Lopes de Matos (1672 - f. 1683)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta em Viseu, onde falece em 1683. Teve carta de familiar do Santo Ofício em 1677, declarando uma das testemunhas *que é rico de fazenda e ganha muito pelo seu ofício*[217].

A 7 de janeiro de 1672, ajusta com o cabido catedralício de Miranda do Douro a feitura do retábulo da capela do Santíssimo Sacramento da igreja da sé, por 325$000 réis[218] (ver p. 175).

Nove anos depois, neste mesmo templo, remodela o retábulo da capela de Nossa Senhora dos Remédios, abrindo uma tribuna para a exposição do Santíssimo Sacramento[219]. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 22).

É provável ter executado, por volta de 1670, o sacrário monumental da igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro[220].

Francisco Pires (1703)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Vale Benfeito, termo de Macedo de Cavaleiros.

Em 1703, faz o sacrário para o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel, em Cernadela, freguesia de Cortiços – Macedo de Cavaleiros, por mandado dos padres da Companhia de Jesus[221].

216 CAETANO, 2021, p. 51.
217 A. ALVES, 2001, 2, p. 201.
218 F. ALVES, 2000, 7, p. 279; MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 35 e 36; L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 247.
219 F. ALVES, 2000, 7, p. 298; MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 29.
220 MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 53.
221 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 129.

Francisco Velázquez (1610 - 1614)

Mestre entalhador com oficina aberta em Valladolid. Entre 1610 e 1614, em parceria com os seus colegas Juan de Muniategui e Gregório Fernández, da mesma cidade, executa o grandioso retábulo da capela-mor da igreja da sé de Miranda do Douro[222] (ver p. 167).

Francisco Xavier Machado (1765 - 1799)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. É possível ter feito a aprendizagem do ofício com o mestre João Francisco.

No dia 25 de setembro de 1765, ajusta o retábulo principal da igreja de Milhão, termo de Bragança, pela quantia de 150$000 réis[223], exemplar ainda subsistente.

No ano seguinte, a 24 de junho, contrata com o cabido da sé de Miranda de Douro e o comendador, Visconde de Barbacena, a execução do retábulo principal da igreja paroquial de São Miguel, em Palácios – Bragança, ainda subsistente, pelo montante de 70$000 réis[224].

No ano de 1768 executa o retábulo-mor da igreja paroquial de Carcão, no concelho do Vimioso[225]. Já não subsiste, tendo sido substituído pelo atual.

Em 1778, a 28 de maio, vistoria e aprova a feitura dos dois retábulos laterais, ainda subsistentes, da igreja do Santo Cristo do Outeiro , no concelho de Bragança[226].

No dia 3 de abril de 1784, arremata *em praça pública perante o Dr. Juiz de Fora e em conformidade com uma ordem expedida pela Universidade de Coimbra a obra do retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção do lugar de Dine, pela quantia de 90$000 réis,*



Dine (Vinhais). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Município de Vinhais.

222 MOURINHO JÚNIOR, 2006.
223 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 108; L. RODRIGUES, 2006, pp. 67 a 69.
224 F. ALVES, 2000, 7, p. 278; L. RODRIGUES, 2006, pp. 69 a 72.
225 F. ALVES, 2000, 7, p. 279; MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 210; L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 109.
226 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 109; L. RODRIGUES, 2005, pp. 323 e 330.

na forma dos apontamentos feitos por sua própria mão[227], seguindo o risco concebido pelo mestre de obras da Universidade de Coimbra, Manuel Alves Macomboa[228] (ver p. 154). Este exemplar ainda subsiste, denotando grandes diferenças com o projeto proposto.

A 21 de julho de 1788, arremata pela quantia de 80$000 réis uma obra de entalhe, eventualmente a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Paradinha Nova, Izeda – Bragança[229], exemplar ainda existente.

Por fim, em 1799, é pago pela feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Sarzeda, concelho de Bragança[230]. No ano seguinte, quando assenta este exemplar, que desconhecemos se subsiste, ajusta a feitura de cinco urnas para os retábulos-mores das igrejas paroquiais de Argozelo, Carcão, Milhão, Quintanilha e Vila Nova[231].



Ponte da Barca (Viana do Castelo. Ermida de Santo António. Retábulo. Foto Paulo Ladeira.

Frutuoso de Azevedo (princípios do século XVIII)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. Por afinidades com alguns retábulos da sua autoria, nomeadamente o da capela-mor da ermida de Santo António, em Ponte de Barca, é possível ter executado, nos princípios do século XVIII, o retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Rosário, em Seixo de Manhoses – Vila Flor (ver p. 192).

Frutuoso Lourenço Ferraz (1731 - f. 1734)

Mestre entalhador sediado em Lagoaça – Freixo de Espada-à-Cinta. Entre 1731 e 1734 executa os retábulos da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Freixo de Espada, pela importância de 230$000 réis[232] (ver p. 209). Na opinião do investigador Luís Alexandre Rodrigues esta obra foi concluída João Gomes, após a

227 L. RODRIGUES, 2006, pp. 200 e 201.
228 COSTA, 1997, pp. 64 a 66.
229 F. ALVES, 2000, 7, p. 279; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 426.
230 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 334.
231 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 335.
232 PINTADO, 2003, pp. 127 a 131; LAMEIRA, 2009, pp. 108 e 109.

morte do mestre Frutuoso[233].

Gaspar da Fonseca (1586)

Arquiteto e mestre de obras originário da cidade de Coimbra[234]. Fixa-se definitivamente em Miranda do Douro a partir de 1586, data do convite feito por D. Jerónimo de Meneses, entretanto nomeado bispo de Miranda e até então Reitor da Universidade de Coimbra. Em Miranda conclui as obras da sé, tornando-se responsável pela formação do seu filho Domingos da Fonseca.

Atendendo a que chega a residir em Torre de Moncorvo, é possível atribuir-lhe o risco do retábulo da capela do Santíssimo, na igreja matriz desta localidade (ver p. 165).

Geraldo Gonçalves (1588 - 1604)

Mestre entalhador responsável pela primeira oficina de entalhe na região em estudo. Residia na cidade de Bragança, onde é referenciado a 5 de março de 1588[235]. A sua oficina mantém-se na família, pelo menos até finais do século XVII, na pessoa de Lourenço Gonçalves, eventualmente seu neto.

Em 1604, concerta o retábulo da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Miranda do Douro[236], exemplar já inexistente.

Gregório Hernandez (1610 - 1633)

Escultor insigne com oficina aberta em Valladolid. Entre 1610 e 1614, em parceria com os seus colegas Juan de Muniategui e Francisco Velazquez, da mesma cidade, executa o grandioso retábulo da capela-mor da igreja da sé de Miranda do Douro (ver p. 167).

Em 1633, por solicitação do bispo de Miranda, D. Jorge de Melo, indica as condições em que o referido retá-



Miranda do Douro. Concatedral.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto D. José Cordeiro.

233 L. RODRIGUES, 2008, p. 107.
234 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 35.
235 F. ALVES, 2000, 8, p. 179.
236 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 57.

bulo-mor da sé deve ser dourado e indica um profissional da sua confiança, o mestre Jerónimo de Calábrea, morador em Valladolid[237].

Jacinto da Silva (1715)

Mestre entalhador natural de Guimarães, mas com oficina aberta na cidade de Braga.

Em 1715, sendo então solteiro, ajusta, de parceria com Manuel da Fonseca Coelho, da vila de Trancoso, a feitura do retábulo, de madeira de castanho, da confraria das Almas, na igreja matriz da Torre de Moncorvo, pela elevada quantia de 420$000 réis[238]. Só subsiste uma parte, em relevo escultórico, do Arcanjo São Miguel a derrotar Lúcifer e a salvar diversas almas do fogo do Purgatório (ver p. 42).



Torre de Moncorvo. Igreja matriz.
Trono do retábulo-mor.
Foto Município de Torre de Moncorvo.

Jacinto da Silva (1752 - 1757)

Reputado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga. No dia 4 de janeiro de 1752, ajusta o entalhe do retábulo-mor da igreja matriz de Torre de Moncorvo, pela elevada quantia de 1.450$000 réis. O pagamento desta obra arrastou-se até 1755[239]. De salientar o caráter pioneiro deste exemplar, provavelmente o primeiro testemunho do Rococó na região em estudo (ver p. 221).

Já em 1757, recebe 9$450 réis pela intervenção que executa no retábulo de Santo António, recém colocado na sacristia da referida igreja de Torre de Moncorvo[240] (ver p. 72).

João Correia (1799 - 1816)

Mestre entalhador com oficina aberta na Quinta de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. Devia ser filho do mestre Manuel Correia, que adiante referiremos.

Em 1799 executa o, ainda subsistente, retábulo da capela-mor

237 MOURINHO JÚNIOR, 2006, pp. 248 a 250.
238 L. RODRIGUES, 2006, pp. 166 a 169.
239 FERREIRA ALVES, 1985, pp. 1 a 11.
240 FERREIRA ALVES e FERREIRA ALVES, 1979, pp. 35 e 36.

da igreja paroquial de Sarzeda, termo de Bragança[241].

Finalmente, em 1816, remodela o, ainda subsistente, retábulo-mor da igreja paroquial de Vilar do Monte – Macedo de Cavaleiros[242].

João Duarte Pinto (1753 - 1764)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na Quinta de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. É possível ter feito a aprendizagem do ofício com o mestre João Francisco.

No dia 7 de janeiro de 1753, arremata o entalhe do retábulo principal, ainda subsistente, da igreja paroquial de Argozelo – Vimioso, recebendo do cabido da sé de Miranda do Douro metade do preço ajustado, 50$000 réis (ver p. 222)[243]. Trata-se muito provavelmente do primeiro exemplar do Tardobarroco nesta diocese.

Por volta de 1764, por encomenda do bispo D. frei Aleixo de Miranda Henriques, executa o retábulo da capela do paço episcopal de Bragança[244] (ver p. 230).

Finalmente, no dia 25 de fevereiro de 1764, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja do lugar de Montesinho, freguesia da Carragosa, concelho de Bragança, pela quantia de 105$000 réis, tendo indicado como fiadores António de Sousa e Francisco Afonso, moradores no lugar de Quintela de Lampaças, ambos oficiais de entalhador. De realçar que este retábulo tomava por modelo o de São José, na catedral de Miranda do Douro[245]. Exemplar subsistente.

João do Espírito Santo, frei (princípios do século XVII)

Mestre pintor de fresco residente no lugar de Sequeiros – Torre de Moncorvo. Joaquim Inácio Caetano atribui-lhe a autoria do retábulo da ermida de Santo Cristo, em Castro Vicente – Mogadouro[246].



Castro Vicente (Mogadouro).
Ermida de Santo Cristo.
Primitivo retábulo.
Foto SIPA 872653

241 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 487 e 488.
242 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 648 e 649.
243 ALVES, 2000, 7, p. 416; MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 365 e 367; L. RODRIGUES, 2001, 2, pp. 126 e 127.
244 L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 345 e 346.
245 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 276; 2006, pp. 52 a 62.
246 CAETANO, 2021, p. 50.

João Francisco (1703 - 1741)

Laborioso mestre entalhador e *debuxador* de retábulos, natural de Duas Igrejas – Miranda, mas com oficina aberta em Veigas, no termo de Bragança. É possível ter ensinado o ofício a João Duarte Pinto e a Francisco Xavier Machado, que mais tarde vão assumir as suas próprias oficinas de entalhe.

Em 1703 - 1704, faz o retábulo principal da igreja de Santa Cruz de Miranda do Douro[247], exemplar que ainda subsiste, muito provavelmente remodelado na década de 1720 (ver p. 46).

Nos finais de 1718, depois de concluir o retábulo-mor, já inexistente, da igreja paroquial de Paçó – Vinhais, custeado pelo padre reitor do colégio da Companhia de Jesus de Bragança, na qualidade de padroeiro desta igreja, compromete-se a executar a tribuna, cujas despesas seriam assumidas pela população[248].



Salselas (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial.
Sacrário do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 1492.

Nos anos de 1718 a 1720, recebe do cabido da sé de Miranda de Douro dois pagamentos por ter intervindo nos retábulos principais de duas igrejas paroquiais do concelho de Bragança, todos ainda subsistentes: 60$000 réis pelo retábulo de Outeiro e 55$000 réis pelos de Frieira e Soutelo da Gomeada[249].

A 12 de julho de 1723, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Salselas, no concelho de Macedo de Cavaleiros, pela quantia de 135$000 réis[250] (ver p. 200).

Em 1730 compromete-se a fazer o retábulo colateral, ainda subsistente, da invocação de Santo Cristo para a igreja paroquial de São Pedro, em Moimenta – Vinhais. Dois anos é admoestado *que dentro de três meses venha assentar o retábulo e não o fazendo, assim o juiz da igreja o obrigue a que pague o sinal que lhe deram em dobro e dará a obra a*

247 MOURINHO JÚNIOR, 1988, p. 89.
248 RODRIGUES, 2001, 2, p. 96; RODRIGUES, 2010 - 2012, pp. 310 e 311.
249 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 93 e 493; L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 96.
250 L. RODRIGUES, 2010 - 2012, pp. 306 a 308.

fazer por conta do dito mestre[251].

Em 1731, ajusta a execução do retábulo-mor da igreja de Grijó de Parada, no concelho de Bragança, pela quantia de 100$000 réis[252]. Exemplar subsistente.

No ano seguinte é intimidado pelo chantre da sé de Miranda do Douro a ultimar as remodelações que se propusera executar no retábulo-mor da igreja paroquial de Santo André, em Morais – Macedo de Cavaleiros[253].

Dois anos depois recebe do mordomo da Senhora do Aviso da igreja paroquial de Serapicos, termo de Bragança, o último pagamento, no valor de 7$400 réis, do retábulo que fizera[254]. Este exemplar já não subsiste.

Finalmente, em 1741, é-lhe pago o retábulo que executa para a capela-mor da igreja de Santiago de Coelhoso – Bragança, exemplar que também não sobrevive [255].

É possível ter executado outros retábulos: o de Nosso Senhor da Piedade, na sé de Miranda[256] e nas capelas-mores do santuário do Santo Cristo, no Outeiro[257] (ver p. 199), da igreja de Nossa Senhora do Monte, em Duas Igrejas (ver p. 194) e, eventualmente, o da ermida de São Sebastião, em São Pedro do Sul, na diocese de Viseu.



São Pedro do Sul (Diocese de Viseu). Ermida de São Sebastião. Retábulo-mor. Foto SIPA 973099

João Gomes (cerca de 1734)

Deste entalhador somente sabemos que deve ter concluído a feitura dos retábulos da capela-mor da igreja da Misericórdia de Freixo de Espada à Cinta, após o falecimento do mestre que arrematou esta obra, Frutuoso Lourenço Ferraz[258] (ver p. 209).

251 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 143.
252 L. RODRIGUES, 2006, pp. 48 e 49; LOPES, 2006, p. 108; L. RODRIGUES, 2010 - 2012, p. 310.
253 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 96.
254 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 97; L. RODRIGUES, 2010 - 2012, p. 310.
255 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 97; L. RODRIGUES, 2010 - 2012, p. 313.
256 MOURINHO JÚNIOR, 2014, p. 36.
257 L. RODRIGUES, 2010 - 2012, p. 312.
258 L. RODRIGUES, 2008, p. 107.

João Lourenço de Matos (1770)

Mestre canteiro e debuxador originário de Santa Maria de Borbela – Vila Real, mas que fixa a sua oficina em Bragança.

Na opinião de Luís Alexandre Rodrigues, é possível atribuir-lhe a autoria dos riscos dos retábulos-mores das igrejas paroquiais de Rabal – Bragança e de Urrós – Mogadouro, tendo na escritura notarial deste último sido testemunha[259].

João Mendes (1693)

Mestre entalhador originário da freguesia de São João das Caldas, termo da vila de Guimarães.

No dia 6 de novembro de 1693, ajusta com o procurador do comendador de Sortes a feitura do retábulo principal da igreja de São Francisco em Viduedo, termo de Bragança, exemplar que já não subsiste, pela quantia de 42$500 réis[260].

João Monteiro (1689)

Mestre entalhador com oficina aberta em Sezulfe, termo de Macedo de Cavaleiros. Em 1689 executa o retábulo-mor da igreja paroquial de Paradinha – Bragança[261], exemplar ainda subsistente.

João Pinto de Sequeira (1784 - 1800)

Mestre entalhador com oficina aberta em Castelãos – Macedo de Cavaleiros. A 9 de março de 1787, arremata pela quantia de 59$300 réis uma obra de talha: o acréscimo do retábulo da capela-mor da igreja paroquial da sua terra, cuja escritura notarial é somente realizada a 17 de maio de 1789[262]. Esta obra é vistoriada, em 1791, por dois mestres de Castelãos[263]. Este exemplar ainda subsiste.

Finalmente, em 1800, ajusta e recebe dois pagamentos pelas

259 L. RODRIGUES, 2001, 1, p. 820.
260 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 118; L. RODRIGUES, 2006, pp. 46 a 48.
261 F. ALVES, 2000, 7, p. 333; L. RODRIGUES, 2001, 2, pp. 119 e 120.
262 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 593; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 374, 378 a 380.
263 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 382.

urnas que ajustou para a capela-mor de duas igrejas paroquiais, uma para Veigas e outra para Frieira[264].

José António Machado (1799)

Mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Sever, concelho de Santa Marta de Penaguião, então na arquidiocese de Braga.

No dia 24 de junho de 1794, entre outras obras, assume a feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel de Linhares – Carrazeda de Anciães, pela quantia de 400$000 réis[265] (ver p. 241).

José Correia Lopes Pavilhão (1775 - 1801)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Vale Torno, Vilarinho de Castanheira – Carrazeda de Ansiães.

A primeira intervenção conhecida ocorre a 9 de agosto de 1775, quando ajusta *uma obra na capela-mor da igreja de Belver deste termo pertencente a toda a obra de carpintaria e obra de escultor*[266], incluindo muito provavelmente o retábulo. Este exemplar ainda existe.

No dia 24 de maio de 1786, ajusta a feitura de dois retábulos colaterais para a igreja do lugar de Pereiros – Carrazeda de Ansiães, pela quantia de 160$000 réis[267]. Ambos ainda subsistem.

Dois anos mais tarde, a 24 de novembro, assume a feitura *da talha da tribuna*, isto é, o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santa Águeda, em Carrazeda de Ansiães, pela quantia de 97$500 réis[268]. Exemplar ainda existente.

No dia 1 de novembro de 1793, arremata com o representante do cónego da sé de Braga, Pedro José Machado Araújo, não só a



Carrazeda de Ansiães. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 830717

264 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 412.
265 L. RODRIGUES, 2006, pp. 90 a 92.
266 GLÓRIA, 2016, pp. 316 e 317.
267 L. RODRIGUES, 2006, pp. 78 a 80.
268 L. RODRIGUES, 2006, pp. 80 a 82.

feitura do retábulo principal, ainda subsistente, da igreja do lugar de Castedo – Torre de Moncorvo, pela quantia de 160$000 réis, mas também *o concerto* do retábulo da igreja de Seixo de Manhoses – Vila Flor, pela quantia de 52$800 réis[269].

Finalmente, a 11 de abril de 1801, contrata com o provedor da irmandade das Chagas a feitura do retábulo do Senhor Ecce Homo, na igreja paroquial de Santa Maria Madalena, em Vilarinho de Castanheira – Carrazeda de Ansiães, pela quantia de 90$000 réis[270]. Exemplar subsistente.

José Esteves (1785)

Mestre entalhador que, a 19 de abril de 1785, avalia o entalhe do retábulo-mor da igreja de São João Baptista, em Estevais, no termo de Mogadouro[271], executado algum tempo antes pelo seu colega Sebastião Dias Machado.

José Fernandes Duarte (1778 - 1793)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Martinho de Angueira – Miranda do Douro, *prático e inteligente na sua arte como tem mostrado nas muitas obras que tem feito nesta terra*.

A 28 de maio de 1778, de parceria com o seu colega Estêvão Ferreira, executa os dois retábulos laterais, ainda subsistentes, da igreja do Santo Cristo do Outeiro, obra vistoriada e aprovada pelo mestre Francisco Xavier Machado[272] (ver p. 123).

No dia 3 de novembro de 1787, ajusta dois retábulos-mores, ambos ainda existentes, um para a igreja matriz de São Joanico – Vimioso, pela quantia de 110$000 réis[273] e o outro para a igreja paroquial de São Pedro da Silva, no concelho de Miranda do Douro[274].



Outeiro (Bragança). Igreja do Santo Cristo.
Pormenor de retábulo lateral.
Foto Padre José Carlos Martins.

269 L. RODRIGUES, 2006, pp. 171 a 175.
270 L. RODRIGUES, 2006, pp. 96 a 99.
271 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 141.
272 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 87; L. RODRIGUES, 2006, pp. 62 e 63.
273 F. ALVES, 2000, 7, p. 214; MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 395 e 396; L. RODRIGUES, 2006, pp. 190 e 191.
274 F. ALVES, 2000, 7, p. 215; e MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 139.

Finalmente, em 1793, de parceria com o seu colega de profissão Justo Duarte, da Quinta das Veigas, recebe 30$000 réis para comprar madeiras para fazerem o retábulo-mor da igreja paroquial de Paçó – Vinhais[275]. Desconhecemos se subsiste.

José Manuel Machado (1775 - f. 1805)

Mestre entalhador natural de Salsas – Bragança, mas que fixa a sua oficina, em 1775, no lugar de Arcas, freguesia de Souto – Penedono[276]. Desconhecemos a sua atividade profissional na região em estudo.

José Pereira Machado (1769 - 1788)

Mestre entalhador, provavelmente com oficina aberta em Mogadouro. Deve ser irmão do mestre António Pereira, também de Mogadouro.

Em 1769, é pago pelos mesários da Misericórdia de Mogadouro por *armar a Santa Casa para as Endoenças*[277].

A 2 de novembro de 1780, arremata por 30$000 réis a *obra de entalhador* do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel, em Vilarinho dos Galegos – Mogadouro[278]. Desconhecemos se subsiste.

Em 1788, vistoria a feitura do, ainda subsistente, retábulo-mor da igreja paroquial de Estevais, no termo de Mogadouro, obra executada pelo seu colega de profissão Sebastião Dias Machado[279].

José Pires (1770 - 1795)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta na Quinta do Azibeiro, termo de Bragança. No dia 10 de setembro de 1770, de parceria com o seu colega de profissão Manuel Correia, da Quinta de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança, ajusta com o representante da comenda a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de

275 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 83; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 332.
276 PORTELA, 2019, p. 107
277 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 170.
278 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 234.
279 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 216.

Cabanelas – Mirandela, pela quantia de 170$000 réis[280]. Este exemplar ainda subsiste.

Em 1786, em resposta ao pedido do corregedor da comarca de Bragança, executa um projeto para o retábulo-mor da igreja paroquial de Parâmio – Bragança. Pouco depois, é analisado pelo mestre de obras da Universidade de Coimbra, Manuel Alves Macomboa, que informa *que era forçoso mudar de risco por que o incluso não parece de mestre, mas sim de curioso*[281].

Em 1794, é pago pelo representante da Mesa de Consciência e Ordens por ter executado o, ainda subsistente, retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Viduedo, no termo de Bragança[282], obra que tinha assumido a 19 de abril de 1781, por desistência do seu colega Francisco António da Silva[283].

Ainda neste ano de 1794, juntamente com o seu colega Manuel Afonso, vistoria o retábulo principal da igreja paroquial de Gradíssimo – Macedo de Cavaleiros[284].

Por fim, a 20 de julho de 1795, de parceria com o seu colega António Afonso das Neves, vistoria o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Paredes – Bragança[285].

José de Santo António Vilaça, frei (c. 1770)

Prestigiado mestre entalhador e *debuxador* de retábulos que, em 1757, ingressa na Ordem beneditina. Por volta de 1770, vivendo no mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, no bispado do Porto, é possível ter concebido o *risco* de um dos retábulos laterais do santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Tuizelo – Vinhais (ver p. 231), eventualmente por encomenda dos mesários de uma

280 L. RODRIGUES, 2006, pp. 135 a 137.
281 NOÉ, 2011.
282 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 542.
283 MOURINHO JÚNIOR, 2009, pp. 352 e 354.
284 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 394.
285 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 351.

irmandade de eclesiásticos sediada neste templo de peregrinação.

José Teixeira (1781 - 1794)

Mestre entalhador com oficina aberta em Mogadouro. Em 1781, arremata com o representante da Mesa de Consciência e Ordens a feitura do, ainda subsistente, retábulo-mor da igreja paroquial de Vilarinho de Galegos – Mogadouro, pela quantia de 29$500 réis[286].

A 7 de março de 1787, assume a conclusão do retábulo-mor da igreja paroquial de Estevais, no termo de Mogadouro[287]. Esta intervenção será vistoriada no ano seguinte por Sebastião Dias Machado.

No dia 28 de julho de 1791, ajusta a feitura de quatro retábulos colaterais para a igreja de Sambade – Alfândega da Fé, pela quantia de 248$000 réis[288]. Estes exemplares ainda subsistem.

Dois anos depois, a 10 de agosto, contrata com o representante da igreja patriarcal de Lisboa a execução do retábulo principal, que ainda existe, da igreja paroquial do Espírito Santo, no lugar de Sendim da Ribeira – Alfândega da Fé, pela quantia de 150$000 réis[289].

Neste mesmo ano de 1793, executa o, ainda subsistente, retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Figueira, termo de Mogadouro[290].

Finalmente, no dia 23 de junho de 1794, arremata com o *juiz da igreja* e o *vigário* a obra de quatro retábulos colaterais da igreja paroquial do lugar de Larinho – Torre de Moncorvo, pela quantia de 400$000 réis[291] (ver p. 88).



Larinho (Torre de Moncorvo). Igreja paroquial. Retábulo . Foto SIPA 30567

Juan de Muniategui (1610 - f. 1612)

Mestre entalhador com oficina aberta em Valladodid. En-

286 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 338; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 147.
287 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 144.
288 L. RODRIGUES, 2006, pp. 28 a 31.
289 L. RODRIGUES, 2006, pp. 35 a 40.
290 MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 223.
291 L. RODRIGUES, 2006, pp. 176 e 177.

tre 1610 e 1612, em parceria com os seus colegas Francisco de Velazquez e Gregório Fernandez, da mesma cidade, executa o grandioso retábulo da capela-mor da igreja da sé de Miranda do Douro (ver p. 167).

Justo Duarte (1793)

Mestre entalhador com oficina aberta na Quinta de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. Em 1793, de parceria com o seu colega de profissão José Fernandes Duarte, de São Martinho de Angueira, recebe 30$000 réis para comprar madeiras para fazerem o retábulo-mor da igreja paroquial de Paçó, no termo de Vinhais[292], obra que não deve ter sido executada, pois ainda subsiste o retábulo anterior.

Lourenço Baptista (1677 - 1714)

Laborioso mestre entalhador e escultor de limitados recursos, com oficina aberta em Miranda do Douro. A partir de 1709, começou a ser fortemente criticado por alguns visitadores, chegando mesmo a ser sugerido que lhe não fosse entregue a feitura de qualquer obra.



Miranda do Douro. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 28636

A sua primeira intervenção remonta a 1691, quando executa o retábulo da capela-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia desta cidade[293]. Este exemplar ainda subsiste, apesar de ter sido acrescentado na parte superior com elementos de talha oriundos da igreja do convento dos trinitários desta cidade[294].

Dois anos depois, em 1693, executa o retábulo, já inexistente, da Santíssima Trindade, na igreja paroquial de Santa Ana, em Fonte da Aldeia – Miranda do Douro, pela quantia de 100$000 réis[295].

292 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 83.
293 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 69 a 72.
294 MOURINHO JÚNIOR, 2012, p. 693.
295 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 69, 82 e 83.

Em 1703, executa o retábulo das Almas da igreja paroquial de Fonte da Aldeia, concelho de Miranda do Douro[296] (ver p. 179).

Em 1709, o visitador, o doutor Bernardino Cabral da Silva, deão da sé, ordena ao fabriqueiro da igreja paroquial de Parada, no termo de Bragança, que *mande fazer o retábulo para a capela-mor na forma determinada, para o que será posto a pregão e se arrematará a quem por menos o fizer, por mão de um bom oficial* ***e que não seja o Baptista***[297], situação invulgar no país.

Apesar das determinações do anterior visitador, em 1714, faz os dois retábulos colaterais, um da invocação do Santo Cristo e o outro das Almas (ver p. 113), ainda subsistentes, para a referida igreja paroquial de Parada. Estes exemplares são então severamente criticados pelo novo visitador, o doutor Jerónimo Preto e Lemos, cónego da sé, que se refere a este profissional nos seguintes termos: *que só tem mãos para delinear monos e obras ridículas que servem mais para motivo de rir que para adorno do culto divino*[298].

Indicamos eventuais retábulos da sua autoria, alguns já apontados por Mourinho Júnior[299]:

-O das Almas, na igreja paroquial de Izeda – Bragança.

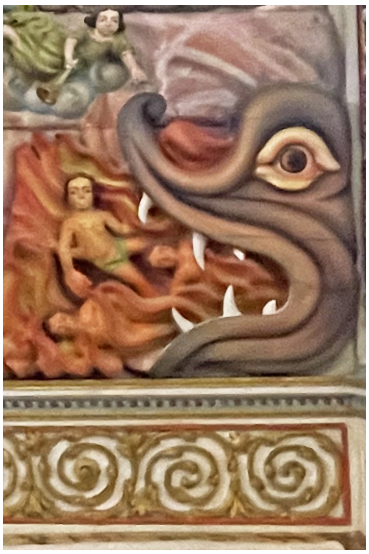
-O das Almas, na igreja paroquial de Meixedo – Bragança (ver p. 184).

-O mor da igreja paroquial de Morais – Macedo de Cavaleiros (ver p. 182).

-O da confraria das Almas (ver p. 176) e o de Nossa Senhora da Soledade, na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Miranda do Douro, em 1677.

-O de Santo Cristo, na igreja paroquial de Cércio – Miranda do Douro (ver p. 178).

-Dois retábulos laterais, na igreja paroquial de Especiosa – Miranda do



Fonte da Aldeia (Miranda do Douro).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre António A. Ferrreira Pires.

296 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 188 e 189; MOURINHO JÚNIOR, 2012, p. 691.
297 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 842; LOPES, 2006, p. 117.
298 L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 843; LOPES, 2006, pp. 226 e 269.
299 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 56, 69, 188 e 196.

Douro.

-O das Almas, na igreja paroquial da Póvoa – Miranda do Douro.

-O das Almas, na igreja paroquial de Sendim – Miranda do Douro.



Sendim (Miranda do Douro).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.

-O de Santo Inácio, na igreja conventual de São Francisco, em Mogadouro.

-O das Almas, na igreja paroquial do Algoso – Vimioso.

-O colateral do lado do Evangelho, de Nossa Senhora da Anunciação, na igreja paroquial de Caçarelhos – Vimioso.

-O colateral, do lado da Epistola, na igreja paroquial de Rebordelo – Vinhais.

Manuel Afonso (1790 - 1795)

Mestre entalhador com oficina aberta em Fermentãos, concelho de Bragança. É possível ter aprendido o ofício com o mestre Estêvão Ferreira.

A 6 de abril de 1782, arremata o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, no lugar de Gradíssimo – Macedo de Cavaleiros, pela quantia de 90$000 réis[300], obra que não deve ter executado.

A 2 de junho de 1794, juntamente com o seu colega José Pires, vistoria o retábulo principal da igreja paroquial de Gradíssimo[301].

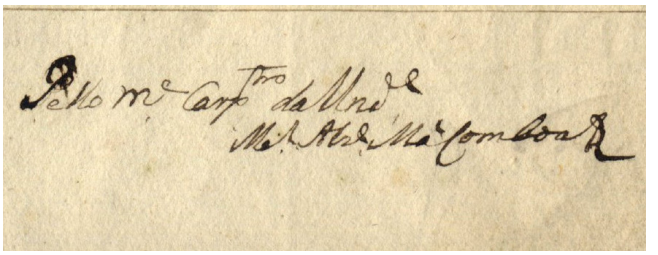
Em 1795, a mesa capitular da sé de Bragança encomenda-lhe a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Santulhão – Vimioso, pela quantia de *70$000 réis e oito alqueires de pão*[302] (ver p. 116).

Manuel Alves Macomboa (1773 - f. 1815)

Mestre carpinteiro que tinha oficina aberta em Lisboa quando, em 1773, é enviado pelo marquês de Pombal para servir nas obras da Universidade de Coimbra. Aquando do desaparecimento de Elsden,

300 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 390.
301 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 394.
302 F. ALVES, 2000, 7, p. 2; MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 219; L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 68.

assume a partir de 1782 as funções de arquiteto[303].



A primeira intervenção na região em estudo ocorre, em 1784, quando concebe o risco do retábulo-mor (ver p. 154) da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Dine – Vinhais, cujo entalhe é assumido pelo mestre Francisco Xavier Machado[304] (ver p. 127).

Nos finais de 1786, faz o risco e executa o orçamento e os apontamentos para o entalhador e para o pintor do retábulo-mor da igreja paroquial de Parâmio – Bragança[305].

Por fim, a 14 de julho de 1789, analisa o risco feito para a mesa do altar da igreja paroquial de São Mamede, em Travanca – Mogadouro, considerando-o *incapaz*, comprometendo-se a fazer outro. Pouco depois, a *Junta da Fazenda* da Universidade de Coimbra pede-lhe que faça *segundo risco, mais simples*, cuja feitura será arrematada, em 1790, por João Vaz, do lugar de Ousilhão, por 13$000 réis[306].

Manuel de Azevedo (1664)

Mestre escultor com oficina aberta em Torre de Moncorvo. A 28 de abril de 1664, ajusta com o juiz da comissão fabriqueira da igreja paroquial do lugar de Açoreira, termo de Torre de Moncorvo, a feitura do retábulo-mor, pela quantia de 20$000 réis, aproveitando *os painéis do retábulo velho*[307]. Nada subsiste.

Manuel Caetano de Sousa (1766 - f. 1802)

Prestigiado arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa que, a partir de 1766, desempenha as funções de arquiteto da Mesa da Consciência e Ordens. No desempenho deste cargo pronuncia-se sobre

303 CRAVEIRO, 1990, p. 11.
304 COSTA, 1997, p. 66.
305 COSTA, 1997, p. 63.
306 COSTA, 1997, p. 68.
307 L. RODRIGUES, 2006, pp. 129 e 130.

as obras a realizar em diversos templos da região em estudo, tendo seguramente enviado riscos para retábulos

É possível atribuir-lhe o risco do retábulo da capela-mor da igreja de São Miguel de Linhares – Carrazeda de Anciães, cujo entalhe é ajustado em 1799 pelo mestre José António Machado (ver p. 241).

Manuel Correia (1770)

Mestre entalhador com oficina aberta na Quinta de Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. Foi responsável pela formação do seu filho João Correia, que lhe sucede na oficina de entalhe.

No dia 10 de setembro de 1770, de parceria com o seu colega de profissão José Pires, da Quinta do Azibeiro, também no termo de Bragança, ajusta com o representante da comenda a feitura do retábulo principal da igreja paroquial de Cabanelas – Mirandela, pela quantia de 170$000 réis[308]. Este exemplar ainda subsiste.

Manuel da Fonseca Coelho (1715)

Mestre entalhador originário da vila de Trancoso, na diocese da Guarda. Em 1715, ajusta, de parceria com Jacinto da Silva, sediado na cidade de Braga, a feitura do retábulo, de madeira de castanho, das Almas na igreja matriz da Torre de Moncorvo, pela elevada quantia de 420$000 réis[309]. Deste exemplar só subsiste uma parte da representação em relevo escultórico do Arcanjo São Miguel a derrotar o diabo e a salvar várias almas no Purgatório (ver p. 42).

Manuel Gomes da Silva (cerca de 1718)

Mestre entalhador com oficina aberta em Arcos de Valdevez, então na arquidiocese de Braga. Por afinidades com alguns retábulos da sua eventual autoria, nomeadamente o de uma capela lateral, atualmente da invocação de Nossa Senhora das Dores, da igreja paroquial do Divino Salvador, em Arcos de Valdevez, é possível ter



Arcos de Valdevez. Igreja paroquial.
Retábulo de Nossa Senhora das Dores.
Foto Padre Bruno Barbosa.

308 L. RODRIGUES, 2006, pp. 135 a 137.
309 L. RODRIGUES, 2006, pp. 166 a 169.

executado, por volta de 1718, o retábulo-mor da igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Bragança[310] (ver p. 195).

Manuel Homem de Lima (1743)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vilarouco – São João da Pesqueira, na diocese de Lamego. Em 1743, assume a feitura dos retábulos colaterais, ainda subsistentes, da igreja paroquial de Santa Eufémia, em Lavandeira – Carrazeda de Ansiães[311].

Manuel de Madureira (1674 - 1689)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Santa Maria de Bragança. Era casado com Maria Gomes, tendo sido batizados cinco filhos do casal na igreja matriz.

No dia 14 de agosto de 1681, ajusta com Francisco de Almeida Figueiredo, provedor da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, a feitura do retábulo da capela-mor da igreja pela importância de 150$000 réis[312]. No ano seguinte a obra estava concluída (ver p. 177).



Bragança. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.

Manuel Marcos (1650 - 1659)

Prestigiado mestre entalhador com oficina aberta na freguesia de Prado Gatão, no concelho de Miranda do Douro.

Em 1646, recebe 10$000 réis do cabido catedralício pelo acrescentamento do retábulo de Santo António, na igreja da sé de Miranda[313], exemplar que já não subsiste.

No dia 23 de setembro de 1650, recebe do referido cabido 40$000 réis *que se lhe estavam devendo do retábulo que fez no altar de Nossa Senhora dos Remédios da sé*[314]. Este exemplar ainda subsiste (ver p. 22), ainda que parcialmente remodelado em 1681 ao se abrir uma tribuna destinada à exposição do Santíssimo Sacramento.

310 LAMEIRA, 2006, pp. 51 e 227.
311 MORAIS, 2014, p. 252.
312 CASTRO, 1948, p. 72 e 74.
313 L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 278 e 279; 2, p. 112.
314 F. ALVES, 2000, 7, p. 291; MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 29; L. RODRIGUES, 2001, 2, p. 112.

Ainda em setembro de 1650, ajusta a feitura do retábulo, ainda subsistente, de Santa Cruz e Santa Bárbara, na igreja paroquial de Santa Ana, em Fonte da Aldeia – Miranda do Douro. Em 1659, é admoestado pelo visitador a assentar o retábulo no prazo de dois meses[315] (ver p. 170).

Tem-lhe sido atribuído o retábulo de Santo António na igreja paroquial de Uva – Vimioso[316].

Manuel Quaresma (1616 - 1622)

Mestre medidor de obras, originário de Lisboa. Era irmão do conceituado arquiteto régio Pedro Nunes Tinoco[317]. Por volta de 1616 transfere-se para Miranda do Douro por solicitação do bispo D. João da Gama para executar o Seminário de São José[318].

É possível ter concebido alguns riscos de retábulos, desconhecendo-se a sua atividade na região em estudo.

Mestre de Carrazeda de Ansiães (segundo quartel do século XVIII)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Carrazeda de Ansiães ou então nalguma localidade do seu termo.

Apesar de documentalmente não se conhecer a sua identidade, é possível identificar algumas características comuns em diversos retábulos do concelho (Arnal, Fonte Longa, Luzelos, Marzagão (ver p. 214), Parambos, Pinhal do Norte, Samorinha, Seixo de Ansiães (ver p. 212), Selores e Zedes) ainda que alguns tenham sido parcialmente remodelados em data posterior. Entre essas características salientamos a substituição das colunas por figuras de anjos tocheiros em alto relevo rematadas por capitéis coríntios e a utilização no ático de conjuntos de volutas simétricas.

Atribuímos ainda a este mestre um retábulo lateral da igreja



Selores (Carrazeda de Ansiães). Pormenor do retábulo-mor. Foto. Unidade Pastoral de Ansiães.

315 MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 37 e 38.
316 MOURINHO JÚNIOR,1984, p. 165.
317 COELHO, 2018, p. 31.
318 L. RODRIGUES, 2008-2009, p. 365.

paroquial de Constantim – Vila Real (ver p. 112).

Mestre de Fonte de Aldeia (segunda metade do século XVI)

Mestre pintor de fresco residente na região, que pinta o, ainda subsistente, retábulo-mor da ermida da Santíssima Trindade, em Fonte da Aldeia – Miranda do Douro[319].

Mestre de Legoinha (primeira metade do século XVI)

Mestre pintor de fresco residente na região, que pinta o retábulo-mor da ermida de Santo Amaro, em Legoinha – Alfândega da Fé[320], exemplar que ainda existe.

Mestre de Picote (princípios do século XVI)

Mestre pintor de fresco residente na região, que pinta o retábulo-mor da igreja de Santo Cristo dos Carrascos, em Picote – Miranda do Douro[321] (ver p. 160).

Pedro Fernandes (1636 - 1646)

Mestre entalhador com oficina aberta em Bragança, sendo eleito tesoureiro do município, em 1636[322]. Dez anos depois, então com 65 anos, é testemunha no processo de habilitação *de genere* do pintor Adrião Capitão[323].

Desconhecemos que retábulos assumiu na região em estudo.

Pedro de França (terceiro quartel do século XVI)

Mestre pintor de óleo e de fresco, residente no lugar de França, nas imediações da vila de Murça.

Tem-lhe sido atribuída a pintura do tríptico de Santo Inácio de Antioquia[324], proveniente do convento de Santa Clara, em Bragança, atualmente no Museu do Abade do Baçal, nesta mesma localidade (ver p. 163) e o retábulo fingido, em pintura mural da er-



Picote (Miranda do Douro).
Igreja de Santo Cristo dos Carraascos.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Paulo Bastos.

319 CAETANO, 2021, p. 53.
320 CAETANO, 2021, p. 53.
321 CAETANO, 2021, pp. 52 e 79.
322 F. ALVES, 2000, 7, p. 182.
323 L. RODRIGUES, 2008, p. 102.
324 SERRÃO, 1995, p. 209.



Agrochão (Vinhais).
Ermida de Nossa Senhora do Areal.
Pormenor do retábulo.
Foto Paulo Bastos.

mida de Nossa Senhora do Areal, em Agrochão – Vinhais[325] (ver p. 164).

Roque Vieira (1607)

Mestre pintor de fresco, residente em Torre de Moncorvo. Desconhece-se a sua atividade profissional[326].

Sebastião Dias Machado (1782 - 1787)

Mestre entalhador com oficina aberta em Mogadouro. A 28 de fevereiro de 1782, arremata o entalhe do retábulo-mor da igreja paroquial de São João Baptista, no lugar de Estevais, no termo de Mogadouro[327], tendo provavelmente desistido deste compromisso algum tempo depois. O certo é que, em 1787, vistoria a intervenção que o seu colega José Teixeira executou na conclusão do mesmo retábulo[328], que ainda subsiste.

Teodósio de Frias (1614 - f. 1634)

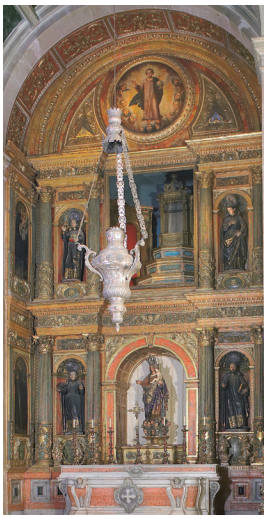
Prestigiado arquiteto régio, sediado na cidade de Lisboa, mas que mais de uma vez se desloca a Madrid, permanecendo algumas vezes em casa do seu irmão, Teodósio Pascoal, abade de Carrazedo – Bragança[329].

Em 1614, o cabido da sé de Miranda do Douro despende 1$260 réis do *gasto de ir a Carrazedo chamar a Teodósio de Frias para ir ver o retábulo desta sé* e mais 16$000 réis *por ver e analisar o retábulo* [330] da capela-mor deste templo (ver p. 167).

É muito provável ser da sua autoria o risco do primitivo retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Bragança, mandado executar pelo visitador, em outubro de 1628, especificando *os quatro nichos para os nossos quatro santos com tudo o*

325 CAETANO, 2021, p. 49.
326 CAETANO, 2021, p. 51.
327 MOURINHO JÚNIOR, 1995, pp. 213 e 215; MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 138.
328 MOURINHO JÚNIOR, 2009, p. 144 e 147.
329 L. RODRIGUES, 2008, p. 98.
330 MOURINHO JÚNIOR, 2006, p. 247 e 256.

mais que se mostrou na traça e ficou aprovado[331].Convém referir que este retábulo deveria ser idêntico ao que ainda subsiste na igreja de São Roque, em Lisboa, ainda que lhe tenha sido retirado o sacrário em data posterior e cuja autoria lhe tem sido atribuída[332].



Lisboa. Igreja de São Roque.
Retábulo-mor.
Projeto: Teodósio de Frias (?).
Foto Hélio Ramos.

Tristão Correia (meados do século XVI)

Mestre pintor originário de Coimbra, mas com oficina aberta em Chaves. Para além dos retábulos fingidos, em pintura mural, que executou na região de Valpaços, é muito provável ter trabalhado na região em estudo.



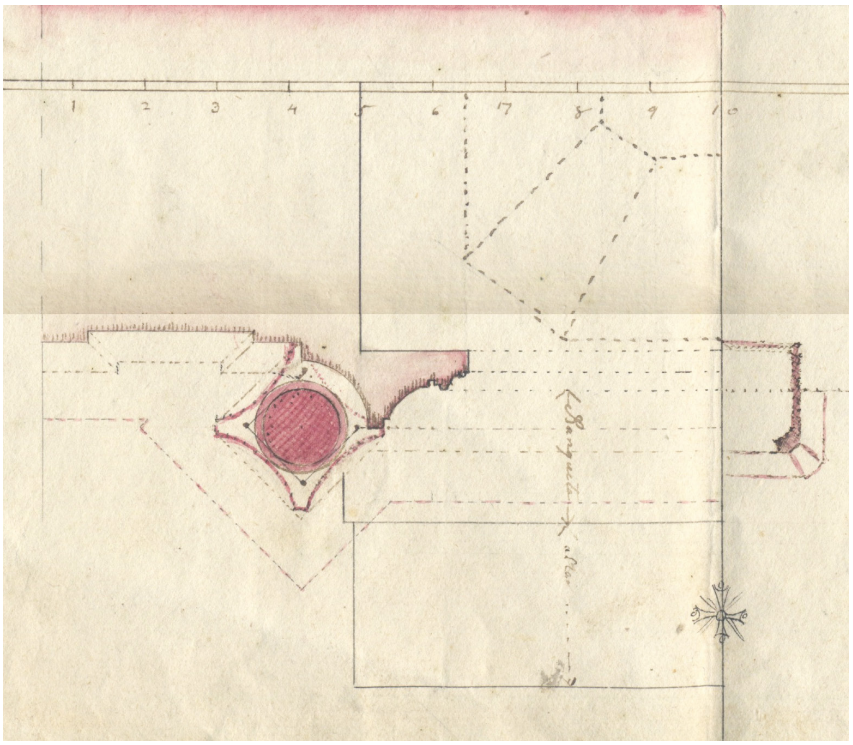
Bragança.
Intervenção do retábulo de Nossa Senhora das Graças.
Execução: Centro de Conservação e Restauro da Diocese de Bragança - Miranda.
Fotos CCR - DBM.

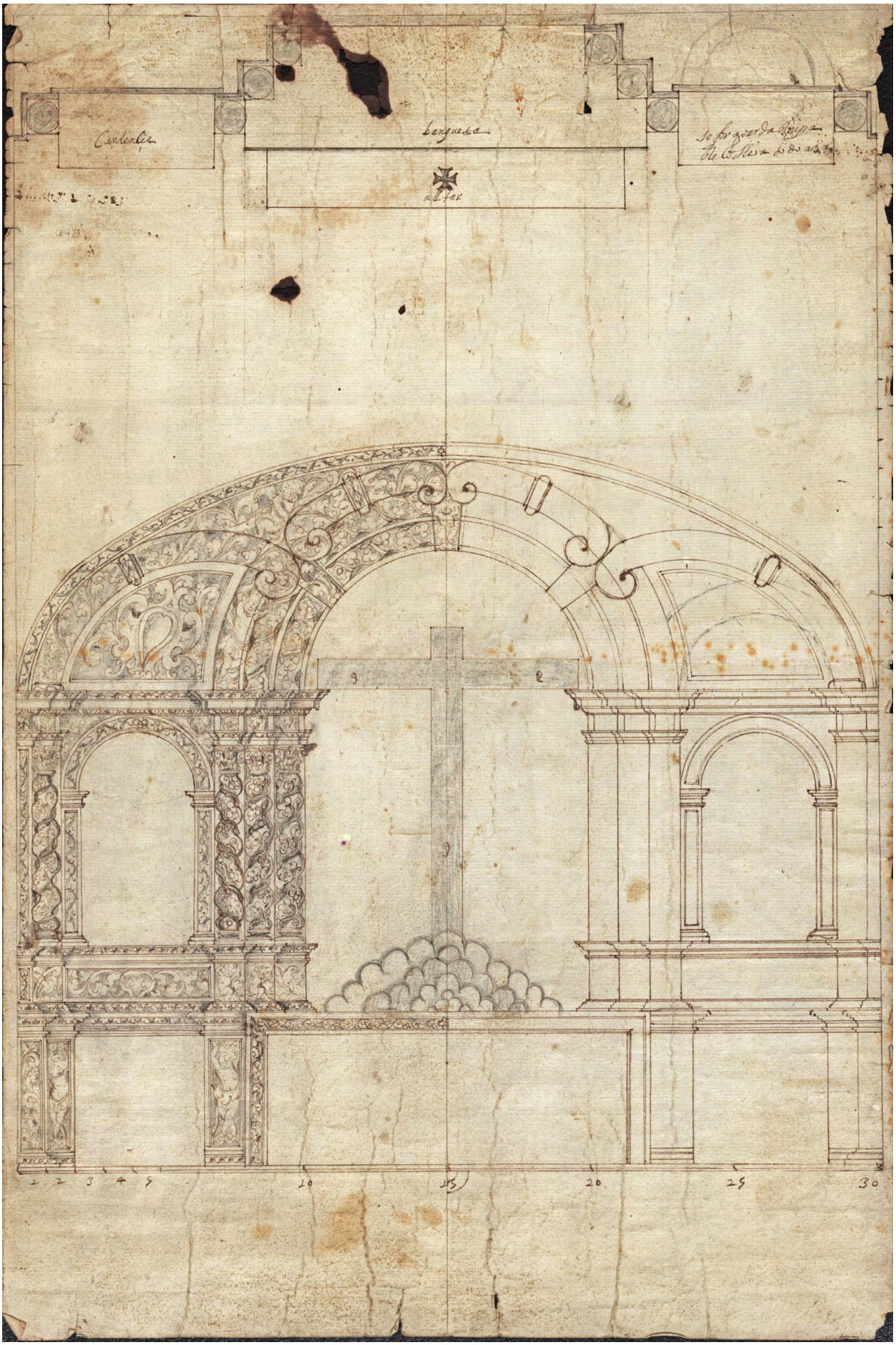
331 MARTINS, 1994, p. 634.
332 LAMEIRA, 2006, pp. 54 e 55.



Salselas (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial.
Trono do retábulo-mor.
Foto IHADBM, inv. 1492.

Catálogo de projetos e estudos de retábulos

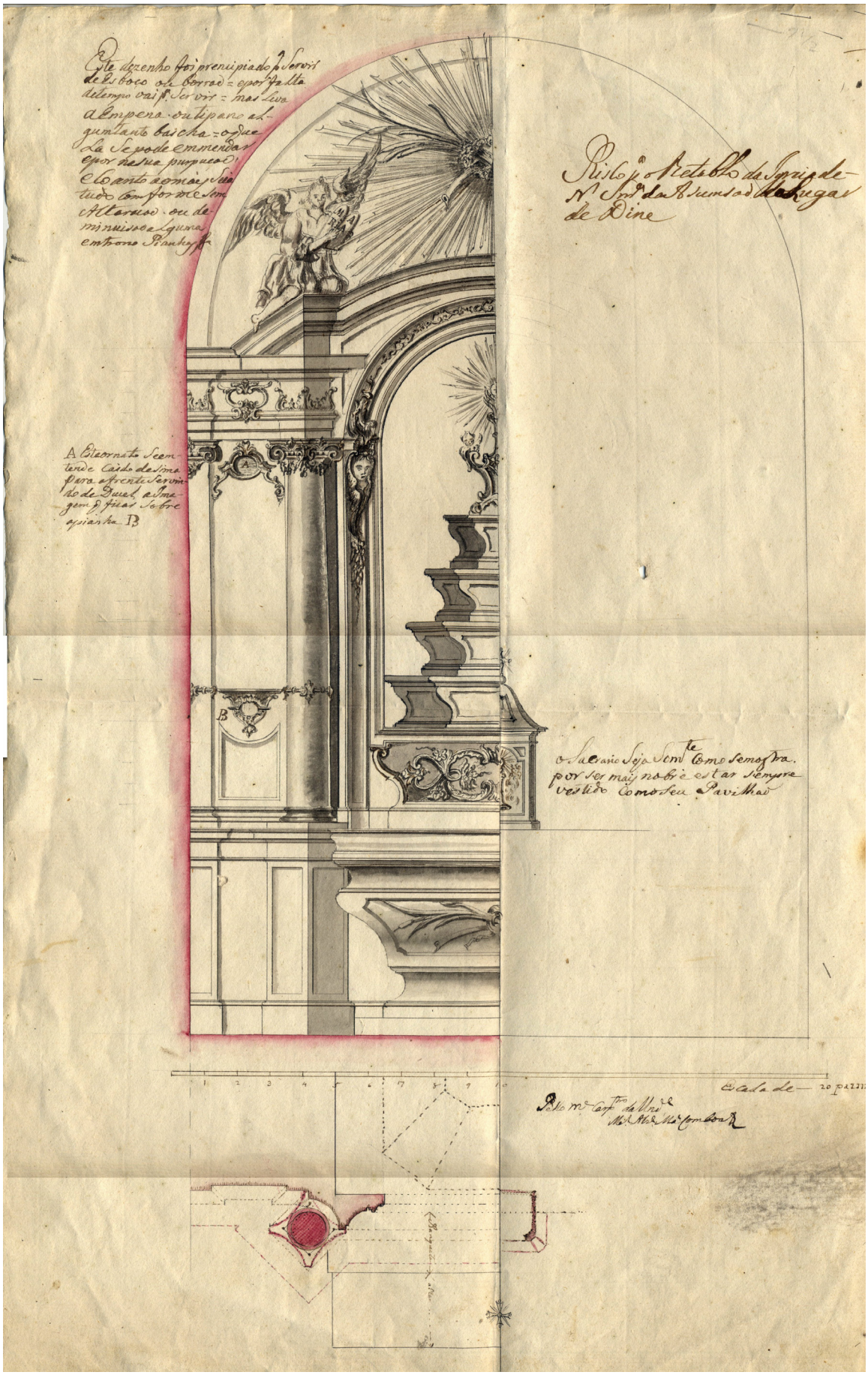




Projeto de retábulo que, eventualmente, poderá ter servido de referência ao da capela-mor da igreja de São Facundo, em Vinhais.
Universidade de Coimbra. Arquivo IV - 3.ª - Gav. 33-02.



Vinhais. Igreja de São Facundo. Retábulo-mor. Foto Município de Vinhais.



Risco para o retábulo da igreja de Nossa Senhora da Assunção do lugar de Dine.
Este desenho foi principiado para servir de esboço ou borrão e por falta de tempo vai para servir.
Pelo mestre carpinteiro da Universidade Manuel Alves Macomboa.
Universidade de Coimbra. Arquivo IV/1ª E/E22/T3/n.º2.

Apontamentos da obra de pintura e douramento do retábulo da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção do lugar de Dine, do bispado e comarca de Bragança, que manda fazer a Universidade.

1.º Será tudo bem aparelhado de forte e bem preparada cola de retalho com três demãos, de sorte que depois serão abertos e lixados os seus fundos, talha e lisos.

2.º Serão dourados todos os ornatos e nacelas e mais golas que formarem e fizerem a total composição e contraposição a toda a fatura e bom ornato do dito retábulo e seu trono e peanha do mesmo, ficando o seu ouro burnido de onde permitir a melhor luz que refletir no dito retábulo e foi e ficará também o que contrapuser e for necessário a toda a obra.

3.º Todos os lisos serão burnidos e metidos em cores de pedras de cor moderna, o mais natural que ser possa, fazendo-lhe fundos alguma cor ou roxo-escura ou alguma coisa de pedra preta com veios brancos e desta será toda a moldura da boca e se entenda por lisos e para pedras os pedestais, socos, metas, colunas, pilastras e intervalos destes termos, com tudo quanto ficar da cimalha real para cima. Raios dourados e assim as palmas e a coroa, conforme o rito e cerimónias da igreja (…) sendo nesta, as suas nacelas e redondos dourados e assim as palmas e sua provisão porque com dito fica todo o ornato será dourado por fora e dentro e o seu trono, etc.

4.º A casa do trono será e o seu teto redondo, de tumba fingido com seus engradamentos de claro escuro e damasco, tudo de cor decente, agradável e de duração, como o aparelho da mais obra e tudo burnido a onde for necessário e a obra o permitir, ficando tudo assim feito e acabado com a maior segurança e decente asseio.

Luís José Foucault (escrivão da Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra).

Lances

200$000 Francisco José de Magalhães Sampaio

190$000 Francisco Pereira de Oliveira

180$000 Francisco José de Magalhães Sampaio

170$000 Francisco Pereira de Oliveira

Virem 130$000

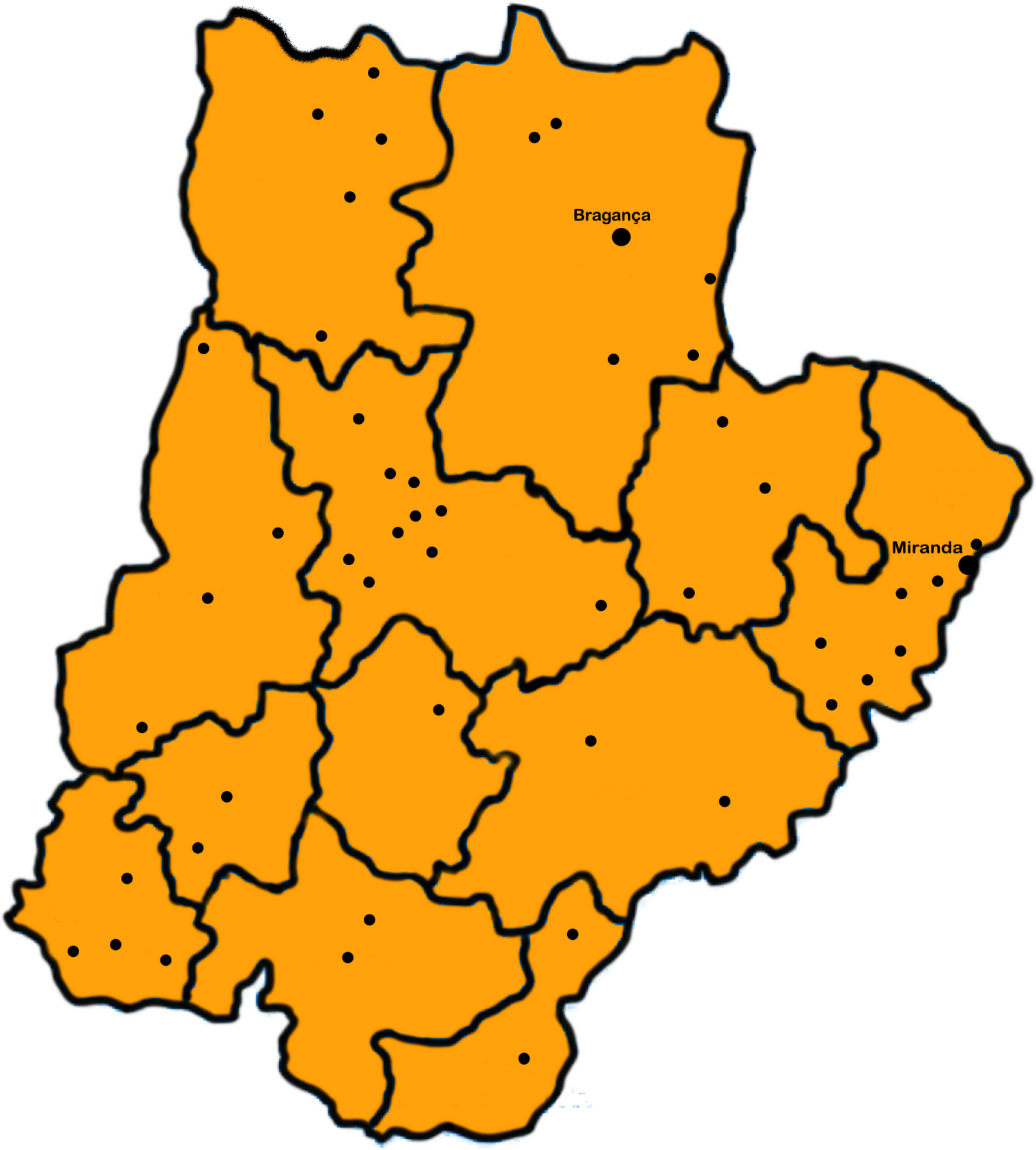
130$000 Francisco José de Magalhães Sampaio



Dine (Vinhais). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Município de Vinhais.

Mapa de Localização dos retábulos selecionados




Bragança
Miranda



Salselas (Macedo de Cavaleiros). Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor. Foto IHADBM, inv. 1492.

Catálogo dos retábulos selecionados



Mirandela. Igreja da Misericórdia. Pormenor do retábulo-mor. Foto Santa Casa da Misericórdia de Mirandela.



Picote (Miranda do Douro). Retábulo-mor da igreja de Santo Cristo dos Carrascos. Pintura mural.



Princípios do século XVI: execução – mestre de Picote (CAETANO, 2021, pp. 52 e 79). Foto Paulo Bastos.



Torre de Moncorvo. Retábulo da Parentela, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Cerca de 1520: adquirido em Antuérpia (A. RODRIGUES, 1997).
Foto Município de Torre de Moncorvo.



Bragança. Tríptico de Santo Inácio de Antioquia, do convento de Santa Clara.
Madeira pintada a óleo.
Cerca de 1560: pintura – Pedro de França (?), mestre com oficina aberta nos arredores de Murça (SERRÃO, 1995, p. 209).
Foto MBA/DRCN



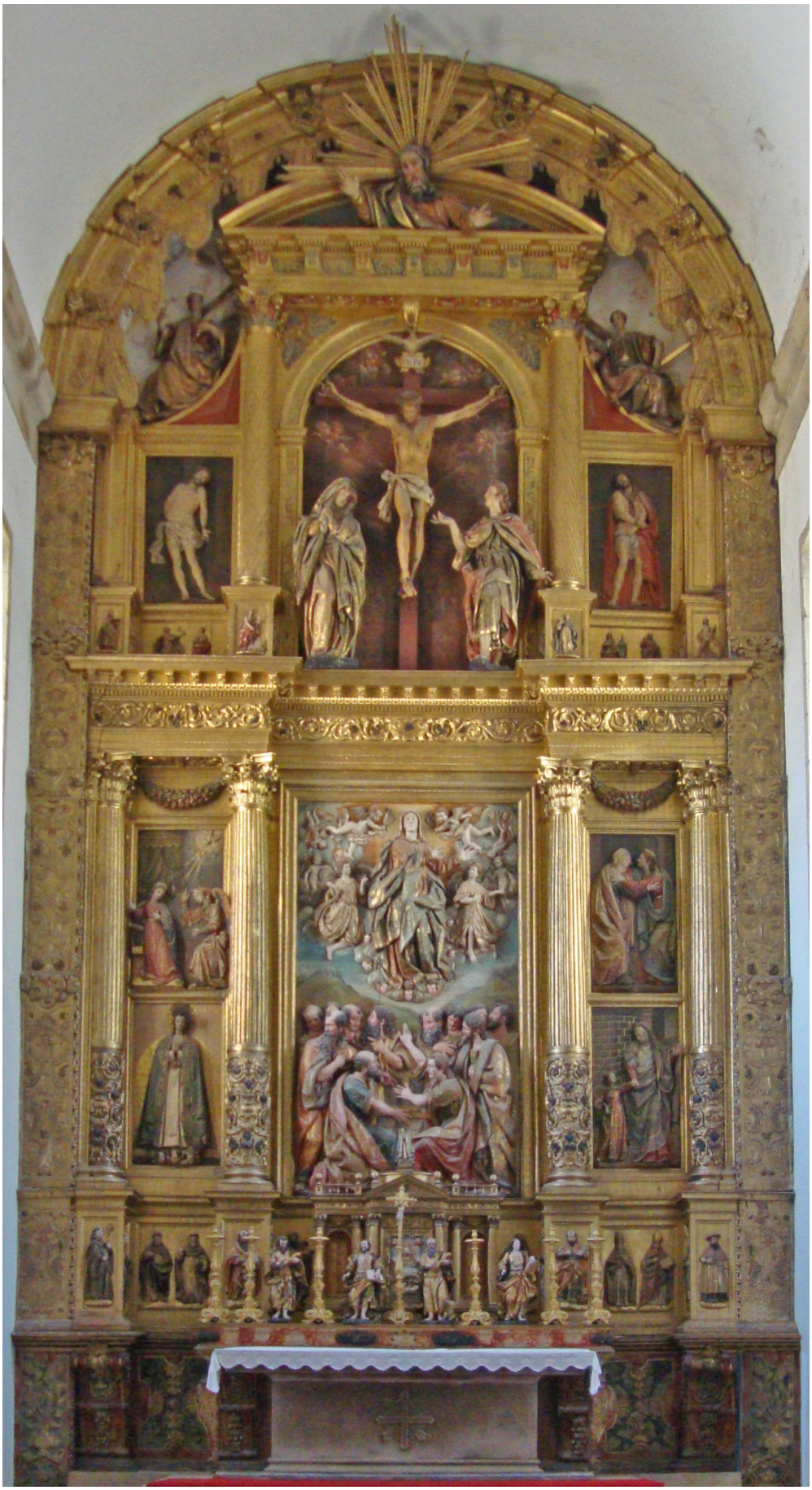
Agrochão (Vinhais). Retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Areal.
Pintura mural.
Terceiro quartel do século XVI: execução – Pedro de França (?), mestre com oficina aberta nos arredores de Murça (CAETANO, 2021, p. 49).
Foto Paulo Bastos.



Torre de Moncorvo. Retábulo da capela do Santíssimo, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Finais do século XVI/princípios do XVII: risco – Gaspar da Fonseca (?), arquiteto e mestre de obras originário da cidade de Coimbra, que residia em Miranda do Douro e posteriormente em Torre de Moncorvo; entalhe – António André Robles (?), mestre originário de Zamora, mas sediado em Miranda do Douro.
Foto Município de Torre de Moncorvo.



Algosinho (Mogadouro). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santo André.
Madeira entalhada e pintada.
Princípios do século XVII: entalhe – profissionais oriundos de Mogadouro.
Foto Município de Mogadouro.



Miranda do Douro. Retábulo-mor da concatedral de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1610 - 1614: entalhe – Juan Muniategui, Tomás Velázquez e Gregório Hernández; 1637 – douramento: Alonso Remessal, mestre originário de Zamora (MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 23 e 24); 1754: acrescentamento do *arco* em talha; novo douramento – Manuel Caetano Fortuna, mestre com oficina aberta em Miranda (MOURINHO JÚNIOR, 2006, pp. 265).
Foto D. José Cordeiro.



Miranda do Douro. Retábulo na cabeceira, atualmente da invocação de São Bento, na concatedral de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1616 (instituição da capela por Luís Álvares do Rego, abade de Sendim): entalhe – António André Robles (?), mestre originário de Zamora, mas sediado em Miranda do Douro.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Bragança. Retábulo de Santo Estevão, na igreja matriz de Santa Maria.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Antes de 1657: entalhe – mestre com oficina aberta em Bragança; 1657: pintura e douramento (data existente numa cartela do ático).
Foto Paulo Lopes.



Fonte de Aldeia (Miranda do Douro). Retábulo de Santa Cruz, na igreja paroquial de Santa Ana.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1659: entalhe – Manuel Marcos, mestre com oficina aberta em Prado Gatão – Miranda do Douro (MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 37 e 38).
Foto Paulo Lopes.



Mogadouro. Retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1660: entalhe – António Lopes de Sousa (?), mestre com oficina aberta em Torre de Moncorvo; década de 1680: feitura do sacrário e abertura do camarim no tramo central do segundo corpo - Francisco Lopes de Matos (?), mestre com oficina aberta em Viseu (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 53).
Foto Município de Mogadouro.



Miranda do Douro. Retábulo de Senhora da Alegria ou das relíquias, na concatedral de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1662: entalhe – António Lopes de Sousa, mestre com oficina aberta em Torre de Moncorvo; 1666: douramento – António de Oliveira, mestre também originário de Torre de Moncorvo (MOURINHO JÚNIOR, 1984, pp. 32 e 33).
Foto Comissão de Arte Sacra da Diocese de Bragança-Miranda.



Mogadouro. Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1667 (cronograma existente na lápide do instituidor desta capela): entalhe – António Lopes de Sousa (?), mestre com oficina aberta em Torre de Moncorvo; década de 1990: douramento.
Foto Município de Mogadouro.



Mogadouro. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1670: entalhe – mestre com oficina aberta em Torre de Moncorvo; princípios do século XVIII: remodelação do ático.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Mogadouro.



Miranda do Douro. Retábulo do Santíssimo, na concatedral de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1672: Francisco Lopes de Matos, mestre com oficina aberta em Viseu (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 35).
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Miranda do Douro. Retábulo das Almas, na igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1677 (cronograma existente na arquivolta do arco de pedraria): entalhe – eventualmente Lourenço Baptista, mestre com oficina aberta em Miranda do Douro.
Foto Arménio Gomes.



Bragança. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1681: entalhe – Manuel de Madureira, mestre com oficina aberta em Bragança (CASTRO, 1948, p. 72 e 74).
Foto Hélio Ramos.



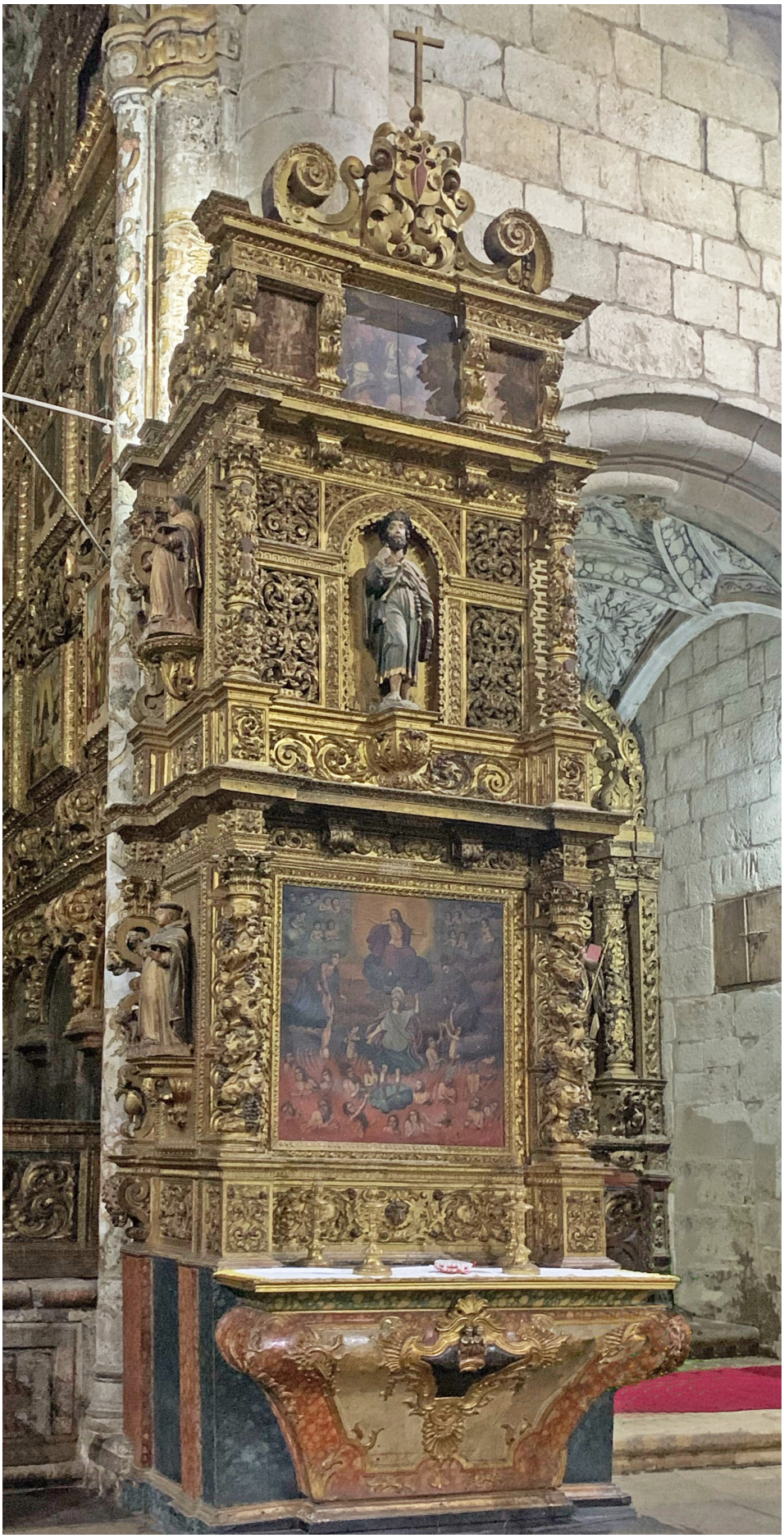
Cércio (Miranda do Douro). Retábulo de Santo Cristo, na igreja paroquial de Santa Leocádia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1692 (data existente no arco da capela): entalhe – eventualmente Lourenço Baptista, mestre com oficina aberta em Miranda do Douro (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 92).
Foto Padre António A. Ferreira Pires.



Fonte de Aldeia (Miranda do Douro). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santa Ana.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1693 (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 84): entalhe – eventualmente Lourenço Baptista, mestre com oficina aberta em Miranda do Douro.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.



Moimenta (Vinhais). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1697: entalhe – mestre com oficina aberta na região; 1699 a 1702: douramento (L. RODRIGUES, 2001, 2, PP. 785 E 786).
Foto Município de Vinhais.



Freixo de Espada-à-Cinta. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Finais do século XVII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. A mesa do altar é da segunda metade de Setecentos.
Foto Padre Manuel Rodrigues.



Morais (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santo André. Madeira entalhada, dourada e pintada. terceiro quartel do século XVIII: renovação de diversos elementos, nomeadamente a mesa do altar,
Foto IHADBM, inv. 8116.



Finais do século XVII: entalhe – Lourenço Baptista (?), mestre com oficina aberta em Miranda do Douro; o sacrário, o trono e alguns ornatos dos tramos laterais.



Meixedo (Bragança). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santo André.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVII: risco e entalhe – eventualmente Lourenço Baptista, mestre com oficina aberta em Miranda do Douro.
Foto Padre Vítor Magalhães.



Felgar (Torre de Moncorvo). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Finais do século XVII: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Maria José Pedrosa.



Bragança. Arco triunfal retabular da igreja de São Vicente. Madeira entalhada e predominantemente dourada.



Finais do século XVII: entalhe (L. RODRIGUES, 1997, pp. 132 e 133). Foto Paulo Barreira



Quintela de Paçó (Vinhais). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1700: entalhe – mestre entalhador da região; 1700: douramento (L. RODRIGUES, 2001, 2, pp. 156 e 157).
Foto Padre Francisco Ferreira.



Barcel (Mirandela). Retábulo-mor da ermida de Santa Marta.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1699 (data inscrita no portal principal): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre Tiago Alves.



Cortiços (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Nicolau, da Companhia de Jesus. Madeira entalhada, dourada e pintada.
1703: entalhe – Bento Pereira; 1718: douramento – Gervásio da Silva Ribeiro, mestre originário de Entre Douro e Minho (L. RODRIGUES, 2006, pp. 107 e 108).
Foto Hélio Ramos.



Fornos (Freixo de Espada à Cinta). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Eulália.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Princípios do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região; segunda metade do século XVIII: remodelação da mesa do altar.
Foto CCR-DBM.



Seixo de Manhoses (Vila Flor). Retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Rosário.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Princípios do século XVIII: entalhe – Frutuoso de Azevedo (?), mestre com oficina aberta em Braga.
Foto CCR-DBM.



Podence (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Princípios do século XVIII: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 638) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Duas Igrejas (Miranda do Douro). Primitivo retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção do Monte.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Pouco antes de 1716 (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 76): entalhe - João Francisco (?), mestre com oficina aberta em Veigas – Bragança. Em sucessivas campanhas de obras este retábulo foi complementado até preencher a totalidade da parede testeira da capela-mor.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.



Bragança. Retábulo-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Por volta de 1718: entalhe – Manuel Gomes da Silva (?), mestre com oficina aberta em Arcos de Valdevez (LAMEIRA, 2006, pp. 226 e 227).
Foto Hélio Ramos.



Mirandela. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1720: entalhe; 1720: douramento – António da Rocha Chaves, mestre com oficina aberta no termo de Vila Real (L. RODRIGUES, 2006, pp. 130 a 132).
Foto Santa Casa da Misericórdia de Mirandela.



Bragança. Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Pouco antes de 1720: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 527) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Bragança.



Macedo de Cavaleiros. Retábulo de São José, na igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Pouco antes de 1721 (MOURINHO JÚNIOR, 2007, p. 495): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Outeiro (Bragança). Retábulo-mor da basílica de Santo Cristo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1721-1722: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 470) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Bragança.



Salselas (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor igreja paroquial de São Lourenço.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1723: entalhe – João Francisco, mestre com oficina aberta em Veigas – Bragança; 1727: douramento – Gaspar de Magalhães – mestre sediado em Vale de Celas – Mirandela (MORGADO, LEAL e SILVA, 2005, p. 22).
Foto IHADBM, inv. 1492.



Bragança. Retábulo de São Baptista, na igreja monástica de São Bento.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Paulo Barreira.



Lamas (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da ermida de São Sebastião.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta na região. O revestimento em talha que emoldura o nicho resulta de uma alteração um pouco posterior.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Castelãos (Macedo de Cavaleiros). Retábulo de São Zenão, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta na região. A mesa do altar resulta de uma remodelação bastante posterior.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Santa Comba de Vilariça (Vila Flor). Retábulo lateral, na igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1720: entalhe– mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre Francisco Pimparel.



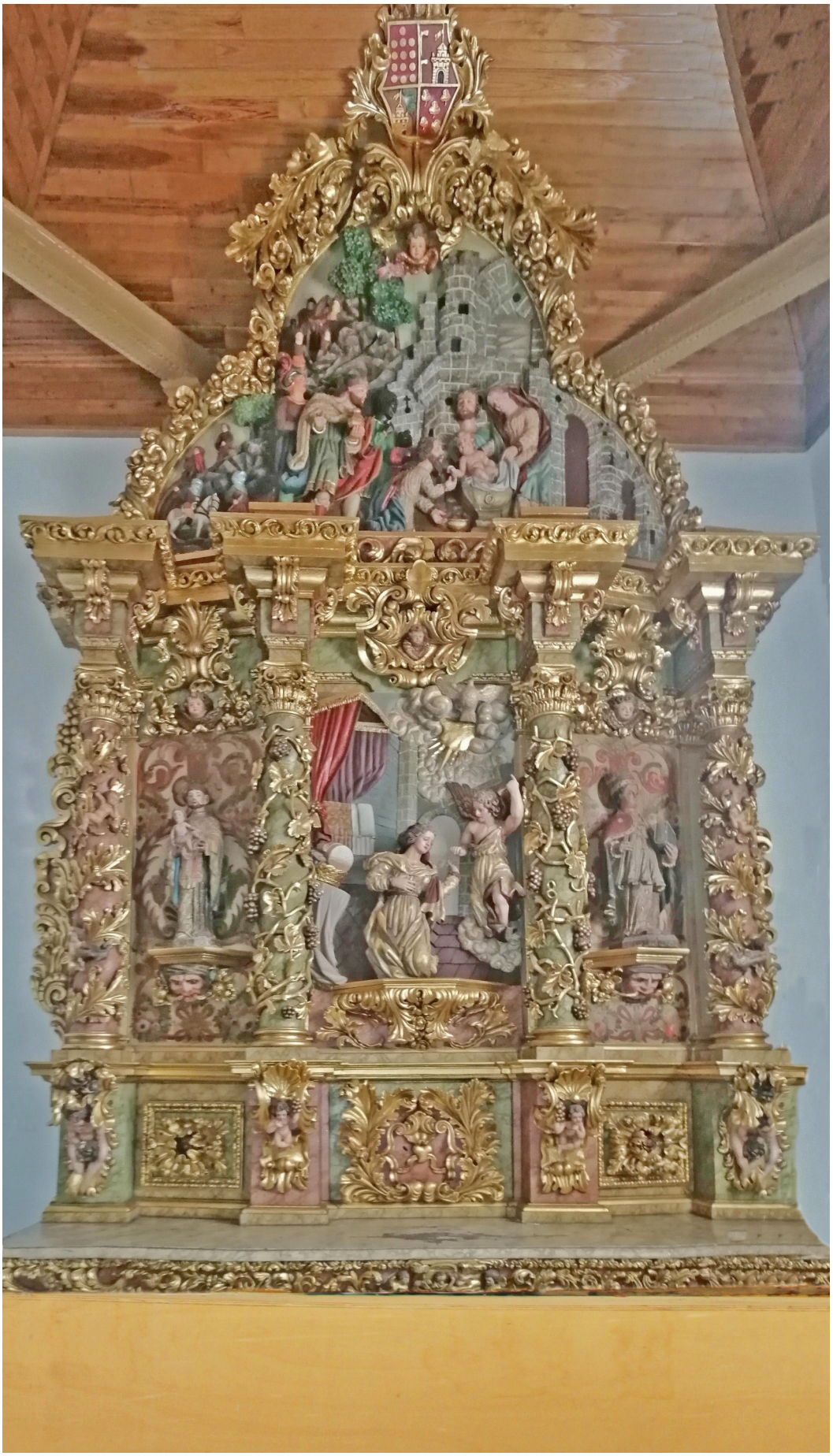
Vimioso. Retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre Rufino Xavier.



Mirandela. Retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Amparo, proveniente da destruída capela de Santo António, pertença do padre Miguel Gomes Pereira.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1720: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto CCR-DBM.



Freixo de Espada-à-Cinta. Retábulo colateral, na igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Décadas de 1720/1730: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. A mesa do altar é da segunda metade de Setecentos. Sobre a banqueta assenta um painel em relevo escultórico quinhentista representando os bustos dos quatro Evangelistas, de proveniência desconhecida.
Foto Padre Manuel Rodrigues.



Parada (Bragança). Retábulo da Adoração dos Reis, na igreja paroquial de São Genésio.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Décadas de 1720-1730: entalhe – mestre eventualmente originário da região de Entre Douro e Minho.
Foto Sandra Afonso.



Freixo de Espada-à-Cinta. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1731-1734: entalhe – Frutuoso Lourenço Ferraz (PINTADO, 2001, pp. 127 a 131), mestre com oficina aberta em Lagoaça – Freixo de Espada à Cinta.
Foto Hélio Ramos.



Vale de Prados (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Jerónimo.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1730: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Agrobom (Alfândega da Fé). Igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1730: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto CCR-DBM.



Seixo de Ansiães (Carrazeda de Ansiães). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Sebastião. Madeira entalhada e dourada.



Década de 1730: entalhe – mestre de Carrazeda de Ansiães. Foto Município de Carrazeda de Ansiães.



Marzagão (Carrazeda de Ansiães). Retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de São João Baptista.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1730: entalhe – mestre de Carrazeda de Ansiães.
Foto Município de Carrazeda de Ansiães.



Bragança. Igreja conventual de São Francisco. Retábulo de Santa Luzia.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Década de 1740: entalhe – profissionais da região.
Foto Guilherme Moutinho - UFSSMM.



Vila Flor. Retábulo de Nossa Senhora das Dores, na igreja paroquial de São Bartolomeu.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1740: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. Finais do século XVIII: feitura da mesa do altar.
Foto Padre Delfim Gomes.



Macedo de Cavaleiros. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente originários da região de Entre Douro e Minho. A mesa do altar resulta de uma intervenção recente.
Foto Padre Roberto Carlos Felipe.



Ferreira (Macedo de Cavaleiros). Retábulo da capela-mor, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto IHADBM, inv. 7849.



Vale Benfeito (Macedo de Cavaleiros). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região; 1753: douramento – José Luís, sediado em Cedães – Mirandela (L. RODRIGUES, 2006, pp. 100 e 111).
Foto IHADBM, inv. 6305.



Soutilha (Mirandela). Retábulo das Almas, na igreja de Santa Catarina.
Pintura mural.
Segundo quartel do século XVIII: pintura – profissionais da região.
Foto Joaquim Inácio Caetano.



Torre de Moncorvo. Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1752: entalhe – Jacinto da Silva, reputado mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Braga (FERREIRA ALVES, 1985).
Foto Município de Torre de Moncorvo.



Argozelo (Vimioso). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Frutuoso.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1753: entalhe – João Duarte Pinto, mestre com oficina aberta nas Veigas – Bragança (L. RODRIGUES, 2006, pp. 187 e 188); 1767: douramento – Damião Rodrigues Bustamante (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 207), mestre originário de Valladolid, mas sediado no concelho de Macedo de Cavaleiros.
Foto Padre Aníbal Anunciação.



Avantos (Mirandela). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santo André.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1756 (campanha de obras na igreja, com data no portal principal): risco e entalhe – mestre com oficina aberta na região; 1773: pintura datada e assinada nos caixotões da cobertura da nave – *Damião Vallsoleri*.
Foto Município de Mirandela.



Donai (Bragança). Retábulo de Santa Teresa, na igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Pouco antes de 1758: entalhe – mestre com oficina aberta em Bragança.
Foto Padre Amaro Pombal.



Sendim (Miranda do Douro). Retábulo da ermida do Senhor da Boa Morte.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1759 (inscrição existente no portal principal): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.



Quintanilha (Bragança). Retábulo colateral, na ermida de Nossa Senhora da Ribeira.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1750: entalhe – mestre com oficina aberta em Bragança; terceiro quartel do século XVIII: colocação de uma nova mesa de altar.
Foto Sofia Bernardo.



Miranda do Douro. Retábulo do Santíssimo, na concatedral de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1760 (data existente no gradeamento da capela): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Mirandela. Retábulo lateral da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Cerca de 1761 (data existente num dos retábulos laterais): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Mirandela.



Bragança. Retábulo de São Pedro, na igreja monástica de São Bento.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria
Cerca de 1763 (data existente na pintura da cobertura): entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Paulo Barreira.



Bragança. Retábulo da capela do paço episcopal.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1764: entalhe – João Duarte Pinto, mestre com oficina aberta no lugar de Veigas – Bragança (L. RODRIGUES, 2001, 1, pp. 345 e 346).
Foto MAB/DCRN.



Tuizelo (Vinhais). Retábulo de São Barnabé(?), no santuário de Nossa Senhora dos Remédios.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1770: risco - frei José de Santo António Vilaça (?), monge beneditino e reputado entalhador e debuxador; entalhe – mestre originário da região de Braga.
Foto José Afonso – Junta de Freguesia de Tuizelo.



Avantos (Mirandela). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de Santo André. Madeira entalhada, dourada e pintada.



1770 (campanha de obras na igreja): entalhe – mestre com oficina aberta na região. Foto Município de Mirandela.



Ferreira (Macedo de Cavaleiros). Retábulo do Senhor Crucificado, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Antes de 1774: entalhe – mestre com oficina aberta na região; 1774: pintura – Jerónimo Correia Fortuna (MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 610).
Foto IHADBM, inv. 7851.



Ferreira (Macedo de Cavaleiros). Retábulo do Coração de Jesus, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1774: risco e entalhe desconhecido, denunciando influência de algumas oficinas bracarenses; pintura: – Jerónimo Correia Fortuna (MOURINHO JÚNIOR, 1995, p. 610), mestre sediado em Miranda do Douro.
Foto Município de Macedo de Cavaleiros – Nuno Escudeiro.



Sendim (Miranda do Douro). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Década de 1770: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 145) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre António A. Ferreira Pires



Algoso (Vimioso). Retábulo-mor da ermida de São João Baptista.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Década de 1770: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 202) – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Padre Rufino Xavier.



Algoso (Vimioso). Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Cerca de 1780: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 212) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Algoso.



Vila Chã da Braciosa (Miranda do Douro). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Cristóvão.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1782: entalhe (MOURINHO JÚNIOR, 1984, p. 142) – profissionais com oficina aberta provavelmente em Miranda do Douro.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.



Nuzedo de Baixo (Vinhais). Retábulo-mor, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Expectação.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Segunda metade do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Padre Paulo Pimparel.



Linhares (Carrazeda de Ansiães). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Miguel.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1799: risco – Manuel Caetano de Sousa (?), arquiteto régio, morador em Lisboa; entalhe – José António Machado, mestre com oficina aberta em Sever – Santa Marta de Penaguião; pintura – António José de Araújo Sarmento, mestre sediado em Vila Flor (L. RODRIGUES, 2006, pp. 90 a 96).
Foto Município de Carrazeda de Ansiães.



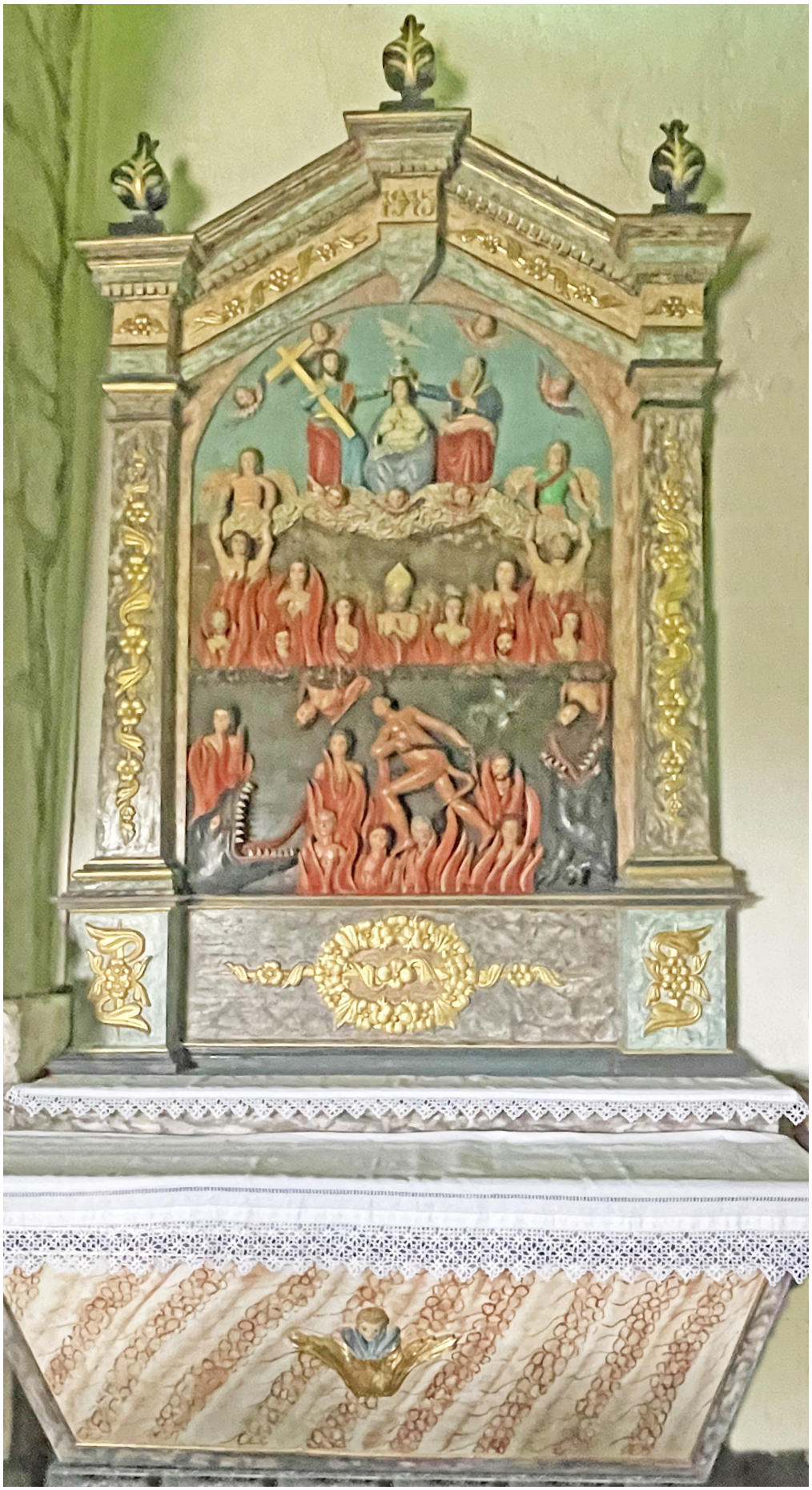
São João das Arribas (Miranda do Douro). Retábulo da ermida de São João Evangelista.
Pintura mural e oratório, com portas, de madeira.
Século XIX: pintura e entalhe – profissionais residentes na região.
Foto Patrícia Caldeira.



Belver (Carrazeda de Ansiães). Retábulo-mor da ermida de Santo Cristo.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVIII/princípios do XIX: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Município de Carrazeda de Ansiães.



Vila Flor. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1906: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Hélio Ramos.



Cércio (Miranda do Douro). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santa Leocádia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1915: entalhe – mestre desconhecido.
Foto Padre António A. Ferreira Pires.

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

A. ALVES, Alexandre (2001) – *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, 3 vols., Viseu.

F. ALVES, padre Francisco Manuel (2000) – *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, 11 vols., Bragança.

ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700 - 1830*, Lisboa.

CAETANO, Joaquim Inácio (2016) – "Retábulos fingidos na pintura mural portuguesa", *O Retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia*, Lisboa, vol.1, pp. 353 a 365.

CAETANO, Joaquim Inácio (2021) – *Pintura mural: a raia transmontana no século XVI*, Porto.

CASTRO, padre João Baptista de (1762 e 1763) – *Mapa de Portugal antigo e moderno*, Tomos 1 e 2, Lisboa.

CASTRO, padre José de (1946) - *Bragança e Miranda*, Porto.

CASTRO, padre José de (1948) – *A Santa Casa da Misericórdia de Bragança*, Lisboa.

COELHO, Teresa de Campos (2018) – *Os Nunes Tinoco. Uma dinastia de arquitetos régios dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa.

COSTA, João Mário Soalheiro (1997) – "Riscos de Macomboa. Obras da Universidade de Coimbra em terras de Bragança", *Atas do Congresso Histórico Páginas da História da Diocese de Bragança – Miranda*, Bragança, pp. 63 a 75.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (1990) – *Manuel Alves Macomboa. Arquiteto da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra*, Coimbra.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2002) – *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra.

Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, *Freixo de Espada à Cinta*, vol.18, n.º 186, pp. 1127 a 1130.

Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, *Torre de Moncorvo*, vol.37, n.º 75, pp. 659 a 674.

Dicionário Geográfico de Portugal, 1758, *Vila Flor*, vol.40, n.º 211, pp. 1265 a 1272.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1985) – "Nótula para a história do retábulo da capela-mor da igreja matriz de Torre de Moncorvo", Sep. da *Brigantia*, Bragança.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1989) – *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnicas)*, 2 vols., Porto.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho e **FERREIRA ALVES**, Joaquim Jaime (1979) – "A Igreja matriz de Torre de Moncorvo. Documentos para a História da sua *fábrica* "(1747 - 1800), Sep. do *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*. Vila do Conde.

FIGUEIREDO, Ana Paula Valente (2008) – *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição. Análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

GLÓRIA, Ana Celeste (2016) – "Novos contributos para o estudo dos artistas e artífices setecentistas do concelho de Carrazeda de Ansiães", *Revista CEPIHS*, n.º 6, Vila Nova de Famalicão, pp. 307 a 335.

GOMES, Paulo Varela (2009) – *O sistema de coros nas sés portuguesas do século XVI: forma, antecedentes medievais e significado*, lição apresentada nas provas de agregação, Universidade de Coimbra.

LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo na Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (Promontoria Monográfica História da Arte 02), Faro.

LAMEIRA, Francisco (2009) – *O Retábulo nas Misericórdias Portuguesas* (Promontoria Monográfica História da Arte 04), Faro.

LAMEIRA, Francisco (2020) – *Retábulos no Mundo Português* (Promontoria Monográfica História da Arte 20), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **EVARISTO**, Carlos, **LOUREIRO**, José João (2016) – *Retábulos Relicários* (Promontoria Monográfica História da Arte 13), Faro.

LANGHANS, Franz-Paul (1945) – *As corporações dos ofícios mecânicos*, Lisboa.

LEAL, Lécio da Cruz (2006) – "Enfim Barroca? A talha na igreja de São Martinho de Lagoa (1681 – 1724)", *Cadernos Terras Quentes*, n.º 3, Macedo de Cavaleiros, pp. 113 a 125.

LOPES, Paulo (2006) – Os *retábulos de estilo nacional na região da Terra Fria*, dissertação de mestrado, Universidade do Porto.

MARTINS, Fausto Sanches (1991) – "Trono eucarístico do retábulo barroco português: origem, função, forma e simbolismo", *Atas do I Congresso Internacional do Barroco*, 2.º vol., Porto, pp. 17 a 58.

MARTINS, Fausto Sanches (1994) – *A arquitetura dos primeiros colégios jesuítas de Portugal*, tese de douramento, Universidade do Porto.

MECO, José (2001), "Contaminações dos materiais e das formas. Arcos triunfais retabulares", *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, p. 311.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2016) – *Devoção em Viagem*, Lisboa.

MORAIS, Cristiano (2014) – *Por terras de Ansiães. Estudos monográficos*, vol.2, Carrazeda de Ansiães.

MOREIRA, Rafael (1995) – "Arquitetura: Renascimento e classicismo", *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, vol.2, pp. 303 a 364.

MORGADO, Carlos, **LEAL**, Lécio e **SILVA**, Lília (2005) – "O inventário histórico-artístico do concelho de Macedo de Cavaleiros: primeiros contributos de levantamento (campanhas do verão de 2004", *Cadernos Terras Quentes*, n.º 2, Macedo de Cavaleiros, pp. 135 a 156.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (1984) – *A talha nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso nos séculos XVII e XVIII*, Braga.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (1988) – "O retábulo do altar-mor da igreja de Santa Cruz de Miranda do Douro", *Brigantia – Revista de cultura*, Bragança, 8, n.º 3 -4.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (1995) – *Arquitetura religiosa da Diocese de Miranda do Douro* – Bragança, Sendim.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (2006) – "O retábulo do altar-mor da catedral de Miranda do Douro", *Boletim del Seminário de Estúdios de Arte y Arqueologia*, tomo LIV, Valladolid.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (2009) – *Documentos para o estudo da arquitetura religiosa na antiga Diocese de Miranda do Douro – Bragança. 1545 a 1800*, s. l.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (2012) – *A Santa Casa da Misericórdia de Miranda do Douro. História e Solidariedade*.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (2014) – *A catedral de Miranda do Douro*, s.l.

NOÉ, Paula (2005) – "Colégio do Santo Nome de Jesus/Catedral de Bragança", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

NOÉ, Paula (2011) – "Igreja paroquial de Parâmio/Igreja de São João Baptista", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

NOÉ, Paula (2013) – "Santuário de Nossa Senhora do Amparo", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

NOGUEIRO, Maria Emília Pires (2015) – A escultura da Ordem Franciscana da Diocese de Bragança – Miranda, tese de doutoramento, Universidade de Salamanca.

C. OLIVEIRA, Carlos Prada de (2006) – *A Diocese de Miranda em meados do séc. XVIII segundo as Memórias Paroquiais de 1758*, dissertação de mestrado, Universidade do Minho.

M. OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de (1992) – "Uma *irmandade* volante do século XVIII. O folheto *Lágrimas das Almas*", *Línguas e Literaturas. Revesta da Faculdade de Letras do Porto*, II série, vol. IX, pp. 349 a 354.

***PÁGINAS DA HISTÓRIA DA DIOCESE DE BRAGANÇA-MIRANDA. Atas** do Congresso histórico 450 Anos da Fundação*, Bragança, 1997.

PINTADO, Francisco António (2003) – "O retábulo da igreja da Misericórdia de Freixo de Espada-à-Cinta", *Brigantia – Revista de cultura*, Bragança, n.º 23, pp. 127 a 131.

PORTELA, Miguel (2019) – "O entalhador José Manuel Machado: breves notas de investigação", *Antrope*, pp. 105 a 131.

A. RODRIGUES, Adriano Vasco (1997) – "O retábulo flamengo da Parentela de Santa Ana, na igreja Matriz de Torre de Moncorvo", *Estudos sobre Escultura e Escultores do Norte da Europa em Portugal. Época Manuelina*, Lisboa, pp. 235 a 261.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (1995) – *Bragança no século XVIII. Urbanismo. Arquitetura*, dissertação de mestrado, Universidade do Porto.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (1997) – "A reforma iconográfica e o apelo aos sentidos. A talha em Bragança: reflexos sobre alguns exemplares maneiristas e de Estilo Nacional (1657 - 1728)", *Atas do Congresso Histórico Páginas da História da Diocese de Bragança – Miranda*, Bragança.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2000) – "O entalhador António André Robles: notícia de algumas obras executadas no século XVII para a capela-mor da Sé de Miranda", Sep. da Revista *Brigantina*, vol. XX, n.º 3-4, Bragança.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2001) – *De Miranda a Bragança: arquitetura religiosa de função paroquial na época moderna*, tese de doutoramento, Universidade do Porto.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2005) – "O santuário transmontano de Santo Cristo do Outeiro. Obras e artistas", *Artis*, n.º *4*, Lisboa.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2006) – *Arte da Talha Dourada e Policromada do Distrito de Bragança. Documentos. Séculos XVII e XVIII*, Mirandela.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2008) – "Contributos artísticos de estrangeiros na região ocidental de Trás-os-Montes e oficinas locais. Séculos XVI a XVIII", *Artistas e artífices no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, pp. 93 a 111.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2010 - 2012) – "Notícias da atividade do entalhador João Francisco e do pintor Gaspar de Magalhães em Trás-os-Montes durante o século XVIII", *Revista da Faculdade de Letras*, IX

- XI, Lisboa, pp. 303 a 320.

O. RODRIGUES, Olinda Maria de Jesus (2010) – *As alminhas em Portugal e a devolução da memória. Estudo, recuperação e conservação*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

SANTA ANA, Frei Belchior de (1657) – *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa.

SANTA MARIA, frei Agostinho (1716) – *Santuário Mariano*, vol. 5, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1995) – "Tríptico de Santo Inácio de Antioquia", *A pintura maneirista em Portugal. Arte no tempo de Camões*, Lisboa.

F I M.





Marzagão (Carrazeda de Ansiães). Igreja paroquial. Sacrário de retábulo colateral. Foto Município de Carrazeda de Ansiães.

Agrochão (Vinhais). Igreja paroquial.
Pormenor de retábulo colateral.
Foto Município de Vinhais.



Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: há Deus! E olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojarás de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário...

E agora, como então, verás o mundo exangue,
E ouvirás perguntar — de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?

(Antero de Quental, "A um Crucifixo. 1860-1862", *Os Sonetos completos de Antero de Quental*, 1886, p.20.)

